



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO**  
**DE HISTÓRIA/UFS – PROFHISTÓRIA**

**LIDIANE METODIO DOS SANTOS**

**SILA E MARIA BONITA: duas biografias para ressignificação da história das  
mulheres no ensino de história**

**SÃO CRISTÓVÃO**

**2023**

LIDIANE METODIO DOS SANTOS

SILA E MARIA BONITA: duas biografias para ressignificação da história das mulheres no ensino de história

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Ensino de História, nível de Mestrado Profissional, da Universidade Federal de Sergipe (UFS) como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Ensino de História  
Orientador: Prof. Dr. Paulo Heimar Souto

SÃO CRISTÓVÃO  
2023

## FICHA CATALOGRÁFICA

LIDIANE METODIO DOS SANTOS

SILA E MARIA BONITA: duas biografias para ressignificação da história das mulheres no ensino de história

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Sergipe – UFS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

São Cristóvão – SE, 24 de fevereiro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Paulo Heimar Souto  
Universidade Federal de Sergipe  
Orientador

---

Profa. Dra. Marizete Lucini  
Universidade Federal de Sergipe

---

Prof<sup>ª</sup> Dra. Ilka Miglio de Mesquita  
Profa. aposentada – pesquisadora do portal Bicentenário



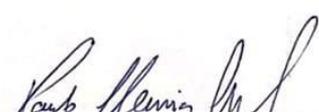
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
DO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA



PROFHISTÓRIA  
MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA

Ata da Defesa de LIDIANE METODIO DOS SANTOS,  
do Curso de Mestrado Profissional em Ensino de  
História, do Programa de Pós-Graduação Profissional  
em Ensino de História, da Universidade Federal de  
Sergipe, ocorrida no dia 24 de fevereiro de 2023.

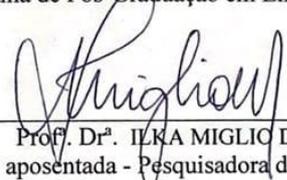
Aos vinte e quatro dias do mês de fevereiro de 2023, às 14h, no auditório do Departamento de Educação do Campus de São Cristóvão da Universidade Federal de Sergipe, reuniu-se em sessão pública a banca examinadora aprovada pelo Colegiado do Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História, constituída pelo Prof. Dr. PAULO HEIMAR SOUTO (Orientador), Profª. Drª. MARIZETE LUCINI (Avaliadora Interna) e Profª. Drª. ILKA MIGLIO DE MESQUITA (Avaliadora Externa à Instituição). Iniciados os trabalhos, a presidência deu conhecimento aos membros da banca e à candidata das normas que regem o Exame de Defesa. A seguir, a candidata iniciou seu Exame, apresentando sua Dissertação de Defesa, **SILA E MARIA BONITA: DUAS BIOGRAFIAS PARA RESSIGNIFICAÇÃO DA HISTÓRIA DAS MULHERES NO ENSINO DE HISTÓRIA**, na Linha de Pesquisa: SABERES HISTÓRICOS NO ESPAÇO ESCOLAR. Os membros da banca formularam questões para serem respondidas pela mestranda. Após suas respostas, procedeu -se ao julgamento do Exame de Defesa, sendo a Mestranda considerada **aprovada**. Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente Ata, que vai assinada pelos membros da banca examinadora. Cidade Universitária Professor José Aloísio de Campos (São Cristóvão), 24 de fevereiro de 2023.

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. PAULO HEIMAR SOUTO

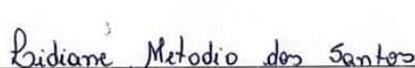
Programa de Pós-Graduação em Ensino de História - UFS

  
\_\_\_\_\_  
Profª. Drª. MARIZETE LUCINI

Programa de Pós-Graduação em Ensino de História - UFS

  
\_\_\_\_\_  
Profª. Drª. ILKA MIGLIO DE MESQUITA

Profª aposentada - Pesquisadora do Portal Bicentenário

  
\_\_\_\_\_  
Profª. LIDIANE METODIO DOS SANTOS

## **Agradecimentos**

Agradeço a Deus todos os dias, independente de todas as teorias de Nietzsche e demais filósofos que argumentam da sua inexistência, acredito e sei que, em diversos momentos da vida, somos apenas Deus e eu.

Acredito também que Deus coloca pessoas em nossa vida para fazer-nos sentir sua presença e cuidado, por isso agradeço a todos da minha família por todo incentivo e apoio emocional. A minha mãe – Maria José Metodio, agricultora, guerreira, analfabeta, que sempre cuida de mim, esse trabalho também é para você. Irmã: Viviane Maria e irmãos, José Wellington e Sivaldo José. As minhas cunhadas Ana Cláudia e Regina e aos meus sobrinhos Laura Valentina e Matheus por trazerem alegria aos meus dias.

Muitas pessoas levo no coração durante a caminhada da vida, muitos ajudaram a me tornar quem sou, agradeço a todos que souberam aceitar meus não, as vezes que me isolei e deixei de estar com vocês. Aos amigos que ouviram tantas vezes as minhas inseguranças, angústias ao falar da vida, da pesquisa e dos meus sonhos. Muito obrigada: Aline, Kyvia, Lhara, Rayanne, Symone, Grazielle, Edileide, Thayanne, Silvio, Deodato, Maciel, Maria Aparecida, Fernando, Fábio Barbosa, Larissa, Vanessa, Érica, Danilo, Gabriel Paulino, Geovana e Wanderson que acreditaram em mim quando eu já não acreditava mais.

Agradeço as minhas amigas e companheiras de trabalho que conseguiram aturar meus surtos nesses dois anos de Mestrado: Jivanilda Lúcio, Isabella Dias, Rosana Carlos, Edinete Martins, Alessandra Silva, Sandra Dias e Maria José. Assim como aos meus alunos e alunas que inspiram a minha felicidade ao chegar na sala de aula.

E todo meu carinho, admiração e agradecimentos a todos os integrantes da turma de mestrado ProfHistória/UFS 2020 –, com destaque para os então mestres Ruy Bispo e Abraão Rezende, em especial às mulheres, principalmente às companheiras Midiane, Lúcia e Caroline Bittencourt. E aos dois mestrados, amigos de graduação na Uneal desde 2011 – Lhara Letícia e Johnny Gomes, por toda ajuda na correção do texto, todo apoio e inspiração.

Este trabalho não seria possível sem os conhecimentos transmitidos por todos os docentes do Mestrado Profissional em História – (ProfHistória/UFS), em especial ao meu orientador professor Dr. Paulo Heimar Souto por toda paciência, conhecimentos, correções, indicações de leitura e amizade. Agradeço também ao Professor Dr. Itamar Freitas por iniciar meu mundo na pesquisa.

Meus sinceros agradecimentos ao Designer Gráfico e Quadrinista Luiz Alberto dos Santos Júnior (UFS), responsável por dar vida aos personagens Matheus e Eloisa na produção da História em Quadrinhos – HQ: Matheus e Eloisa em: as aventuras de Sila e Maria Bonita no Sertão. Sou grata por todo o companheirismo, opiniões, detalhes nas cores, jeitos, falas dos personagens e principalmente pela sua amizade, e pelos sorrisos que proporcionou nos meus dias mais estressados.

Não poderia esquecer de agradecer ao Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, sem demagogia nas minhas palavras, agradeço a este líder político que mais criou universidades neste país, pois acreditou que o jovem pobre desse país tem capacidade de transformar sua vida através dos estudos. Sou fruto das ações sociais dos governos Lula (2003-2011) e Dilma (2011-2016), fruto da escola pública, que utilizou Bolsa Família para comprar cadernos, roupas e comida, fruto de Universidade Pública quando cursei História pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) – recordo-me quando falei do meu sonho para um amigo, ele afirmou que meu pai não pagaria uma faculdade para mim – pois bem, não foi necessário!

É com muito orgulho que este trabalho novamente é fruto de uma Universidade Pública – UFS e que sigo lecionando em escolas públicas no qual persisto em incentivar os jovens a buscar realizar seus sonhos. Sou realizada quando estou em sala de aula, não escolheria outra profissão e acredito no poder da educação para transformar vidas.

## DEDICATÓRIA

*A todas as mulheres do Brasil, especialmente as mulheres nordestinas, a memória de Sila e Maria Bonita.*

*Dedico.*

*As moças do São Francisco*

*As moças do São Francisco  
São pobre, mas tem ação:  
Guardam queijo e rapadura  
Pro borná de Lampião.*

*Não sei se Deus fez os home,  
Mais porém fez as muié:  
Uma só morena dessas,  
Tem tudo que a gente qué.  
Aos amô dessas morena  
Ninguém, ninguém arreséste.  
Elas têm todo os encantos,  
Todo o calô do Nordeste.  
Se a raça dessas muié  
Mandasse Deus acabá,  
O só perdia o calô,  
O céu perdia o luá.  
As moças do São Francisco,  
É um céu e um cabedá;  
Deus me mandando uma delas.  
Pode o mundo se acabá.  
Se não fosse essas caboclas,  
Não tinha graça o sertão:  
Não brigava os cangaceiro,  
Não havia Lampião.*

Poeta Alexandre Zabelê

*“És um Senhor tão bonito, tanto a cara do meu  
filho...  
Tempo... Tempo... Tempo...  
És um dos deuses mais lindo”.*

(Oração ao Tempo – Caetano Veloso)

## RESUMO

A historiografia oficial silenciou a história das mulheres durante séculos, descritas como coadjuvantes dos momentos e ficando à mercê das sombras de “grandes homens”. Tendo em vista esse contexto, o presente trabalho objetivou construir uma História em Quadrinhos (HQ) com uso de biografias de Maria Bonita e Sila, participantes do movimento Cangaço, como metodologia de ensino em sala de aula para os estudantes da Educação Básica, com foco nos alunos do Ensino Fundamental, anos finais, e Ensino Médio, visando ressignificar a história das mulheres em sala de aula e usá-las como exemplo de histórias de vidas, de protagonistas da sua própria história, analisando a singularidade das mulheres nos movimentos sociais de modo a contribuir para transpor as barreiras do patriarcado na atualidade. Para isso, utilizamos como referencial teórico sobre o Ensino de História as autoras Circe Bittencourt (2018), Elza Nadai (1993), para contextualização da História das Mulheres, autores como Michele Perrot (2005), Losandro Tedeschi (2015), Ana Veiga (2007), entre outros. Sobre as perspectivas de análise sobre o cangaço, utilizamos autores (as): Maria Isaura P. de Queiroz (1977), por Rui Facó (1963), Maria Matta Machado (1969), Eric J. Hobsbawm (1978), Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros (2000), Gustavo Barroso (1930), Luiz Pericás (2015) e Frederico Pernambucano de Mello (2018). Assim como utilizamos as contribuições de Vergueiro (2010) e Paiva (2016) sobre o uso de HQs como ferramentas didáticas, além de depoimentos de mulheres sobreviventes do Cangaço, como Sila, Adília e Dadá para análise de percepções sobre a época e construção da HQ ambientada de acordo com a linguagem do período. Pode-se afirmar que a linguagem das Histórias em Quadrinhos, através de elementos verbais e não verbais, facilita o processo de ensino-aprendizagem, possibilitando a aproximação entre o leitor e o assunto abordado, configurando novas percepções sobre a participação das mulheres no Cangaço, ressignificando suas histórias de vidas e buscando a formação de uma consciência antimachista nos educandos.

**Palavras Chaves:** ensino de história; mulheres; cangaço; Sila; Maria Bonita.

## ABSTRACT

The official historiography has silenced the history of women for centuries, describing them as supporting characters and being at the mercy of the shadows of "great men". In view of this context, the aim of this work was to create a comic book using the biographies of Maria Bonita and Sila, participants in the Cangaço movement, as a teaching methodology in the classroom for students in basic education, with a focus on elementary school students, final years, and high school students, with the aim of re-signifying women's history in the classroom and using them as examples of life stories, as protagonists of their own history, analyzing the uniqueness of women in social movements in order to help overcome the barriers of patriarchy today. To do this, we used the authors Circe Bittencourt (2018) and Elza Nadai (1993) as theoretical references for History Teaching, and authors such as Michele Perrot (2005), Losandro Tedeschi (2015) and Ana Veiga (2007), among others, to contextualize Women's History. The following authors provide an analysis of the cangaço: Maria Isaura P. de Queiroz (1977), by Rui Facó (1963), Maria Matta Machado (1969), Eric J. Hobsbawm (1978), Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros (2000), Gustavo Barroso (1930), Luiz Pericás (2015) and Frederico Pernambucano de Mello (2018), as well as the contributions of Vergueiro (2010) and Paiva (2016), on the use of comics as teaching tools, as well as testimonies from women survivors of Cangaço, such as Sila, Adília and Dadá, to analyze their perceptions of the time and construct the comic book, set in accordance with the language of the period. It can therefore be said that the language of comic books, through verbal and non-verbal elements, facilitates the teaching-learning process, bringing the reader closer to the subject matter, shaping new perceptions about the participation of women in Cangaço, re-signifying their life stories and seeking to form an anti-machismo consciousness in the students.

**Keywords:** teaching history, women, cangaço, Sila, Maria Bonita.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Capa da revista – O Cruzeiro .....	62
<b>Figura 2</b> - Adília e Sila .....	62
<b>Figura 3</b> - Zé Sereno, Azulão e Moita Brava .....	63
<b>Figura 4</b> - Corisco e Dadá .....	63
<b>Figura 5</b> - A respeito do Cangaço no livro didático.....	66
<b>Figura 6</b> - Alunos(as) das turmas – 9º anos A, B e C – 2022 – Escola Benício Ferreira Reis .....	68
<b>Figura 7</b> - Sila – Ilda Ribeiro de Souza – 1936 .....	70
<b>Figura 8</b> - Foto de tela – Sila e Jô Soares .....	78
<b>Figura 9</b> - Maria Bonita.....	79
<b>Figura 10</b> - Maria Bonita em trajes de festa .....	83

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1 - Mulheres que integravam o Cangaço.....</b>	<b>59</b>
--	-----------

## LISTA DE SIGLAS

<b>BNCC</b>	- Base Nacional Comum Curricular
<b>CAPES</b>	- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
<b>ENEM</b>	- Exame Nacional do Ensino Médio
<b>HQ</b>	- História em Quadrinhos
<b>IBGE</b>	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>IDEB</b>	- Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
<b>IFAL</b>	- Instituto Federal de Alagoas
<b>LDB</b>	- Lei de Diretrizes e Bases da Educação
<b>LGBTQIA+</b>	- Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Queer, Intersexo, Assexual e demais gêneros e orientações sexuais que não se enquadram no padrão
<b>PCNs</b>	- Parâmetros Curriculares Nacionais
<b>PIBID</b>	- Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
<b>PNLD</b>	- Programa Nacional do Livro Didático
<b>PROFHISTORIA</b>	- Mestrado Profissional em Ensino de História
<b>UFRJ</b>	- Universidade Federal do Rio de Janeiro
<b>UFS</b>	- Universidade Federal de Sergipe
<b>UNEAL</b>	- Universidade Estadual de Alagoas
<b>UNICAMP</b>	- Universidade de Campinas

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>CAPÍTULO 01 - O USO DE BIOGRAFIAS NO ENSINO DE HISTÓRIA</b> .....	21
1.1 O Ensino de História e a História das Mulheres .....	22
1.2 O uso de Biografia na História das mulheres .....	27
1.3 O ser mulher Nordestina.....	33
<b>CAPÍTULO 02 - AS MULHERES NO CANGAÇO</b> .....	43
2.1 Dialogando sobre o movimento do Cangaço.....	43
2.2 Inserção das mulheres no Bando de Lampião .....	52
<b>CAPÍTULO 03 - ENTRE TEORIAS E PRÁTICAS: biografias de Sila e Maria Bonita em sala de aula</b> .....	64
3.1 Experiência Docente sobre o Cangaço .....	64
3.2 Sila: de menina à cangaceira.....	70
3.3 Maria Bonita: de Maria Dea à rainha do Cangaço.....	78
<b>CAPÍTULO 04 - PRODUTO FINAL - HQ – MATHEUS E ELOISA EM: as aventuras de Sila e Maria Bonita no Sertão</b> .....	89
4.1 O uso de HQ como recurso didático na Educação.....	89
4.2 Construção da HQ - História em Quadrinhos .....	93
4.2.1 Apresentação da História em Quadrinhos - HQ .....	96
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	99
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	103
<b>FONTES</b> .....	107
<b>APÊNDICE I - Roteiro da HQ</b> .....	108
<b>APÊNDICE II - Produto Final – HQ completa</b> .....	134

## INTRODUÇÃO

A sociedade atual, mesmo diante das lutas das mulheres, continua em uma cultura predominantemente patriarcal, sendo repassada essa ideologia mesmo que inconscientemente para os jovens. A produção desse trabalho acadêmico tem como pretensão refletir sobre a lacuna historiográfica quando falamos em histórias das mulheres em sala de aula. Enquanto professora de História da Educação Básica, acredito que a produção de pesquisa em um mestrado profissional deve refletir sobre os problemas que os professores (as) e alunos (as) enfrentam em sala de aula. Diante disso, a produção dessa pesquisa tem foco na lacuna historiográfica existente sobre a História das Mulheres, devido ao silenciamento da sociedade patriarcal, bem como nas dificuldades que os professores (as) possuem em abordar essa temática em sala de aula.

Vale ressaltar que a história abordada na sala de aula, de forma geral, tem utilizado os métodos da História Moderna e dita positivista, a análise de dados e fatos históricos no qual pensamento historiográfico da Europa Ocidental está centrada no fato de que a história comum dos seres humanos seria a busca do progresso através da razão, além de deixar claro que os europeus são os agentes do progresso. De acordo com Reis, “a História científica do século XIX se pôs a serviço do Eurocentrismo, oferecendo argumentos, informações e legitimação ética” (REIS, 2010). Essa historiografia possui uma abordagem documental de fatos e acontecimentos baseados em grandes heróis e que a História da humanidade foi produzida a partir das decisões dos grandes homens, validando a dominação dos homens sobre as mulheres.

Diante dessas narrativas, os acontecimentos estudados estão sempre pautados na historiografia curricular do livro didático que geralmente trata a mulher como coadjuvante dos movimentos, perpetuando uma história de invisibilidade do gênero feminino (TEDESCHI, 2015).

Saliento, ainda, a necessidade de escrever uma nova história que contemple o protagonismo das mulheres. No entanto, existem alguns questionamentos: Como fazer isso na sala de aula na Educação Básica? Qual metodologia os professores (as) de História podem usar para ressignificar a história das mulheres e utilizar como exemplo para empoderamento das alunas e para que os alunos reflitam sobre as características instaladas em nossa sociedade predominantemente patriarcal.

Diante desse contexto, propomos com este trabalho a construção de História em Quadrinhos (HQ), com uso de biografias de Maria Bonita e Sila, participantes do movimento Cangaço como metodologia de ensino em sala de aula para os estudantes da Educação Básica,

com foco nos alunos do Ensino Fundamental, anos finais, e Ensino Médio. Com isso, pretendemos ressignificar a história das mulheres em sala de aula e usá-las como exemplo de histórias de vidas, de protagonistas da sua própria história, analisando a singularidade das mulheres nos movimentos sociais de modo a contribuir para transpor as barreiras do patriarcado na atualidade.

Essa pesquisa foi impulsionada por questões pessoais diante da minha realidade enquanto estudante e professora de História, assim como é fruto de inquietações referentes à lacuna existente no meio acadêmico para aprofundar e dialogar sobre a História das Mulheres com foco no Movimento do Cangaço, tendo em vista que nas últimas produções acadêmicas do PROFHISTORIA não encontrei nenhuma dissertação sobre o tema. Socialmente, este trabalho justifica-se mediante a importância de os estudantes conseguirem analisar e ter conhecimento do outro e como está condicionada à relação entre homens e mulheres na sociedade brasileira, a qual é estruturada com base no patriarcalismo. Enquanto escrevo essa justificativa, em algum lugar do Brasil uma mulher está sendo vítima de abuso sexual e a cada duas horas uma é assassinada, por isso é urgente abordar o tema em sala de aula com objetivo de mostrar perspectivas aos alunos que possibilitem a mudança dessa infeliz realidade.

Sou formada em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), Campus de Arapiraca, região agreste de Alagoas. Enquanto nordestina e filha de agricultores, compreendi a urgência de defender os direitos da classe trabalhadora devido aos estudos na graduação e acesso às obras de Karl Marx (2008). Durante a graduação, participei do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES de 2013 a 2016 e a partir desse programa percebi a importância de ser um professor pesquisador e que a área da Educação precisa de pesquisadores capazes de repensar as metodologias de ensino-aprendizagem na Educação Básica. O PIBID proporcionou meios para pesquisar sobre as relações em sala de aula, pesquisar sobre as metodologias e buscar meios de melhorar a qualidade de ensino na Educação Básica. Desde a graduação, busquei compreender quais são as dificuldades dos professores (as) e alunos (as) no processo de ensino-aprendizagem e como proporcionar uma educação histórica significativa para os discentes.

A ideia inicial deste projeto seria abordar as dificuldades dos discentes em compreender e preservar o Patrimônio Cultural e a História Regional Local, assim, o recorte sobre o Cangaço seria como Patrimônio Cultural Nordestino. O Cangaço faz parte da identidade e memória do nordeste como meio subversivo contra o Estado e as desigualdades sociais. Entretanto, durante as reuniões de orientação a produção da dissertação e do produto, ficou evidente que tanto a

problemática do tema quanto a metodologia que seria utilizada em sala de aula para melhorar a aprendizagem não ficaram de acordo com as minhas expectativas sobre uma aprendizagem histórica que modificasse a vida dos estudantes.

Nessa perspectiva, observei que não atendeu às expectativas sobre a relevância social do tema, por isso repensei sobre, e recortei para a perspectiva de Educação e História das Mulheres em sala de aula, devido a minha experiência como professora de História na rede pública de ensino em Limoeiro de Anadia, cidade do interior de Alagoas, com cerca de 19.000 habitantes. Lá, a maioria reside na zona rural, local que tem valores pré-determinados sobre o comportamento das mulheres e seu papel dentro da comunidade. Observei assim ser urgente trabalhar sobre a história das mulheres devido à invisibilidade do papel das mulheres na historiografia.

Diante dos recortes abordados acima, o tema da dissertação foi alterado totalmente, de *O Cangaço: cultura subversiva nordestina e Patrimônio Cultural regional e local para Sila e Maria Bonita: duas biografias para a ressignificação da história das mulheres no ensino de história*. O foco que seria patrimônio cultural e a significação da memória do Cangaço enquanto movimento subversivo à ordem social vigente, mudou para o debate sobre gênero na sala de aula, história das mulheres, ensino de História e uso da memória biográfica.

Essa pesquisa, na condição docente, tem o objetivo de construir uma História em Quadrinhos (HQ), dialogando sobre as biografias de Sila e Maria Bonita, para que os professores a tenham como ferramenta didática nos debates sobre o tema. E que os alunos(as) conheçam e reconheçam as histórias das mulheres nesse movimento social. Através da abordagem de linguagem verbal e não verbal, a contextualização de imagens utilizadas em uma HQ facilita a compreensão e reflexão dos discentes sobre esse acontecimento histórico, observando que uma narrativa quando construída a partir de uma HQ transmite a ideologia do autor sobre o determinado tema de modo atrativo e capaz de encantar todas as idades, sejam crianças, adolescentes ou adultos. A HQ é um meio de comunicação de grande alcance e aceitação popular e o seu uso em sala de aula transforma o processo de ensino-aprendizagem em algo prazeroso e divertido tanto para o educando quanto para o educador.

Pode-se afirmar que a linguagem das Histórias em Quadrinhos possibilita a aproximação entre o leitor e o assunto abordado, configurando novas percepções sobre a participação das mulheres no Cangaço, ressignificando suas histórias de vidas e buscando a formação de uma consciência antimachista nos educandos. Isso possibilita a desconstrução da visão sobre as diferenças de gênero, ressignificação da história das mulheres em sala de aula e a construção

de uma consciência coletiva sobre o assunto em questão de modo a contribuir para transpor as barreiras do patriarcado.

Para isso, utilizamos como referencial teórico sobre o Ensino de História as autoras Circe Bittencourt (2018), Elza Nadai (1993), para contextualização da História das Mulheres, autores como Michele Perrot (2005), Losandro Tedeschi (2015), Ana Veiga (2007), entre outros. Sobre as perspectivas de análise sobre o cangaço, utilizamos autores (as): Maria Isaura P. de Queiroz (1977), por Rui Facó (1963), Maria Matta Machado (1969), Eric J. Hobsbawm (1978), Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros (2000), Gustavo Barroso (1930), Luiz Pericás (2015) e Frederico Pernambucano de Mello (2018). Assim como utilizamos as contribuições de Vergueiro (2010), Paiva (2016) sobre o uso de HQs como ferramentas didáticas.

Utilizamos também alguns depoimentos de mulheres sobreviventes do Cangaço, como Sila, Adília e Dadá para análise de percepções sobre a época e construção da HQ ambientada de acordo com a linguagem do período. Assim como utilizamos para a produção dos elementos artísticos e gráficos a contribuição de um profissional na área, um designer gráfico, para dar vida através das artes e desenhos que foram construídos após as pesquisas e construção de roteiro elaborada por essa autora.

Salientamos que todas as cangaceiras são dignas de pauta. Dentre as mais de 30 mulheres que participaram do movimento, selecionamos como meio de pesquisa as cangaceiras Sila e Maria Bonita, devido a suas histórias de vidas demonstrarem a contradição do cangaço, através do choque de realidade na história de vida das duas. Com intuito de questionar que, mesmo diante das diferenças de vidas, ambas viveram sobre a mesma realidade do sertão nordestino no século XX, sobreviveram aos mesmos preconceitos da sociedade machista da época e viveram sob as mesmas regras do cangaço para as mulheres, dentre elas a regra de ser respeitosa ao marido sempre. Enquanto Sila, apelido dado a Ilda Ribeiro de Souza na infância, foi raptada por Zé Sereno, quando tinha apenas 13 anos de idade e uma das últimas a participar do movimento, Maria Bonita foi a primeira mulher do bando e entrou no cangaço com 28 anos por vontade própria e por amor a Lampião. Maria Déa, apenas lembrada como Maria Bonita, morreu junto ao bando em 1938. A companheira de bando, Sila, conseguiu sobreviver ao ataque e contar sua versão da história através de entrevistas, livros e biografias. A mesma oportunidade não teve Maria Déa, consagrada a rainha do cangaço, após sua execução.

No Cangaço, a jovem Sila é acolhida por Maria Déa que, por coincidência ou ironia do destino, no dia da emboscada do bando de Lampião que dizimou 11 cangaceiros, estavam juntas conversando e fumando enquanto a volante já estava a postos esperando o momento certo de

atacar. Sila avisa à rainha do Cangaço sobre uma luz que está piscando no meio da caatinga, mas Maria acalma a amiga informando que é apenas um vagalume; o que pensavam ser apenas um inocente vagalume na verdade era a lanterna da volante que já estava a postos esperando o momento de atacar. O fato é contado por Sila em entrevista no Programa do Jô em 1975 (RIBEIRO, 1975). Segundo ela, conseguiu escapar da emboscada com vida juntamente com seu parceiro Zé Sereno, enquanto Lampião e Maria Bonita não tiveram a mesma sorte, pois acabaram com suas cabeças expostas em praça pública na cidade de Piranhas-AL.

Mediante as lutas das mulheres por visibilidade e a produção da História das Mulheres, a partir de 1970, compeliram o direito de ser discutido o tema na sala de aula, pois na legislação vigente o Protagonismo Feminino foi inserido como objeto de conhecimento do 9º ano do Ensino Fundamental II na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Sobre mulheres no cangaço, não se encontra nenhuma referência nos livros didáticos aprovados pelo PNDL. De acordo com Perrot (2015), a historiografia colocou as mulheres na invisibilidade e nas sombras de grandes homens, nesse caso, Maria Bonita e Sila ficaram nas “sombras” de seus companheiros. Diante dessa realidade, até mesmo os jornais da época ignoravam a inserção das mulheres no movimento. O interesse dos jornais em 1930 estava voltado para narrar as crueldades e ações espetaculares de Lampião e seu bando, sem citar a existência de mulheres. Para Negreiros (2018, p. 8) “não consideravam a existência de sua esposa digna de pauta. A memória da rainha do Cangaço na imprensa da época é imprecisa, precária e fantasiosa”.

Diante do exposto, esse trabalho encontra-se dividido em quatro capítulos para fundamentação teórica e construção do produto dessa dissertação. O primeiro capítulo disposto como: *o uso de biografias no Ensino de História*, apresenta diálogos com autores através de análise bibliográfica de dissertações que utilizaram as biografias como ferramenta didática na Educação Básica. Tendo como subtítulo, debates sobre *o Ensino de História e a História das mulheres* para refletir sobre o percurso do ensino de história e a inserção das mulheres enquanto objeto de conhecimento na Educação Básica. Dentre os autores utilizados para referencial teórico, destacamos as percepções das autoras Circe Bittencourt (2018) e Nadai (1993). Finalizando o capítulo com os questionamentos sobre o “*ser mulher Nordestina*”, debatemos sobre as vertentes que a sociedade nordestina e principalmente a sociedade do campo impõe às mulheres.

No segundo capítulo, abordamos sobre o processo de inserção das mulheres no cangaço, a partir de 1930, no período determinado Lampiônico, em que comandou os bandos no nordeste

por quase duas décadas. No subtítulo – *dialogando sobre o movimento do cangaço*, é realizado uma análise sobre as definições do cangaço e as características do movimento, de acordo com estudiosos do tema, dentre eles: a autora Maria Isaura P. de Queiroz, em sua obra *História do Cangaço* (1977), por Rui Facó (1963), em sua obra *Cangaceiros e Fanáticos*, Maria Matta Machado (1969), em sua obra *Cangaceiros: táticas de guerra*. Abordamos também outras definições e abordagens sobre o cangaço através da perspectiva do historiador Eric J. Hobsbawm (1978), pioneiro em abordar sobre o banditismo social, da antropóloga Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros (2000), assim como dos autores Gustavo Barroso (1930), Luiz Pericás (2015) e Frederico Pernambucano de Mello (2018).

Seguindo a linha de raciocínio, a próxima questão a ser abordada é sobre a inserção das mulheres no bando de Lampião e como a inserção do gênero feminino, em um movimento marcado pela violência e com integrantes somente do sexo masculino, pode ter alterado a dinâmica do grupo e até mesmo humanizado o Cangaço.

Mediante o exposto, agora o Cangaço passa a ter mulheres acompanhando nas difíceis caminhadas pelo sertão nordestino, e como citado anteriormente, selecionamos duas cangaceiras para conhecer e realizar a construção de uma análise biográfica. Esclarecemos que todas as cangaceiras são dignas de pautas e debates, contudo a escolha de Sila e Maria Bonita é disposto devido às divergências no modo como entraram no cangaço e sobre o fato delas estarem juntas no momento da chacina de Angico. Desse modo, no terceiro capítulo é realizada a análise biográfica das duas personagens principais da HQ, Sila e seu desenvolvimento de menina a cangaceira, e Maria Déa – na consolidação do apelido Maria Bonita ou Maria do Capitão.

Para finalizar as abordagens na dissertação, no capítulo quatro e último, discorreremos sobre o produto final- HQ: *Matheus e Eloisa em: as aventuras de Sila e Maria Bonita no sertão*. Destacando em um primeiro momento o uso de HQ no Ensino de História, as experiências docentes sobre como trabalhamos o tema Cangaço em sala de aula, os motivos que ocasionaram a produção de uma HQ, finalizando com a História em Quadrinhos completa disposta no apêndice desse trabalho.

## **CAPÍTULO 01 - O USO DE BIOGRAFIAS NO ENSINO DE HISTÓRIA**

Nesse primeiro capítulo, traçamos um breve diálogo sobre o desenvolvimento do Ensino de História no Brasil e os caminhos que percorreram para a inserção das mulheres enquanto objeto de estudo na Educação Básica. Dentre os autores que utilizamos como referencial teórico, destacamos os escritos de Circe Bittencourt (2018) e Nadai (1993), tendo em vista que, para compreendemos o porquê de utilizarmos a metodologia de biografias de mulheres no Ensino de História, é preciso compreender como a disciplina foi evoluindo diante da passagem do tempo da história do Brasil.

Vale destacar que a construção do ensino de História no Brasil iniciou de acordo com o modelo de História positivista, visando à formação das elites brasileiras e à construção da história nacional baseada em grandes homens, com ênfase na narrativa dos costumes e valores dos colonizadores europeus.

Contrariando a narrativa da História Positivista, emergiu na França, no século XX, através de periódicos acadêmicos dos historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre, a História das Mentalidades, também denominada a Nova História, representada a partir do movimento da Escola dos Annales, trazendo inovações sobre os objetos de estudo do historiador e em oposição à história positivista até então predominante no meio acadêmico. A Escola dos Annales é dividida em três gerações de historiadores, na qual temos que a primeira geração dos Annales tinha como expoentes March Bloch e Lucien Febvre, com destaque para a questão de estudo das línguas, da interdisciplinaridade dos estudos históricos com a geografia, e Bloch com destaque na história das mentalidades. Na segunda geração dos Annales, destaca-se o autor Fernad Braudel, discípulo de Lucien Febvre, que destaca a relação entre o homem e o meio ambiente. Na terceira geração dos Annales, o autor Jacques Le Goff deixou sua marca para a historiografia no campo da história das mentalidades ou do imaginário medieval.

Após essa revolução na historiografia, passaram a existir novos sujeitos históricos, novas linhas de pesquisa, interessados em analisar todas as atividades humanas, considerando que a realidade pode ser construída por diferentes sujeitos e culturas. Nessa quebra de paradigmas, todas as áreas do ser humano podem ser estudadas historicamente, novas estruturas e transformações sociais, assim as minorias, os excluídos da historiografia oficial, como as mulheres, os negros, os grupos LGBTQIA+<sup>1</sup>, dentre outros, tornaram-se objetos de estudos, revolucionando as produções historiográficas.

---

<sup>1</sup> Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgênero, Queer, Intersexo, Assexual, e demais gêneros e orientações sexuais que não se enquadram no padrão.

Diante disso, buscamos a reconstrução da história para que se torne possível uma narrativa que insira a maioria fragmentada, comumente categorizada enquanto as minorias, como: negros, pobres e mulheres que participam e são protagonistas da história. O uso de biografias permite analisar os sujeitos como pessoas reais que tiveram seus desafios de acordo com sua época e esse recurso pode ser utilizado para que haja uma possível contextualização histórica que pode gerar uma aproximação da realidade dos estudantes.

### 1.1 O Ensino de História e a História das mulheres

A concepção atual da História, enquanto disciplina escolar, é fruto de lutas de estudiosos e confunde-se com a história da construção da própria identidade nacional e da formação do cidadão, ressaltando que o conceito de cidadão era válido para uma parcela da população que possuía riquezas e até mesmo o voto acolhido na Constituição de 1824 era censitário, ou seja, baseado na renda. A formação do cidadão e o conceito de história necessário para isso mudava de acordo com os governos que assumiam o Estado brasileiro (BITTENCOURT, 2018).

No Brasil, segundo Nadai (1993), a História passa a ser estudada a partir do conhecimento da “História da Europa Ocidental, apresentada como verdadeira História da Civilização, tornando, assim, a História da Pátria seu apêndice”. Desse modo, a História do Brasil era pautada na construção da nacionalidade, mas sob a ótica da educação moral e cívica, analisando os grandes heróis brasileiros.

Desse modo, o Ensino de História do Brasil se apresentava para a construção de uma identidade nacionalista tendo como objeto de pesquisa o estudo de histórias de vida dos homens considerados os heróis da pátria, suas ações, datas, guerras e acontecimentos políticos que participaram trazendo “glórias” para o país e a memorização como método de aprendizagem, sem questionar a inserção dos demais sujeitos históricos na construção do país, invisibilizando o papel das mulheres, dos negros e demais minorias não dignas de serem lembradas na história oficial.

A primeira menção de história enquanto disciplina autônoma no Brasil foi a partir desses movimentos de produção historiográfica refletidos no Brasil através da formação do Estado brasileiro no Império e com a votação da Assembleia Nacional Constituinte de 1823. Contudo, a afirmação da História enquanto disciplina escolar perpassou vários obstáculos, dentre eles, a exclusão da disciplina história em alguns momentos da política brasileira por ser considerada perigosa para o governo, como foi o caso do período do regime da Ditadura Militar no Brasil.

A evolução do Ensino de História perpassa as fases de governo brasileiro, diante da Proclamação da República, período em que foi necessária ao Estado a construção de uma História da Pátria pautada em “Heróis Nacionais” promovendo eventos “festas cívicas e desfiles” para homenagear os grandes fundadores das cidades, os heróis locais e as oligarquias que estavam no poder.

Após essa primeira fase da República Oligárquica, o Ensino de História se depara com as dificuldades e a censura do Estado Novo de Getúlio Vargas, seguindo para a produção de um conhecimento histórico pós Segunda Guerra Mundial (1939-1945), do qual o questionamento é a conscientização de cidadãos e difusão de um ensino de “História para a paz” (Bittencourt, 2018). Diante desse contexto, o Ensino de História passou por uma reorganização, criação de novos currículos, metodologias, objetivos e formas de avaliação com objetivo de repensar a cultura humanística e conscientizar a humanidade das barbaridades da Guerra.

No Brasil, as novas propostas para o ensino de História preocupavam-se também com os métodos, considerando a investigação dos alunos parte fundamental no processo de aprendizagem, produzindo, assim, a chamada de História Nova do Brasil. No entanto, ao contrário dos pensamentos inovadores, a História entra em confronto com a censura da Ditadura Militar (1964-1985) no país. O Governo retirou a autonomia da disciplina de História, institucionalizando a Educação Moral e Cívica no ensino secundário, e substituiu a História e a Geografia pelos Estudos Sociais com novos cursos de Licenciatura Curta, dentre outras medidas que limitavam a formação docente e novas metodologias de ensino-aprendizagens para os alunos das escolas de Primeiro e Segundo Grau.

Com o fim da Ditadura Militar, os debates acerca da educação no país na década de 1980 a 1990 contribuíram para a redemocratização da educação básica e culminaram na promulgação da Constituição Cidadã de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9.394/96. Observou-se a construção de novos caminhos para a educação pública no país e, desse modo, para o avanço das concepções historiográficas, construindo a produção de conhecimento histórico, social, cultural e o do mundo do trabalho. Diante dessas medidas, a disciplina de História retomou a sua autonomia em sala de aula e, conseqüentemente, a extinção da Educação Moral e Cívica nas instituições de ensino.

A partir desse momento, buscava-se construir uma nação movida pelos ideais democráticos e transformar a sociedade depois dos anos de Regime Militar. Atribui-se isso à Constituição e com destaque no artigo 2º da LDB (BRASIL, 1996), onde afirma que a

finalidade da educação é o “pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”, transformando também em competência da escola e do ensino de história a construção dessa nova sociedade, formando cidadãos e cidadãs conscientes, livres de preconceitos, tolerantes, respeitosos quanto à liberdade individual de cada pessoa, independente de gênero, religião ou orientação sexual. Função que vai além da sala de aula e mais complexo que todos os conteúdos trabalhados em história. Por isso o tema cidadania tornou-se transversal para que todas as áreas de conhecimento pudessem facilitar o trabalho do historiador (não cabe apenas ao professor de história a construção de valores para a cidadania, contudo observa-se a cobrança maior nesses profissionais).

É importante ressaltar que os movimentos sociais conseguiram introduzir, através de lutas, a obrigatoriedade do ensino de História da África e culturas afro-brasileiras bem como a História Indígena em todos os estabelecimentos de ensino de Educação Básica, sejam eles públicos ou privados. Possibilitando a nossos jovens conhecer as culturas desses povos, que são a base da construção desse país através do trabalho dos seus ancestrais, a introdução desse conteúdo no currículo escolar e nos livros didáticos ficou estabelecido através das leis 10.639/03 e 11.645/08, que tornaram obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Indígena na Educação Básica. Estas contribuem para a valorização dos povos negros e indígenas na sociedade, assim como buscam transformar a escola em um espaço acolhedor, democrático e com valorização das diversidades.

A construção dessa nova história tem como desafio a formação de um cidadão que deve compreender e respeitar as subjetividades do outro, buscar questionar as normas pré-estabelecidas, os costumes e as desigualdades que moldam a estrutura social. Além disso, investigar o meio em que os alunos estão inseridos, geograficamente, culturalmente e historicamente, buscando compreender o passado e o presente com objetivo de formar uma sociedade mais justa, na qual as diferenças sociais (aqui vamos focalizar especificamente a de gênero) não limitem o outro na busca dos seus ideais.

O estudo da história das mulheres em sala de aula aparece brevemente na BNCC, em um primeiro momento como objeto de conhecimento no 6º ano do Ensino Fundamental, sendo este descrito como “o papel da mulher na Grécia e em Roma, e no período medieval”. A habilidade a ser desenvolvida ao longo dos debates sobre o assunto com os estudantes tem a especificação alfanumérica: “(EF06HI19) descrever e analisar os diferentes papéis sociais das mulheres no mundo antigo e nas sociedades medievais”. Estamos falando de séculos de existência da sociedade grega e romana e as contradições do papel da mulher, no período

medieval, é sintetizada apenas no desenvolvimento de uma habilidade. E mesmo estando expressa na base não é atestado que está sendo efetivamente desenvolvida, tendo em vista que geralmente os docentes não possuem a capacitação necessária para trabalhar com os discentes a temática, assim como não julgam a habilidade digna de debate devido ao processo de invisibilidade do gênero feminino na historiografia oficial.

Além dessa habilidade, a palavra “mulher” é citada na BNCC em um segundo momento como objeto de conhecimento inserido no 9º ano do Ensino Fundamental, na temática: “os protagonismos da sociedade civil e as alterações da sociedade brasileira”. Segue abaixo a habilidade da qual aparece o gênero feminino.

(EF09HI26) Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas. (BRASIL, 2017, p. 55)

O texto acima traz a importância do debate e a análise dos acontecimentos históricos que culminaram na violência ao longo dos séculos sobre as minorias do nosso país, inserindo as mulheres como uma delas. Mesmo diante das poucas citações da história da mulher na Base Nacional Comum Curricular como objeto de conhecimento, somente nesses dois momentos analisados acima a inserção do protagonismo feminino na BNCC possibilita a visibilidade de uma minoria social que foi excluída do processo historiográfico durante séculos.

Como metodologia para debater a temática, compreendemos que o uso de biografias de mulheres revolucionárias, para a sua época, torna-se indispensável para mostrar aos estudantes que elas sempre participaram da história ativamente. Considerar a reflexão sobre a história das mulheres no Brasil, através de uma análise sob a perspectiva de identidade de gênero, contribui para a formação de estudantes que respeitam as individualidades de cada um, tornando a escola um espaço de convívio com as diferenças e promover a igualdade humana.

Diante disso, consideramos importante analisar o processo de invisibilidade das mulheres na historiografia, como no Cangaço, do qual pouco é debatido sobre Maria Bonita ou sobre as mulheres nos movimentos revolucionários em vida, pois jornais da época as tratavam apenas como coadjuvantes no movimento. Diante dessa pesquisa, buscamos criar novas possibilidades para a compreensão das mudanças ocorridas no Cangaço, a partir da integração das mulheres ao bando, e a importância dessas personagens na construção de uma história com participação significativa do gênero feminino.

Mediante o que foi exposto, pode-se constatar que a História abordada na sala de aula continua fundamentada nos métodos da ciência histórica positivista com uma abordagem

documental de fatos e acontecimentos baseados em grandes heróis, e tem como perspectiva que a História da humanidade foi produzida a partir das decisões dos grandes homens. Diante dessas narrativas, os acontecimentos estudados estão geralmente pautados na historiografia curricular do livro didático, que geralmente tratam a mulher como coadjuvante dos movimentos, perpetuando uma história de invisibilidade do gênero feminino.

Observa-se a necessidade de reescrever uma nova história, uma História das Mulheres. Mas como fazer isso na sala de aula na Educação Básica? Qual metodologia os professores (as) de História podem usar para ressignificar a história das mulheres?

Esses questionamentos nos impulsionam a pensar em novas metodologias e novas abordagens para o ensino de história que incluam as mulheres, os negros, os LGBTQI+, os indígenas e demais grupos marginalizados. Assim, pensamos ser urgente uma narrativa historiográfica que inclua as mulheres e suas lutas. Nesse primeiro momento foi realizada uma revisão de literatura sobre uso de biografias de mulheres, a exemplo de Maria Bonita e Sila, participantes do movimento Cangaço, buscando ressignificar a história das mulheres em sala de aula, proporcionando novas narrativas da história.

A revisão de literatura foi realizada entre 15/09/2020 e 10/10/2020. Durante esse período, o objetivo foi analisar as dissertações de mestrado sobre o tema, disponibilizado no site oficial do ProfHistória Nacional, gerenciado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Repositório da Produção Científica e Intelectual da Universidade de Campinas.

Nesse levantamento, os resultados que encontramos serão comunicados em dois tópicos, o primeiro trata sobre a história das mulheres e, no segundo, sobre o uso de histórias de vidas e biografias no ensino de História.

Nesse primeiro momento, sintetizamos sobre a História das mulheres e como o processo de invisibilidade feminina foi mantido durante as décadas, além das formas de resistência feminina e a ressignificação das histórias de acordo com quatro importantes especialistas no assunto: Michele Perrot (2005), Losandro Tedeschi (2015), Ana Veiga (2007).

Ao pesquisar sobre o uso biográfico e histórias de vida em sala de aula, encontramos as dissertações de Giselia Gonçalves (2020), Viviane Moreira (2018), Fernanda Crespo (2016) e Gerônimo Galvão (2019) das quais foram analisadas em um segundo momento.

Observamos que o estudo sobre a História das mulheres deve ser aprofundado e abordado na sala de aula como meio de proporcionar novas narrativas no processo de ensino e aprendizagem. Destacamos a história de vida de mulheres que fazem parte da história regional nordestina, já que quando estudamos História, referimo-nos às categorias de tempo e espaço

como recorte analítico, assim como nossas personagens, Sila e Maria Bonita, integram o imaginário popular regional e, a partir disso, pretendemos ressignificar suas trajetórias e torná-las símbolos de resistência através de suas histórias de vida no Cangaço.

## 1.2 O uso de Biografia na História das mulheres

“No teatro da memória, as mulheres são sombras tênues”  
(PERROT, 1989, p. 9).

Com destaque da frase de Perrot, afirmamos que a memória construída a partir de uma historiografia oficial que se perpetuou no século XIX consolidou o papel da mulher como coadjuvante da história ou sombra de “grandes homens”. Essa desvalorização da inserção das mulheres na história estava pautada no papel do gênero feminino na sociedade, sendo responsáveis geralmente pelo lar, não estando em áreas consideradas mais importantes como economia e política. Logo, para uma história construída por homens, falando sobre o papel de grandes homens, heróis, líderes que realizaram “grandes feitos”, falar sobre mulher não estava entre os temas importantes para serem registrados na memória da humanidade.

Observa-se que os discursos historiográficos são resultados das relações de poder que influenciaram os historiadores de cada período a evidenciar determinados acontecimentos históricos e silenciar outros. O historiador tem a liberdade de escolher o recorte temporal e a abordagem que irá fazer de determinado tema e, por isso, nesse trabalho, buscamos esclarecer e viabilizar a história de mulheres que foram silenciadas diante das narrativas reproduzidas.

A escrita historiográfica foi utilizada para a legitimação dos opressores e do domínio, possibilitando uma história de dominação pelos homens brancos, letrados, escritores e historiadores que decidiam o que seria gravado na memória através da escrita oficial. Isso implicou a continuidade do abuso do poder simbólico, o abuso do poder da sociedade machista, sendo que a história das mulheres contribui para uma nova narrativa e a revelação de uma história do silêncio<sup>2</sup> (TEDESCHI, 2015).

A quebra desse silêncio se inicia em 1970 quando os estudos sobre a História da mulher surgem no Brasil após a chamada Segunda Onda Feminista na década de 1960, quando as mulheres participaram ativamente de lutas por democracia em alguns países da América Latina.

Sobre isso, compartilhamos da indignação de Ana Maria Veiga (2007) sobre a invisibilidade das manifestações feministas como movimento social e político que aconteceram

---

<sup>2</sup> Concepção de Michele Perrot (1989).

no Brasil e na Argentina. Veiga evidenciou que a história de mulheres que lutaram contra a Ditadura Militar em seus países, respectivamente no Brasil (1968-1985) e Argentina (1976-1983), não possuem nada escrito sobre esses documentos em nenhuma das quinhentas páginas do livro de Boris Fausto e Fernando Devoto (2005) que comparam Brasil e Argentina. Desse modo, os historiadores decidiram qual narrativa seria abordada em seus livros e quais temas seriam relevantes. Observamos que a história de lutas das mulheres nas Ditaduras dos respectivos países não se fez um tema pertinente a ser debatido.

Para análise das manifestações da segunda onda feminista, Veiga (2007) usou da metodologia da história oral por meio de entrevistas com as brasileiras Heleith, Moema, Maria Lygia, Danda, Santinha, Maria Odila, Albertina, Zuleika, Heloneida e as argentinas Mirta, Sara, Leonor, Dora, Blanca, María Elena. Lucrecia foi essencial para dar visibilidade a essas histórias de vida que foram silenciadas ao longo do tempo. Salientamos que além das histórias de vida relatadas pelas próprias mulheres, podemos observar a crescente pesquisa através da análise de novas fontes, como diários, receitas e demais documentos produzidos na vida privada feminina.

A consideração crescente pela vida privada, familiar ou pessoal, fez com que os estudiosos e estudiosas lançassem olhares sobre fontes vistas, como não-oficiais: cadernos de receitas, álbuns de fotografias, diários íntimos, cadernos de anotações, livros de assentamentos, cartas, fotografias. Esses são alguns exemplos de fontes de que as mulheres se valeram para resistirem “à impossibilidade de falar[em] de si mesma[s] e do seu próprio ser, ou ao menos, o que se pode saber dele.” (PERROT, 2005, p. 10)

Portanto, a luta das mulheres em busca de espaço e visibilidade na primeira onda feminista na luta por direito ao voto, pode ser ressaltada décadas antes através do estudo de fontes não oficiais para reconstrução da memória coletiva. Salientamos que “nenhum fato histórico possui uma documentação que não possa ser substituída por outra, isto depende da vontade do próprio historiador” (TEDESCHI, 2015, p. 06).

Para Tedeschi (2015), a História das mulheres sobreviveu a partir da memória que se constitui por meio da narração das suas histórias de vidas, geralmente escritas em diários, em textos domiciliares que tinham o objetivo de expressar suas angústias perante a sociedade, mesmo que de forma inconsciente.

O autor faz a analogia ao fio de Ariadne da mitologia grega<sup>3</sup>, do qual esses fios de memória conseguiram reconstituir a história das mulheres em determinado período, trata-se da

---

<sup>3</sup> Na mitologia grega, Ariadne é a filha de Minos, rei de Creta. Conta a lenda que ela ajuda Teseu, seu grande amor, a sair do labirinto do Minotauro seguindo um novelo de lã, o "**fio de Ariadne**". Teseu entra no labirinto e consegue vencer o monstro que é metade homem e metade touro.

narrativa feminina escondida diante dos labirintos da memória que decidiram esconder que a sociedade patriarcal inviabilizou. Esses documentos escritos por mulheres abordam o cotidiano, o privado, os seus próprios corpos, angústias, violências, e ao historicizar, pesquisar e dialogar sobre eles possibilitam um entendimento sobre o passado não exposto na historiografia oficial.

Dessa forma, analisar a vida privada, o que não foi escrito, é fundamental para ter novas percepções sobre a realidade, debater sobre as histórias de vida mulheres brasileiras que participaram de movimentos sociais e não abrangem nenhuma página do livro didático torna-se urgente na academia e em sala de aula, possibilitando novas abordagens de escrita historiográfica como uma ferramenta de resistência.

Diante da pluralidade de definições sobre uma palavra, questionamos o que é resistência? Qual a importância da resistência feminina? Para Cristina Wolf:

Nas Ciências Humanas e Sociais, entretanto, a noção de resistência está geralmente associada à de poder ou de opressão, significando as forças ou ações que se opõem ao exercício do poder na sociedade, ou à opressão social. É nesse sentido que tem sido usada essa categoria nos estudos de feministas e de gênero e na história das mulheres em geral: para designar ações de oposição à dominação e opressão de gênero. (WOLFF, 2019, p. 647)

No campo das Ciências Humanas, especificamente em História, observamos as relações de poder ao longo do tempo e os movimentos de resistência contra a dominação imposta por um determinado grupo. Segundo Foucault (1979), as relações de poder estão por toda parte da sociedade, e onde há poder, existem resistências, e estas são plurais e necessárias. Para o movimento de resistência feminista, observamos a significação de lutas contra as forças opressoras do patriarcado que dominam a sociedade. A importância de resistir é buscar direitos frente às imposições do grupo dominante.

Desse modo, a história das mulheres é meio de resistência da luta feminina e por isso, nesse texto, analisamos o protagonismo das mulheres no Cangaço, tendo em vista que geralmente as mulheres cangaceiras não são representadas na historiografia na sala de aula. Buscamos ressignificar as histórias de vida de Sila e Maria Bonita como símbolo de resistência, convertendo as histórias das mulheres no Cangaço da perspectiva de submissão feminina, estupro e sequestros para uma abordagem de resistência e força da mulher nordestina, reconstrução das personagens do papel de vítima para torná-las protagonistas de sua própria história, com a consciência de que as mulheres têm histórias diferentes, sendo um grupo heterogêneo, diverso e complexo.

Para isso, dialogamos com autores(as) através da revisão de literatura realizada com objetivo de analisar as dissertações de mestrado sobre o tema, disponibilizado no site oficial do ProfHistória Nacional, gerenciado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Repositório da Produção Científica e Intelectual da UNICAMP. Entretanto, obtive, na busca por palavras-chave sobre “mulher” no site ProfHistória, o total de 17 dissertações. Quando pesquisamos sobre o Cangaço, não foi possível obter produções com essa palavra-chave e quando pesquisamos com as palavras-chave e resumo sobre Cangaço e mulher, o resultado da busca é o mesmo com a palavra-chave anterior. Salientamos que, apesar dos avanços no campo de estudos sobre a História da Mulher, encontramos poucas publicações quando pesquisamos sobre o tema no Banco de Dissertações do ProfHistória.

Ao pesquisar sobre o uso biográfico e histórias de vida em sala de aula, encontramos as dissertações de Viviane Moreira (2018), Giselia Gonçalves (2020), Fernanda Crespo (2016) e Gerônimo Galvão (2019).

Moreira (2018), em sua dissertação do ProfHistória da Universidade Federal de Santa Catarina, com o tema “*Ensinar mulheres na história: abordagens biográficas*”, teve como objetivo do seu estudo a análise de biografias de mulheres no período colonial. A autora destaca ao longo da sua pesquisa que o uso de biografias no ensino de história permite novas alternativas que incluem a subjetividade do ser humano como sujeito histórico, influenciando com novas referências no estudo da história geral. Para isso, é necessário que as biografias sejam relacionadas com o meio social e cultural, buscando problematizar as vivências para esclarecer os fatos das narrativas históricas.

Assim, a biografia trata sobre a história de um determinado período observada a partir da perspectiva de um indivíduo ou de um grupo. O uso de biografias em sala de aula atrai a atenção dos alunos para novos rostos, novos sujeitos protagonistas de outras histórias e permite perspectivas estruturais e sociais mais amplas, em contraste com as narrativas de heróis. Observa-se também que

As leituras destas narrativas biográficas evidenciam abordagens misóginas que reforçam lugares e papéis das mulheres naquele período, sejam indígenas, negras ou brancas, ressaltando suas participações de vida como apêndices de seus maridos, que figuram com cargos e símbolos coloniais. (MOREIRA, 2018, p. 72)

Salientamos que as narrativas de abordagens misóginas continuaram na historiografia oficial, para além do período colonial, e influenciaram a visão do papel da mulher somente na sombra dos grandes homens e seus feitos.

Indo ao encontro da perspectiva de Moreira sobre o uso de biografias, a dissertação de Gonçalves, com o tema *A condição feminina e o uso de histórias de vida na formação da consciência histórica*, a condição feminina é analisada a partir da perspectiva de histórias difíceis. Para Bodo Von Borries (2016) é considerada história difícil aquela que relata fatos que envolvem conflitos diretos ou indiretos e exigem posicionamento sobre os acontecimentos dos sujeitos envolvidos, nesse caso conflitos diretos ou indiretos com a sociedade machista. A autora usa a estratégia de histórias de vida, com a qual permite relacionar as condições de vida do indivíduo com a sociedade em que ele está inserido, formando novas narrativas.

Galvão em sua dissertação *Biografia na sala de aula: a construção de saberes históricos a partir do trabalho com histórias de vida*, publicada na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) no site nacional do ProfHistória, traz como objetivo analisar o uso de biografias em sala de aula, possibilitando a construção de saberes históricos entre os alunos do Ensino Médio. Em sua pesquisa, o autor destaca que, apesar da produção de conhecimento acadêmica em meados do século XX não ter possibilitado o debate sobre os estudos biográficos, no ensino escolar as biografias não desapareceram por completo das aulas de História.

Entretanto, o desafio estava na metodologia que foram trabalhadas as biografias no ensino de História, pois pautavam-se no modelo factual e pelo viés heroico dos personagens. O uso de biografias em sala de aula deve ser abordado de modo crítico, buscando trabalhar os saberes históricos e suas possibilidades problematizadora e, através da biografia de um indivíduo, conseguir analisar, problematizar e reconhecer aspectos de uma determinada época que influenciou na vivência do sujeito. Para o autor,

As biografias fazem parte da cultura histórica, participando da consciência histórica das sociedades, existe não apenas possibilidades de trabalho no Ensino de História com as mesmas, existe a necessidade desse tipo de trabalho. Entendendo o Ensino de História como formativo, é necessário que aqueles que aprendem história aprendam a trabalhar com a leitura de sequências biográficas, para que possam desenvolver ferramentas que os levem a problematizar e desnaturalizar histórias de vida por meio da crítica histórica. (GALVÃO, 2019, p. 69)

Na dissertação de Fernanda Crespo (2016) - (PROFHIST – UERJ), a autora também destaca o uso de biografias na sala de aula como ferramenta para problematizar e desnaturalizar narrativas históricas estabelecidas. Para isso, utiliza a biografia de Laudelina. Como tema da sua dissertação é *O Brasil de Laudelina: usos do Biográfico no Ensino de História*, utiliza de “outras histórias de vida”, de “outros sujeitos” e não mais os “grandes”. Assim como os personagens subalternos podem ser repensados como protagonistas ativos da sua própria

história e da história do período, a história de Laudelina de Campos Melo, mulher e negra também vai de encontro ao uso de biografias dos heróis.

Ao encontro do que foi exposto nas pesquisas dos mestrados citadas acima, buscamos aprofundar para a dissertação de mestrado a biografia de Maria Bonita, ou Maria de Déa, registrada oficialmente como Maria Gomes de Oliveira, a primeira mulher a participar do movimento do Cangaço por vontade própria, sendo companheira de Virgulino Ferreira da Silva (Lampião), ressignificando a sua história, na possibilidade da construção de empoderamento feminino nas alunas, além de evidenciar o papel das mulheres em movimentos predominantemente masculinos e destacar suas histórias de vidas em sala de aula. Destacamos que a mulher cangaceira fazia parte do seu tempo e, com isso, parte de uma sociedade machista e opressora do Cangaço cujas histórias podem identificar o machismo na sociedade atual e combatê-lo. Sila, diferente de Maria Bonita, não entrou para o Cangaço de vontade própria, ela foi sequestrada com 12 anos por Zé Sereno.

O contraste das histórias de vida de Maria Bonita e Sila possibilitam diálogo sobre o papel das mulheres no Cangaço. Diante disso, pensamos ser urgente abordar sobre outras mulheres invisibilizadas em outros movimentos políticos brasileiros, como Sila e Maria Bonita no movimento do Cangaço, e ressignificar a história de opressão que essas mulheres sofreram dentro do Cangaço e transformá-las em símbolos de empoderamento da mulher brasileira e nordestina.

Diante do exposto, consideramos que mesmo diante dos avanços de pesquisas no meio acadêmico sobre a História das Mulheres e demais grupos silenciados pela historiografia oficial, existe a urgência do debate desses temas em sala de aula. É necessário pesquisar e produzir conhecimento que consiga chegar à base da sociedade, nas escolas de educação básica do país, e permita modificar as narrativas que foram solidificadas durante o tempo.

Na síntese sobre a História das mulheres, destacamos as ideias de Michele Perrot (2005, 1989) que dialogou sobre a invisibilidade e silenciamento da mulher na sociedade diante do protagonismo dos grandes homens considerados “heróis”. O silenciamento das perspectivas femininas na história como fruto das relações de poder e abuso de poder da sociedade machista, a resistência contra esse abuso iniciou com os estudos sobre a História da Mulher em 1970 no Brasil (TEDESCHI, 2015). Sobre a segunda onda feminista e as lutas feministas no Brasil na década de 70, a autora Ana Veiga (2007) evidenciou a história das mulheres que lutaram contra a Ditadura Militar em seus países, através do uso de histórias de vidas com entrevistas a mulheres dos respectivos países: Brasil e Argentina.

Diante das pesquisas sobre o uso biográfico e histórias de vida em sala de aula, para ressignificar a história das mulheres, analisamos através das perspectivas das autoras Giselia Gonçalves (2020), Viviane Moreira (2018), Fernanda Crespo (2016) e Gerônimo Galvão (2019). As considerações das análises foram que o uso de biografias e histórias de vidas permitem a inserção de novos personagens e, conseqüentemente, novas narrativas e abordagens da História, facilitando o processo de ensino e aprendizagem. Através da análise sobre o uso de biografias, pode-se observar que o estudo de novos sujeitos faz com que os alunos se identifiquem com “pessoas comuns” que fazem parte da história e se identifiquem como sujeitos históricos.

Utilizar biografias de mulheres nordestinas como Maria Bonita e Sila, que viveram de acordo com as amarras do seu tempo, possibilita que mulheres que vivem no século XXI sejam representadas ao longo dessas duas décadas no cenário do nordeste brasileiro, mas especificamente do interior de Alagoas, onde emerge a necessidade de construção de uma consciência crítica sobre a representação da mulher diante do patriarcado nordestino da Zona da Mata alagoana.

### 1.3 O ser mulher Nordestina

Não cabe fazer a história das mulheres por meio de erros ou acertos sobre o seu passado, contar a saga de heroínas ou mártires, o que seria de um terrível anacronismo. O que importa é desvendar as tensões, contradições e negociações que se estabeleceram, em diferentes épocas, entre elas e seu tempo; entre elas e a sociedade na qual estavam inseridas.

(PRIORE, 2001. p. 47).

Não cabe aqui transcrever a história de Sila e Maria Bonita como mártires ou heroínas do nordeste brasileiro. A perspectiva deste trabalho é justamente analisar as contradições do ser mulher cangaceira no nordeste brasileiro em pleno século XX, possibilitando a construção de uma narrativa em sala de aula sobre a participação das mulheres em movimentos de revoltas, e como a presença feminina modificou as estruturas do Cangaço e transformou suas histórias de vida em conscientização do papel da mulher na sociedade e empoderamento feminino. Para isso, é fundamental pensar sobre o ser mulher no mundo, no Brasil, e mais especificamente no nordeste brasileiro.

Para dialogar sobre o que significa ser mulher no nordeste brasileiro, é necessário refletir sobre a construção dessa região. Ao analisarmos a formação identitária do Nordeste, é perceptível divergências entre as representações da região e do povo nordestino e a realidade

atual, que é muito mais complexa que as representações e símbolos construídos ao longo dos séculos. A identidade construída nacionalmente sobre o Nordeste é marcada por estereótipos, pré-conceitos e símbolos, dos quais geralmente partiram de um fato existente na região, como o fato da existência da seca no sertão nordestino, contudo, nossa cultura não está reduzida a essas simples características e estereótipos amplamente divulgados nacionalmente através da mídia e de filmes nacionais.

A divisão regional do país como conhecemos hoje, as cinco regiões: Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Norte e Nordeste, foi estabelecida na década de 1940, a partir de estudos e propostas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); o qual considerou elementos físicos, biológicos, climáticos e socioeconômicos para dividir o território nacional. Contudo, sobre a construção da identidade de cada região, é de séculos antes, proporcionado desde o período da colonização, enraizada no século XIX e XX, que reverberam discursos que ressaltam as regiões sul e sudeste do país como desenvolvidas e exalam xenofobias aos demais regiões.

No campo da literatura regionalista, destacamos o clássico de Euclides da Cunha, *Os Sertões* (1902), no qual ao narrar os acontecimentos da Guerra de Canudos qualifica os nordestinos como religiosos fanáticos, ao passo que também constata que “o sertanejo é, antes de tudo, um forte”. A identidade do Nordeste nasce em meio ao declínio da república velha, da crise econômica do açúcar e do algodão, que o êxodo rural submete aos trabalhadores saírem de sua terra natal para o sul do país em busca de trabalho nas terras produtoras de café.

A construção da identidade nordestina recai ainda aos preconceitos gerais, pois, ao falamos em Nordeste, o pensamento geralmente se limita ao sobre o clima quente, a sensualidade do Brasil Tropical com lindas praias, com o carnaval que dura o mês inteiro e ainda tem o carnaval fora de época, na ideia do baiano preguiçoso e improdutivo. É lembrar da seca e da imagem do sertanejo, do Cangaço, este movimento que contribuiu para a percepção do povo “violento”, a imagem do matuto sem escolaridade, entre outros que são divulgados através de novelas e demais obras cinematográficas, contribuindo para a visão equivocada que essa região não tem mais nada a oferecer.

Assim como realizam a união dos nove estados nordestinos em um grande bloco, Maranhão, Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Bahia, Sergipe, Alagoas e Paraíba, cada estado com suas peculiaridades, sua cultura, suas diversidades econômicas, suas riquezas geográficas e sociais, e simplesmente são unificados e associam todos os habitantes dos nove estados a apelidos de “Paraíba” como se todo nordestino fosse igual. Essa suposição que toda uma região do país é um grande bloco e que todos os habitantes possuem os mesmos costumes,

o mesmo sotaque, a mesma culinária, é um equívoco de quem desconhece a complexidade de cada estado nordestino e não faz questão nenhuma de conhecer; entretanto não devemos aceitar ficar sujeitos a idealização preconceituosa daqueles que se recusam a buscar informações concretas sobre uma das maiores regiões do país e tão diversa culturalmente.

Diante desse imaginário no qual construíram o Nordeste, de acordo com Albuquerque (2013), pensar no Nordeste “é mobilizar todo o universo de imagens negativas e positivas, socialmente reconhecidas e consagradas, que criaram a própria ideia do Nordeste”.

É longo e exaustivo o processo de questionamento que nos leva a pensar sobre a emergência do Nordeste enquanto imaginário social. Não se pode falar do Nordeste que conhecemos hoje, sem mencionar suas duras condições climáticas e geográficas, sua herança de colonização que levou a uma hierarquização de classe, raça e gênero, resultando em uma cultura predominantemente coronelista e patriarcal; da distribuição desigual de recursos financeiros por parte do Governo Federal, da falta de pertencimento e unidade enquanto povo brasileiro. (CRUZ, 2016, p. 22)

Diante do ponto de vista da autora citada acima, compreendemos que o processo de colonização no Brasil, que durou de 1530 a 1822, contribuiu para a formação atual do país. Ao longo de três séculos, o Nordeste foi construído a partir dos ditames de uma elite colonialista, com hierarquização de classes sociais marcadas por desigualdade de condições de acesso à terra e, conseqüentemente, a dominação da luta de classes, dos donos de meios de produção, nesse caso a terra, e daqueles que são submetidos a péssimas condições de trabalho em busca do pão de cada dia.

A identidade nordestina passa a ser definida justamente a partir dessa relação entre o oprimido e o opressor, assim como através das diferenças entre essa região e as demais do país. Na perspectiva de Woodward (2000), compreendemos que a definição de identidade é relacional, sendo assim, a identidade depende de algo de fora dela para ter a sua condição de existência; a identidade é marcada através da diferença, justamente nas diferenças que condicionam a identidade de um povo.

O Brasil é caracterizado por grandes diferenças culturais e regionais devido a sua proporção continental e, no contexto identitário brasileiro, constitui-se pela distinção entre “nós e eles”, sendo que a parte do país que representa o avanço social, industrialização, os bons costumes, o povo inteligente, descendentes de europeus e herdeiros da genética da população branca e de olhos claros são a representação do “nós”, são as regiões do sul e sudeste, enquanto superiores ao “eles”, marcados pelo restante do país, principalmente pelas regiões Norte e Nordeste. Este último representa justamente o contrário do exposto anteriormente, os

nordestinos são analfabetos, com a terra seca e infértil, população de maioria preta, com cabelos crespos, e demais conceitos produzidos historicamente com a sociedade brasileira. Portanto o país é definido nas suas diferenças e na rejeição ao outro.

Buscando ressignificar o regionalismo no país, na década de 1920, surgiu um movimento marcado por ampla militância cultural e intelectual, com objetivo de redefinir essa região e os seus habitantes. Surgem os grandes nomes da literatura que iniciaram o movimento Regionalista no Nordeste em 1924, no qual o líder Gilberto Freyre fundou o Centro Regionalista na cidade de Recife, reunindo personalidades políticas e culturais e propondo uma nova forma de pensar a realidade de produção artística, cultural no país, sendo para ele a região que abrigada em seus habitantes o encontro das três raças formadoras da nação (portugueses, indígenas e africanos). Todavia, por o movimento não conseguir atingir seu objetivo de reconstruir uma nova visibilidade ao Nordeste, destacamos também que o papel da mulher continuava sendo insignificante para o idealizador do movimento.

O papel da mulher nessa sociedade idealizada por Freyre era o de total insignificância e submissão. Mulheres estavam à disposição de seus pais e seus maridos para fecharem alianças por meio de casamentos arranjados, na atuação dos serviços domésticos e no cuidado dos filhos e, com isso, deviam se sentir realizadas, além do sentido de erro, fragilidade, fracasso e irracionalidade associados ao ser mulher. (SILVA, 2020, p. 19)

Deste modo, observa-se que a idealização de uma reconstrução do imaginário sobre essa região não obteve êxito e ainda temos dentro do movimento a discriminação da mulher nordestina por relacionar as concepções de fragilidade e fracasso para o gênero feminino.

Maysa Silva (2020), em sua dissertação intitulada *Mulheres no cinema de Alagoas: mostra sururu de cinema alagoano (2009-2018)*, retrata que os discursos do cinema brasileiro contribuem para perpetuar o senso comum do Nordeste. O imaginário, em todos os seus momentos de relevância, aborda as temáticas como a seca, o Cangaço e a migração, sendo as mais utilizadas no cinema, assim como os romances que idealizam e confirmam os discursos sobre as mulheres nordestinas.

Existe uma insistência em relatar a miséria, o sofrimento e as escassez de água do sertão nordestino em produções nacionais, geralmente em novelas de épocas ambientadas no Nordeste, pois sempre focam na região do sertão nordestino, na percepção das dificuldades do nosso povo, geralmente com visões equivocadas sobre costumes e modos de vida dessa população. Como exemplo temos a representação equivocada do Cangaço na novela *Cordel Encantado* (2011), escrita por Duca Rachid, Thelma Guedes e coautoria de Thereza Falcão, no

qual os autores transformam as vivências do Cangaço em simples história de amor, descaracterizando a violência e as lutas diárias enfrentadas pela mulher cangaceira.

Para Silva (2020), diante das transformações ocorridas no século XX, com o advento da República, a busca dos direitos femininos, “o medo de uma alteração nas relações de poder entre homens e mulheres era incontestável e assombrava as elites do Nordeste”. (SILVA, p.19, 2020). Atualmente, podemos refletir sobre as mudanças que foram configuradas, ao longo do século XX e XXI. Contudo, ao pensarmos no ser mulher e nordestina, no qual compreendemos que se tornar mulher é um processo que revela a força e a perseverança do gênero feminino, entendemos que desde o nascimento tem um alvo nas costas, mediante a construção de uma sociedade machista, além do medo de ser vítima de diversas formas de violência, seja ela física ou psicológica.

Diante desse contexto, ser mulher e nordestina é carregar o fardo de ser vítima de preconceito duas vezes: o de ser mulher considerado o “sexo frágil ou o segundo sexo”, e a todos os estereótipos instituídos no povo nordestino e que foram apresentados acima. Atrelado a ser mulher nordestina e do campo, a sociedade impõe determinadas expectativas sociais delimitadas durante séculos, como o casamento e a responsabilidade de cuidar da família, enquanto aquelas que não se encaixam nesse perfil são tratadas com termos pejorativos, por não terem seguido a tradição secular do casamento e permanecer dentro dos padrões sociais.

Para as autoras Lorena Morais e Nathália Nascimento (2020) as teorias das sociedades do campo evidenciam a constituição de uma família para a manutenção do modo de vida social e produtiva no campo, e todos possuem seus papéis sociais bem definidos, reproduzindo uma estrutura conservadora, heteronormativa e de valores patriarcais. Desse modo, o casamento desempenha a função de trazer estabilidade para esse modo de vida, assim como possibilita o aumento de bens e de terras entre as famílias envolvidas. Aquelas mulheres que não se casam e buscam outro modo de vida tendem a receber críticas da sua comunidade.

Ressaltamos que, desde o século XX, algumas mulheres nordestinas e do campo integraram o cangaço através de fuga das suas próprias famílias (quando adentravam no cangaço por vontade própria) ou por meio de sequestros (cangaceiros raptavam as moças e mulheres) para seguir um estilo de vida completamente diferente do imposto no período. Seguindo seus companheiros em uma vida de batalhas, acabaram por adotar perfis mais enrijecidos (traços de “mulher macho”, aquela que deseja fazer as mesmas atividades que um homem), contrariando o ideal de feminilidade recatada e da maternidade. Destacamos também que

Longe de qualquer noção de empoderamento ou consciência de gênero, as mulheres do cangaço viviam uma vida livre dos ditos da sociedade, sendo, assim, julgadas como “mulheres sem vergonha ou safadas”; por outro lado, viviam uma vida de submissão aos homens do cangaço, eram estupradas, engravidadas por diversas vezes e obrigadas a abandonar os filhos para seguir a vida nômade. (MORAIS; NASCIMENTO, 2020, p. 728)

Os movimentos feministas, destacados como primeira onda e segunda onda feminista, a partir da década de 1960 no Brasil, passaram a questionar o papel da mulher na sociedade, a divisão social do trabalho e os laços de dependência da mulher em relação ao seu companheiro, um processo de empoderamento que resultou em questionar o estabelecimento do matrimônio como destino social. Todavia, as autoras destacam que, mesmo diante da conquista de autonomia feminina, no campo, ainda persiste a idealização de uma mulher voltada simplesmente para o casamento e o cuidado do lar. Aquelas que seguem outro modelo de vida são taxadas de diversos estereótipos sociais. Na pesquisa realizada pelas autoras, foram entrevistadas dez (10) mulheres que optaram por não casar e relataram como a decisão foi difícil no ambiente rural.

Defendemos aqui o poder de escolha das mulheres, se for o desejo de ser mãe e esposa que seja aceito, assim como seja respeitada a opção de não viver exclusivamente para o casamento. Entretanto, as mulheres que não correspondem às expectativas sociais no meio rural – casar e ter filhos – são classificadas com termos pejorativos como “moça véia”, “titia”, “dondoca” e vítimas de piadas como “vai levar para São Pedro” atrelado ao fato de morrer virgem ou sem vida sexual ativa. As autoras constataram a partir das entrevistas os apelidos citados entre outros:

As mulheres desviantes são estigmatizadas e acabam recebendo títulos como “moça veia” (mulher virgem que já passou da idade de casar e ter filhos), “para tia” (mulher que não foi mãe e sua posição dentro da família é ser tia, título de menor status na unidade familiar, se comparado ao de mãe), “solteirona”, “puta veia” (mulher que já se relacionou com vários homens, porém não casou e não teve filhos)... Esses títulos estão associados a significados que as caracterizam como mulheres que desviaram da natureza. (MORAIS; NASCIMENTO, 2020, p. 730)

Esses termos revelam que a sociedade machista atrela a mulher somente à condição sexual, e estas mulheres solteiras, sobretudo as do campo, são objetificadas e vistas como uma ameaça aos casais, sendo que sempre irá sobrar ou faltar sexo na sua vida e, desse modo, torna-se um atrativo aos homens. Constata-se que casamento e a maternidade são considerados

destinos inevitáveis para todas do gênero feminino, sendo uma dádiva divina a construção de uma família, mesmo que não se tenha estrutura financeira para a constituição dela.

Destaca-se também que a tradição do casamento estava associada a fatores econômicos, pois a elite do sertão nordestino, desde cedo, instituiu encontrar um homem de boa família com objetivo de unir as riquezas e ampliar o patrimônio. As classes menos favorecidas seguiam os mesmos valores, sendo o principal interesse na formação de uma família. Deste modo, a construção familiar, que recai sobre a responsabilidade feminina, tem o objetivo de manter as relações reprodutivas e socialmente produtivas no meio rural. Ir de encontro a essas regras sociais não são bem-vistas na comunidade até os dias atuais; assim como cobram das mulheres que optam por ser solteiras a realização do papel de mãe e esposa, associam a felicidade pessoal e a saúde mental delas a seguir esse padrão imposto.

Em outra perspectiva de análise, autores como Bassanezi (1997) fazem a reflexão sobre a distinção entre as moças de família e as levianas, sendo as mocinhas aquelas que correspondem aos anseios da sociedade, a “virgem”, recatada e do lar, as mulheres ideais para o casamento e a construção de uma família. Enquanto as levianas, classificadas como as que permitiram a intimidade física com homens antes do casamento, faziam com que eles as procurassem apenas para namoros esporádicos sem o ideal de casamento, tornando-as descartáveis por não cumprirem as regras pré-estabelecidas.

Infelizmente, ainda é triste presenciar discursos machistas que perpetuam essa ideologia e distinção entre as “mocinhas” e as “levianas”, através da tradição oral de algumas mães que perpetuam, de geração a geração, os ensinamentos sobre a preservação do hímen para o casamento, atrelado ao discurso de que nenhum homem irá construir uma relação depois de descobrir que a mocinha não é mais virgem, ao passo em que uma parte significativa do gênero masculino demonstra esse pensamento através de atitudes que separam as “boas e más meninas” para o casamento em pleno século XXI.

Nesse cenário de construção da mulher nordestina, o autor Albuquerque (2005) ainda define outra classificação. Além da mocinha e da leviana, surge uma terceira análise de personagem feminina no Nordeste, a “mulher macho”, como já identificada anteriormente, sendo a forma que classificavam algumas mulheres cangaceiras. Com esse “título” se referem a uma mulher que protagoniza ações tipicamente análogas ao sexo masculino. Algumas mulheres, em busca de liberdade, precisam assumir características masculinas, ser forte, rústica, corajosa, buscavam seu próprio meio de sobrevivência através do trabalho, traços da mulher sertaneja que necessitavam de coragem para enfrentar a natureza hostil e a sociedade.

A mulher-macho era aí uma exigência da natureza hostil e da sociedade marcada pela necessidade de coragem e destemor constante. Portanto, o discurso regionalista nordestino vai criando não só o homem nordestino, mas a própria mulher nordestina como caracterizados por traços masculinos, traços da sertaneja. (AZEVEDO; DUTRA, 2019, p. 10)

Diante desse contexto, no qual definem a mulher nordestina em três personagens distintas: a mocinha - virgem e ideal para o casamento; a sensual - mulher que trai; e a mulher macho – aquela que se dispôs a trabalhar e fazer o mesmo que os homens, foram sendo construídas ao longo dos anos pelo imaginário popular e reforçadas através do cinema nacional. De acordo com Amanda Cruz (2016):

Partindo do pressuposto de que o cinema exerce papel fundamental enquanto dispositivo histórico de uma sociedade, pode-se afirmar que o cinema da década de 1980 teve influência direta do movimento feminista vigente na época. Os filmes produzidos neste período foram de extrema importância para a representatividade da mulher nordestina para além do cinema. (CRUZ, 2016, p. 54)

Sendo assim, a mulher nordestina estereotipada, sensual e libertina é associada às mulheres negras ou pardas, agregando a personagens consequências de hiper sexualização dos seus corpos, objetificação sexual, exercendo assim um violento processo de discriminação. Um exemplo dessa representação no cinema é a personagem “Gabriela – Cravo e Canela”, inspirada no livro de Jorge Amado (1958). A personagem, vivida em 2012 pela atriz Juliana Paz na novela transmitida pela rede Globo, apresenta comportamento incomum às demais moças da cidade de Ilhéus, causando estranhamento entre homens e mulheres com seu jeito amoroso, com certa ingenuidade, selvagem e sensual. Ao utilizarem a imagem da mulher sensual, analfabeta e criada na zona rural sem ter “bons costumes”, acabam transferindo essas características a todo o coletivo de mulheres nordestinas.

Nessa mesma perspectiva, também compõe o ranking de personagens com apelo sexual reproduzida através de novelas, a mulher libertina que trai o esposo no filme o “Alto da Compadecida” (2000), interpretada por Denise Fraga, a esposa do padeiro, a sensual Dora, que conseguiu ter uma condição de vida financeira melhor que a maioria das pessoas, entretanto, enquanto o marido sai para trabalhar ela coleciona amantes.

No filme a *Lisbela e o Prisioneiro* (2003), temos como exemplo de mulher ideal no Nordeste, a mocinha, virgem e recatada – representada pela Lisbela (Debora Falabella) que acaba se apaixonando erroneamente por Léleu (Selton Mello), gerando a trama principal, o amor proibido entre a mocinha (dama) e o vagabundo. Destaca-se no mesmo filme a

representação de mulher-macho no cinema a personagem Inaura (Virgina Cavendisch), onde Inaura atira no próprio marido e acaba ocupando o seu lugar como pistoleira após sua morte.

A “mulher macho” nordestina é caracterizada pela mulher forte, independente, podendo ser a tia solteirona ou a mãe solteira que, ao mesmo tempo que pegava na enxada, trabalhava na roça ou fora de casa sendo doméstica, cuidava dos filhos, da casa e ainda da subsistência familiar. Vale destacar que, de acordo com os números do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, a quantidade de domicílios mantidos por mulheres cresce todos os anos. Em 2021, são cerca de 34,4 milhões, assim como o crescimento na participação das mulheres no mercado de trabalho, que tem aumentado significativamente. Entre 2000 a 2010, a participação foi de 56% para as mulheres das cidades e 46% para as mulheres que vivem na zona rural. A maioria dos titulares do Programa Bolsa Família – atualmente renomeado para Auxílio Brasil em uma manobra grotesca do governo do então ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, com objetivo de tentar fazer o povo esquecer das ações afirmativas do Governo Lula (2003- 2006 / 2007-2011), são essas mulheres, como chefes de famílias, mulher-macho que buscam independência profissional, financeira e lutam para viver dignamente, sejam sozinhas ou com seus filhos.

Nesse sentido, enquanto mulher e nordestina, ao refletir sobre como minha história de vida é julgada diante da própria comunidade e cidade de interior, por optar estudar, batalhar por uma independência financeira, tendo que sair todos os dias deslocando-me por trinta quilômetros de moto para ministrar aulas, acabo sendo julgada como “mulher macho, sapatão, moça veia” e demais adjetivos que não consigo escrever. Assim, que a minha luta diária tenha a possibilidade de inspirar mais mulheres a sair do casulo e buscar novas experiências de vida, mesmo diante dos julgamentos e da solidão que insiste em nos abater, sigamos nos construindo como mulheres fortes.

Salientamos que o nordeste não se resume a faixa do sertão do qual a terra é mais seca, não somos um povo constituído de analfabetos e sem cultura, somos a região do qual, dentre as dez redações nota mil no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM 2021), sete foram de estudantes nordestinos<sup>4</sup>; somos a região que ganhou todas as Olimpíadas Brasileiras de História, somos a terra de autores como Graciliano Ramos, Jorge Amado, Ariano Suassuna, Paulo Freire, de cantores e poetas como Caetano Veloso, Gilberto Gil entre outros. Já cantava o grande intérprete e poeta – Saulo: “*Somos um povo de raízes fortes, somos filhos da sorte*”.

---

<sup>4</sup> Dentre os 10 estudantes com nota 1.000 na redação do ENEM 2021, sete alunos foram da região Nordeste, especificamente dos Estados: Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Bahia.

Somos um povo forte e de mulheres mais fortes ainda, das quais podemos ressignificar os adjetivos que, ao longo dos séculos, foram direcionadas a elas, sejam de mulher-macho, paraíba masculina, moça veia, donzela, mocinha, a sensual e libertina, entre outros. Se atualmente ainda seguimos lutando diante de todos os estereótipos da mulher nordestina, são repugnantes as demonstrações de repressão e violência contra as mulheres nas décadas de 1920 a 1930, antes do direito ao voto, no período do Cangaço no Nordeste. Documentários de sobreviventes do Cangaço, como Dadá e Sila, deixam seus relatos sobre as lutas diárias em ser mulher nordestina e cangaceira, sendo que estas duas citadas foram raptadas ainda na fase da pré-adolescência de suas famílias por cangaceiros que não conheciam. Relatam ainda que, se não obedecessem, quem sofreria as consequências e represálias do grupo seriam os pais, irmãos e demais parentes.

Questões como essas serão abordadas no próximo capítulo, discutindo sobre a inserção (voluntárias ou involuntárias) das mulheres no movimento cangaço, assim como abordando a conceitualização sobre o movimento Cangaço, que é motivo de debates inflamados entre os acadêmicos, quanto a sua definição, a sua emergência e as formas de violência tanto dos cangaceiros quanto das volantes, assim como a violência com as mulheres no movimento, como destaca Negreiros (2018), em sua obra *Sexo, Violência e Mulheres no Cangaço*.

## CAPÍTULO 02 - AS MULHERES NO CANGAÇO

### 2.1 Dialogando sobre o movimento do Cangaço

Propor escrever sobre o Cangaço é um desafio que remota à análise de diálogos e questões sociais, econômicas e políticas que propiciaram, no surgimento desse movimento, a Primeira República (1889-1930) na região nordestina. Diversos pesquisadores na área, cada um com uma vasta produção historiográfica, defendem um determinado ponto de vista, sabendo que o pesquisador não é imparcial, pois a sua subjetividade é eminentemente disposta no texto, a abordagem defendida sobre o Cangaço parte da sua formação histórica. Ao longo desse capítulo, refletiremos sobre as ideologias de alguns especialistas sobre o assunto e destacaremos nossas intenções e posicionamentos políticos a respeito das discussões teóricas levantadas.

Ao pensarmos sobre o Nordeste, como abordamos no capítulo anterior, remete-nos ao imaginário popular tradicional, a seca, o matuto e a bravura – violência herdada do movimento do Cangaço - essas concepções são amplamente divulgadas pela mídia brasileira. E, quando alguém fala sobre o Cangaço, remete ao imaginário a figura dos homens, a figura de Lampião, as vestimentas adornadas e a violência dos seus homens, roubos, assassinatos, violações, estupros, torturas e demais formas de espalhar terror no sertão nordestino.

Entretanto, as definições de cangaço e a amplitude do movimento é muito mais complexa, remete a séculos de condições sociais e econômicas que possibilitaram o seu surgimento. O cangaço faz parte do imaginário popular, deixando marcas na cultura nordestina, o que o tornou objeto de estudos e análise de campo de interesse de pesquisadores do Direito, História, Cultura e até mesmo o segmento da moda, entretanto a visibilidade do movimento no campo acadêmico brasileiro iniciou-se a partir de 1960 “com os estudos da historiadora Maria Christina Matta Machado, que publicou em 1969 o livro *As táticas de guerra dos cangaceiros.*” A partir desse estudo, seguiram uma vasta produção acadêmica sobre o Cangaço, com diferentes objetivos de estudo.

Diante da vasta produção acadêmica sobre o Cangaço, observa-se posições conflitantes quanto à explicação das possíveis causas do surgimento do movimento, as razões ideológicas e importância do movimento para a sociedade e para as minorias no Nordeste brasileiro.

Para início de conversa, buscamos a definição etimológica da palavra Cangaço no dicionário Aurélio:

Bandido do sertão nordestino, que anda sempre fortemente armado”, ou seja, um “bandoleiro”. O termo cangaço caracteriza o “gênero de vida dos

cangaceiros”, ou seja, destes indivíduos que vivem da prática do crime. Esta denominação o caracteriza como um fenômeno regional, específico dos sertões nordestinos e compõem a percepção do senso comum em relação ao tema. (FREITAS, 2005, p. 15)

Contudo, essa simples definição caracterizada pelas ideias do senso comum sobre o assunto, é contestada por diversos pesquisadores na área, dentre eles a autora Maria Isaura P. de Queiroz em sua obra *a História do Cangaço* (1977), por Rui Facó (1963), em sua obra *Cangaceiros e Fanáticos*, Maria Matta Machado (1969), em sua obra *Cangaceiros: táticas de guerra*; assim como existem outras definições e abordagens sobre o cangaço através da perspectiva do historiador Eric J. Hobsbawn (1978), pioneiro em abordar sobre o banditismo social, da antropóloga Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros (2000), assim como dos autores Gustavo Barroso (1930), Luiz Pericás (2015) e Frederico Pernambucano de Mello (2018).

Salientamos a emergência em analisar o termo cangaceiro que remota ao século XIX. De acordo com a sociólogo Gustavo Barroso, o termo designava aqueles que “andavam debaixo do cangaço”. Para o autor, “[...] o cangaço não é somente, na linguagem sertaneja, o armamento do bandoleiro; é também o seu modo de vida nômade, desregrado e sanguinário”. (BARROSO, 1930, p. 119).

Enquanto isso Luiz Pericás (2010) define duas analogias para a construção do termo cangaço. A primeira refere-se à subordinação e dependência dos cangaceiros aos coronéis e autoridades que pagavam por seus serviços e ofereciam proteção e abrigo; isso na representação de um instrumento de tortura quando a cangalha é alocada sob os lombos do cavalo ou jumento. Na segunda, a ligação está entre os termos cangaço e canga de boi, instrumento de madeira disposto sobre cada lado do cavalo para facilitar o transporte de materiais e pertences do cangaceiro em sua vida nômade.

Para a socióloga Maria Isaura P. de Queiroz (1977), o movimento do cangaço pode ser delimitado no tempo e no espaço e foi construído a partir das condições peculiares justamente deste período e, assim, no tempo delimitado a partir do final do século XIX, na década de 1940, onde é assassinado o último cangaceiro de renome – Corisco, líder de um bando e homem de confiança de Lampião. No espaço do interior do sertão nordestino, marcado pela seca, fome e autoritarismo dos Coronéis, o cangaço surge justamente financiado por grandes chefes políticos, fazendeiros e coronéis que utilizavam desses homens armados para efetivar suas vinganças a opositores. Assim, emerge o cangaço subordinado, perspectiva defendida também pelo autor Frederico Pernambucano de Mello em sua obra *Apagando o Lampião* (2018).

Com destaque para a vingança no sertão nordestino, as brigas entre famílias rivais geravam disputas territoriais, combates e muitas mortes, até mesmo Virgulino Ferreira – vulgo Lampião - entrou no Cangaço devido às brigas entre a sua família Ferreira e os Saturninos. Para Mello (2018),

Tempos em que a guerra e a vingança privadas se mostravam mais simples e fáceis de compreender como procedimentos punitivos. Como mecanismos provedores de uma ordem um tanto bárbara, porém real. Eficaz. Direta, como a lâmina de um punhal de que tantas vezes se valeu, aliás. (MELLO, 2018, p. 34)

A vingança, ou seja, o pagar na mesma moeda, fazia parte da cultura do sertanejo nas décadas de 1920-1940. Para Barroso (2012), no sertão nordestino, aquele que não defende sua honra, para quem não se vinga está moralmente morto. Tendo em vista esse código moral e o financiamento dos coronéis para continuar os costumes de vingança, culminou na prática desses primeiros cangaceiros. Para Queiroz, esse tipo de cangaço existiu em todo o Brasil e persiste na atualidade. Contudo o cangaço independente surge somente no Nordeste, mais especificamente no sertão nordestino, formado por grupos de homens fortemente armados, liderados por um chefe que determinava os assaltos, as operações e fazia as interlocuções com os coiteiros, sempre nômades, sem domicílio fixo e viviam abrigados na caatinga.

Um dos mais famosos chefes de grupos de cangaceiros e, possivelmente, o que deu início a essa modalidade de cangaço no sertão foi o Antônio Silvino - (Manoel Baptista de Moraes), que ingressou no cangaço em 1889 e só se retira em 1914, após ser baleado e preso. Relata-se que ingressou nessa vida com o intuito de vingar o assassinato de seu pai por inimigos políticos, o que o levou a se vingar da família Dantas. Seguido pelo memorável Virgulino Ferreira da Silva – vulgo Lampião, relatos do próprio afirmam ter entrado no Cangaço por vingança familiar, após o assassinato do seu pai, entretanto pesquisas de Mello (2018) afirmam que este episódio aconteceu após seu ingresso no bando de Sinhô Pereira.

O sujeito cangaceiro, culturalmente constituído no sertão nordestino, dotado dessas vivências sertanejas, sobretudo pela questão da valentia, da honradez, era característico pela não aceitação da desonra. Característica essa, que ressignificou ao longo do tempo a ideia de “cabra macho” reafirmando dessa forma, a imagem de homens corajosos, destemidos, ou propícios a violência, que desafiavam a todos em nome da honra. (COSTA, 2021, p. 4)

Nesse sentido, a honra consegue ser um dos principais fatores de aceitação dos novos integrantes ao cangaço, as vivências sertanejas e a não aceitação de uma afronta reafirmam a imagem da validação dos cangaceiros.

Nas obras de Barroso (1930), o autor constrói a narrativa de que o meio natural, a convivência na sociedade sertaneja e seus costumes são os principais fatores para a manutenção do Cangaço e que o motivo desse movimento ter se prolongado por mais de quatro décadas se dá devido os acordos entre os protetores do bando e as autoridades políticas, afirmativa que vai ao encontro das análises de Mello (2018), o qual confirma o papel relevante dos coiteiros na sobrevivência do bando de cangaceiros. Além disso, afirma que a sociedade do interior admirava esse estilo de vida, com certo fascínio e até mesmo torcendo a favor dos bandoleiros em caso de fuga das volantes (polícias especializadas em procurar e deter cangaceiros).

Lampião e seu bando conseguiram diversos acordos com fazendeiros, autoridades e até mesmo com Padre Cícero Romão. O acordo com este último seria ajudar no combate à Coluna Prestes (1927), o que significou a sua validação na região e, conseqüentemente, a sobrevivência de seu bando. Os grupos de cangaceiros conseguiam atrair olhares e fascínio de toda a sociedade. Assim, ao permitir uma sessão de fotos com o fotógrafo Benjamin Abrahão em 1936, que registrou momentos internos dos agrupamentos de Cangaceiros, o líder do bando sabia causar fascínio entre a população menos favorecida e com os coronéis, mostrando suas relações de poder ao permitir as fotografias que ficassem para outras gerações.

A sociedade do interior abonava o cangaço de forma platônica, a despeito do caráter criminal declarado pelo oficialismo, sobretudo o litorâneo, com as populações indo ao extremo de torcer pela vitória dos grupos com que simpatizavam, como se dá hoje com os torneios esportivos, guardadas as proporções. (MELLO, 2018, p. 35)

Essa simpatia causada na população nordestina pode ser explicada através das obras de Hobsbawm (1959), no qual apresenta os conceitos de Banditismo e Banditismo social, sendo que as suas formas diferem de acordo com as regiões em que o Banditismo Social passou a se desenvolver. Segundo o autor, em sua abordagem macro histórica, o Banditismo Social é um fenômeno universal, ou seja, ocorreu em todos os continentes, seja na Ásia, em todas as Américas, na Europa, no mundo Islâmico, na perspectiva de que os camponeses de todo o mundo possuem um modo de vida similar, com características ligadas à terra, suas épocas de plantio, colheita, seca, recursos naturais e relações de afeto em comunidade semelhantes. O surgimento de grupos armados, ou isolados, é fator determinante das revoltas camponesas, tornando-se formas de resistência à repressão imposta aos camponeses, ainda que os envolvidos no processo não possuam a consciência social em questão.

Em seus trabalhos, o autor define três tipos de bandidos: o *bandido nobre*, como o mito do Robin Hood (aqueles que roubavam dos ricos para distribuir aos pobres, sendo um mito

defensor do povo e herói idealizado). O *bandido guerrilheiro* (sempre lutador primitivo em busca de resistência e guerrilheiro em sua comunidade) e o *bandido vingador* (aquele que distribuiu violência e terror na sociedade, em busca de uma vingança) como Lampião e os demais que chegaram ao movimento com sede de dar o troco mediante alguma afronta pessoal ou familiar que sofreram.

Entretanto, o aclamado “Rei do Cangaço” – Virgulino Ferreira, e seu bando possuem as características ambíguas de bandido vingador – pois todos o temiam diante das crueldades e terror que espalhava no interior nordestino – e de bandido nobre admirado por sua gente, tanto em pesquisas quanto em depoimentos de sobreviventes do bando de Lampião. A cangaceira Sila afirma que o líder era devoto aos Santos da Igreja Católica, não realizava represálias aos pobres, e que certa vez distribuiu enxoval de bebê para mulheres (mães) sem condições financeiras.

O surgimento de cada um destes, depende da região camponesa em questão, contudo as relações de trabalho no campo e os meios de produção camponesa são determinantes e tendem a aumentar os casos de banditismo em períodos de pobreza e crise econômica, o que impulsiona os homens a tomarem violentamente aquilo que necessitam.

Logo, no Banditismo Social não se tem necessariamente a noção de classe e consciência política, em geral aceitavam a estrutura social construída no campo, não buscavam um mundo novo, sem desigualdade, disposto assim na categoria de reformistas. Nesse contexto, o bandido social não é definido como revolucionário, são pobres que pegam em armas antes de terem adquirido consciência política.

Discordando das ideias de Eric Hobsbawm, a socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz afirma que

O cangaço não se configura num “movimento social” camponês de caráter pré-político, como defende o historiador. Para a socióloga, tal denominação supõe a consciência dos problemas sócio-econômicos e políticos vivenciados no interior de uma sociedade, o que não se aplicava aos cangaceiros. (FREITAS, 2005, p. 23)

Nessa perspectiva, a autora afirma que o advento do cangaço não está restrito às questões econômicas do campo; destaca também as condições sociais, políticas, estruturais e conjunturais do interior nordestino. Abordando assim a perspectiva de que as relações de vizinhança, parentela no interior da sociedade sertaneja, limitação na distribuição de cargos públicos, coronelismo do século XIX voltado para a pecuária e um sistema de exploração de

terras por grandes latifundiários e empobrecimento geral da população são questões cruciais que favoreceram o advento do movimento.

Existiam para o sertanejo no sofrimento das constantes secas duas opções: ingresso no Cangaço ou nas fileiras policiais. Sendo assim, o Cangaço era uma alternativa de sobrevivência e ascensão social. Segundo Freitas (2005, p. 24), “A miséria do sertão e o descaso das autoridades públicas criaram um terreno propício para o desenvolvimento do banditismo.”

Seguindo essa abordagem de análise, é importante conhecer autores que possuem diferentes concepções acerca do movimento. Nesse sentido, destacamos para essa breve análise sobre o Cangaço *Facó em Cangaceiros e Fanáticos (1963)*, que aborda o cangaço a partir da perspectiva voltada para a análise historiográfica marxista, e Pericás, em *Cangaço e Banditismo Social (2015)*, que busca novas interpretações e tece duras críticas a Facó e a Maria Machado. O objetivo do autor seria desmitificar a teoria de Banditismo Social.

A obra *Cangaceiros e Fanáticos* de Rui Facó (1963) é marcada pela posição política do autor. Membro do Partido Comunista do Brasil (PCB), pautou-se nas crenças marxistas, assim como foi influenciado pelos debates historiográficos do período que foram produzidos em torno do tema sob a perspectiva de Banditismo Social definido por Eric Hobsbawm em sua obra *Rebeldes Primitivos*.

Facó analisa o Cangaço a partir de uma consequência da falta de distribuição de terras na região nordestina e que o homem sertanejo encontrou como meio de sobrevivência a luta, mesmo que de forma inconsciente, pois os cangaceiros lutavam pela igualdade de condições. O autor destaca que autores como Gustavo Barroso e outros buscam possíveis causas para o surgimento do Cangaço e definiram como essas possíveis causas a ausência de justiça, baixos salários, analfabetismo, falta de comunicações e transportes. Mas, esses fatores são resultados do atraso do capitalismo, da falta de terras e relações de trabalho, de semi-servidão que se encontrava o nordeste brasileiro.

Quando tudo isto já resultava da tremenda desigualdade social, do débil desenvolvimento do capitalismo, do lentíssimo incremento das forças produtivas, da concentração da propriedade da terra, que dava poder econômico ilimitado a uma insignificante minoria de latifundiários. A grande massa dos habitantes da região não dispunha de recursos normais para viver, nem mesmo a possibilidade de vender com segurança sua força de trabalho. Quando o conseguia era em condições tais que correspondiam à semi-servidão. (FACÓ, 1963, p. 38)

Podemos afirmar que, na visão do autor, o surgimento do Cangaço é uma manifestação de resistência e luta pela sobrevivência de homens que sentiram na pele a desigualdade social

do período e não possuíam outra opção a não ser lutar. A desestabilização da ordem social vigente (através de violência, saques, roubos), gerada pelo movimento, é o efeito das injustiças sociais do capitalismo, assim como as elites fizeram uso das Volantes igualmente violenta para reprimir o movimento e continuar com os seus privilégios. A obra de Facó é importante para os debates sobre a concepção do nordestino e do cangaço, pois analisa a região e o movimento através dos aspectos sociais, políticos e de esquerda. Enquanto no século XIX e início do século XX pautam-se os estudos através de fundamentos do determinismo geográfico. O povo nordestino era definido pela generalização a partir de teorias racistas e xenofóbicas baseadas no determinismo geográfico de Euclides da Cunha (1902). A perspectiva de Facó possibilitou novas interpretações e se tornou um dos discursos mais influentes sobre o surgimento do Cangaço.

Tecendo críticas ao Banditismo Social de Hobsbawm (1975) e às concepções de Facó sobre o movimento, Luiz Pericás, em *Cangaço e Banditismo Social (2015)*, busca desmistificar o movimento da visão de esquerda e do senso comum sobre o movimento de bandidos heróis a favor do povo. De acordo com Luiz Pericás (2015), a concepção de “bandidos sociais” de Hobsbawm (1975) serviu de base para a mitificação dos cangaceiros como “heróis e vingadores”, admirados pela população pobre e líderes em busca de libertação. Contrariando esse discurso, Pericás afirma, por meio de pesquisas que líderes do cangaço faziam parte das famílias tradicionais e detentoras de terras, filhos de integrantes da Guarda Nacional e preferiam a companhia de coronéis ao povo, não existindo identidade de classe com os trabalhadores.

Os cangaceiros, como se pode perceber, claramente não estavam se rebelando contra uma ordem tradicional e os potentados rurais. Pelo contrário. Não só se aliavam a vários homens de poder e posses, como, se pudessem, gostariam de se tornar iguais a eles. (PERICÁS, 2015, p. 49)

Corroborando a tese defendida por Pericás (2015), a antropóloga Luitigarde Barros argumenta que Lampião se escondia em um pressuposto moral para seguir praticando crimes, sendo a morte dos pais – o sentimento de vingança exposto anteriormente nesse texto – lhe servia como pressuposto ético. Contudo, essa desculpa utilizada e exposta pelo cangaceiro ocultava a ambição pelo enriquecimento rápido, a vontade de se tornar coronel. Além disso os integrantes do bando de Lampião, constituídos por criminosos ambiciosos, perigosos e profissionais do crime, espalhavam terror nas famílias, não configurando-se como vítimas das dificuldades do sertão nordestino.

Indo ao encontro de algumas ideias da antropóloga Luitigarde Barros e tecendo suas próprias definições e motivações sobre o Cangaço, temos o advogado Frederico Pernambucano

de Mello, especializado no tema e que produziu diversos artigos e três livros sobre o assunto, sendo o último deles publicado em 2018 – *Apagando o Lampião*. Nesse livro, o autor define Banditismo diante da sua perspectiva, analisa conceitos mediante as entrevistas realizadas com antigos integrantes do Cangaço e pesquisas sobre as relações familiares no sertão nordestino.

No capítulo três de seu livro, intitulado “Palco e tradição da vida da espingarda”, discorre justamente sobre a opção de homens seguirem a tradição da violência, e fazem do cangaço um meio de vida, com métodos violentos de adquirir bens de forma rápida, mediante as dificuldades do sertão. O autor define nesse capítulo sua concepção de banditismo, visto que

O banditismo protagonizado no campo por quadrilhas de salteadores é fenômeno universal, incidindo na etapa de organização social em que a autoridade pública ainda não se faz presente com seu aparato de imposição das leis e absorção dos conflitos. Administração pública ineficazes, corrompidas ou viciadas politicamente têm-se encarregado de prolongar tais etapas para além do que a história registra na maioria dos países. (MELLO, 2018, p. 56)

Assim, percebemos traços da perspectiva de Hobsbawm na escrita de Mello, visto que considera o banditismo um fenômeno universal e fruto da falta de aparato da administração pública na resolução de conflitos, como também na assistência à população mais necessitada. Destaca-se também a duração do Cangaço no Brasil que foi mais prolongada que os casos de banditismo em outros países, visto que Lampião e seu bando duraram cerca de duas décadas, apoiados por uma rede de coiteiros ricos, coronéis e afins. Apagar o Lampião foi tarefa difícil que se inicia a partir do Governo de Getúlio Vargas, no advento do Estado Novo (1937-1945), sendo um estado autoritário e militarista. O líder do país não poderia admitir desordem sob sua responsabilidade. Incentivos à Polícia, aumento das represálias aos coiteiros e ordem de extermínio ao bando são fatores decisivos para apagar o Rei do Cangaço em 1938.

Indagamos o porquê de tantos homens considerados de família decente no interior de Alagoas, Sergipe, Bahia, Pernambuco, Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte adentraram no Cangaço, além da existência de subgrupos de cangaceiros espalhados por esses estados, dentre eles comandado por Corisco e Zé Sereno. Na perspectiva de Mello (2015), existiam três tipos de cangaço e cada homem se aliava ao movimento de acordo com a situação individual de cada um destes.

Mello realiza a divisão do cangaço em três categorias, assim são três motivos de ingresso no bando, sendo eles: “*Cangaço-vingança, Cangaço refúgio e Cangaço meio de vida*”. No primeiro caso, os homens adentravam nos bandos de cangaceiros com o objetivo de encontrar meios para a realização de uma vingança pessoal, necessidade de fazer justiça e defender a

honra de alguma ofensa sofrida, seja estupro, espancamento, assassinatos de membros da família, disputa por terras, roubos de bens, ou ainda adversários políticos. No segundo caso, o cangaço poderia ser meio de refúgio e proteção de homens que realizaram algum crime e precisavam esconder-se da polícia ou de alguma família rival. O terceiro caso, o cangaço como meio de vida, tornou-se uma modalidade profissional, no qual é oferecido àqueles que participam dos assaltos uma “vida melhor” se comparado àqueles que sofrem sem posses, mediante a seca, uso de joias, bons perfumes, as vestimentas. A admiração de parte da população aos cangaceiros era também questão atrativa para os jovens e homens adultos. Contudo, as adversidades de não ter moradia fixa, esconder-se na caatinga, fugir sempre da polícia, dias no sol escaldante e noites ao relento são fatores negativos para aqueles que se dispunham. Todas as decisões e meios de vida possuem seus ônus e seus bônus.

Assim como há disparidades nos motivos dos homens ingressarem no Cangaço, existem dois motivos que fizeram as mulheres aderirem ao bando. O primeiro foi a paixão por algum cangaceiro, como é o caso de Maria Déa em 1930 (então Maria Bonita), precursora da entrada das mulheres no Cangaço. E o segundo foi o rapto contra a vontade da mulher/moça, cangaceiros como Corisco – raptou Dadá com apenas 12 anos, e Zé Sereno, que raptou Sila ao achar a cabloca de 11 anos bonita; outros cangaceiros seguiram os passos dos dois, assim como muitas mulheres seguiram o exemplo de Maria Bonita. Questões que vamos analisar no próximo tópico desse capítulo.

Diante do exposto, observamos um paradoxo entre as definições do Cangaço e o papel representativo do movimento, alvo de uma disputa de memórias e de historiografias, ora representado como movimento de caráter revolucionário, sob a ótica do Banditismo Social, ora como grupos violentos que escolheram como agir conscientes do ambiente social em que estavam inseridos e possuíam objetivos particulares a serem conquistados.

Nesse contexto, concordamos com a perspectiva de Facó (1963), Hobsbawm (1978) e Mello (2018), tendo em vista as desigualdades sociais, o coronelismo, a seca e a fome no nordeste brasileiro entre os séculos XIX e XX, realidade que gerou grupos rebeldes, como Canudos e Cangaço. Assim como percebemos ao longo do texto e nas pesquisas de Pericás (2015), há validade em seu posicionamento, pois, de acordo com Paulo Freire (1974), quando o indivíduo não está consciente de sua identidade de classe, “o sonho do oprimido é se tornar o opressor”. Por isso, grupos de cangaceiros lutavam, saqueavam a fim de obter riqueza suficiente para se tornar parte da elite local, tanto que temos como exemplo as trapaças e alianças de Virgulino Ferreira da Silva (Lampião) para obter o título de Capitão.

Finalizamos esse debate sobre o Cangaço e a magnitude da ousadia e acordos de Lampião com a rima de José Cordeiro<sup>5</sup> sobre o episódio com Padre Cícero Romão para conseguir o título de Capitão.

*A causa dessa visita,  
Vou dizer de antemão,  
Para que ninguém suponha  
Que foi mera presunção:  
Se entrei aqui armado,  
Foi mediante o chamado  
De um homem de posição.*

*Em troca dessa patente,  
Quem me deu assim o diz,  
Vou perseguir revoltosos,  
Enquanto houver no país:  
Com esta resolução,  
Marcharei para o sertão  
Com fé que serei feliz...*

*Não serei mais Lampião,  
Só Capitão Virgulino,  
Nem também serei ladrão,  
Só fico sendo assassino:  
Troquei velhas profissões  
Por três bonitos galões  
Da milícia, que destino!*

(CORDEIRO, José, 1926)

## 2.2 Inserção das mulheres no Bando de Lampião

No tópico anterior, abordamos sobre as concepções de Cangaço na percepção de estudiosos sobre o tema, assim como as motivações que implicavam os homens a aderirem ao movimento. Destacamos as diferenças entre o Cangaço subordinado, que dependia do respaldo e dinheiro dos coronéis, e o Cangaço independente, formado por grupos de homens comandados por um líder. Esta modalidade torna-se famosa (foco de jornais, sendo os feitos dos cangaceiros estampados em jornais da época) e bem-sucedida, a partir do comando de Lampião – Virgulino Ferreira da Silva (1898-1938) no ciclo lampiônico, período marcado a partir da entrada, liderança e morte de Virgulino no Cangaço que perdurou de 1916 a 1938, considerado os anos de maior prestígio social do movimento.

---

<sup>5</sup> Poema retirado da obra **Apagando Lampião: vida e morte do Rei do cangaço** (2018), de Frederico Pernambucando de Mello.

Neste período (1916-1938), o bando cresceu de forma significativa e o chefe separou e formou subgrupos ao seu comando espalhados pelo interior do nordeste, em um emaranhado de redes de confiança transportando informações. Dentre os homens de confiança de Lampião, temos como destaque Corisco (o diabo loiro) e Zé Sereno. Além desses aspectos de organização e táticas de guerrilhas, este período foi marcado por outros elementos particulares, como as indumentárias, a linguagem, a inserção de mulheres ao bando, as relações com os sertanejos, os fazendeiros e a polícia. Os aspectos citados e as estratégias de Virgulino são fatores que permitem compreender o porquê de ser aclamado como “Rei do Cangaço”, como destaca Mello (2018).

É impossível falar sobre o Cangaço e não ter uma visão de homens vestidos a caráter, com gibão de couro, chapéus com enfeites, lenços no pescoço, anéis, o colorido dos bornais, cantis, os bordados e demais acessórios que chamavam a atenção de todos por onde passavam, a ostentação do bando de Lampião ainda faz parte da cultura nordestina e foi inspiração para desfiles de moda no Brasil.

Tornou parte identitária do bando e expressavam também sua índole vaidosa. A utilização de tantos adereços, bordados chamativos e coloridos não existiam outra justificativa além da estética e superava inclusive a própria segurança. Para utilizá-los não existia posição dentro do bando ou sexo, homens e mulheres de diferentes status utilizavam ornamentos e as máquinas de costuras eram utilizadas tanto por mulheres quanto por homens. Contudo, salientamos que parte dessa nova apresentação dos cangaceiros partiu das próprias mulheres, as que bordavam e faziam questão de estarem enfeitadas também junto com seus homens. Sendo uma das mudanças no bando a partir do convívio com as mulheres, Dadá insiste em depoimentos que ela teria sido a primeira a realizar os bordados para Corisco e Lampião aprovou, tornando-se comum o uso de todos. Sila também destaca para si o feito de iniciar os bordados (MELLO, 2018).

A incorporação feminina aos bandos, outra peculiaridade do bando de ciclo lampiônico, transformou a realidade no dia a dia do Cangaço. Um exemplo é o fato que Sinhô Pereira era contrário à entrada das mulheres, sob a justificativa de enfraquecer e atrapalhar o ritmo do bando.

De acordo com Negreiros (2018), para a maioria dos cangaceiros, o feminino seria a desgraça do bando, embora a partir do momento em que o chefe do grupo leva uma mulher para o bando, em que o “Rei” passa a ter sua “Rainha” acompanhando nos desafios da vida nas caatingas, deixa a abertura para que os demais companheiros adotem a mesma postura. Mesmo

diante de se aproveitarem das novas regras estabelecidas no bando, muitos consideravam a atitude um perigo para a segurança do bando. Entre eles, o cangaceiro Balão:

Balão, por exemplo, concordava com o sinhô Pereira, ex-chefe de Lampião, para quem as fêmeas significariam, sem sombra de dúvidas, a perdição para o Cangaço. Com elas, o grupo de homens seria inevitavelmente contaminado pela intriga e ciúmeira. Para bandoleiros como Balão, por melhor que fosse ter uma cabrita do lado para servir de amante, ficaria difícil brigar até enjoar. (NEGREIROS, 2018, p. 60)

Entretanto, mesmo diante das ressalvas de companheiros do bando, foram inseridas as fêmeas no cangaço. Nesse sentido, algumas questões são pertinentes quanto aos motivos das mulheres integrarem as fileiras do cangaço: Como e por quê mais de trinta mulheres fizeram parte do movimento? Como foram tratadas ao longo dos anos? Quais eram os seus papéis no interior dos bandos e nas lutas armadas? Quais foram as contribuições dessas mulheres para o cangaço? Suas histórias geralmente silenciadas na mídia, retratavam apenas os feitos e horrores dos homens do bando, as mulheres e suas histórias tornaram-se invisíveis na historiografia do período, diante disso, nesse trabalho buscamos retirá-las das margens do movimento e colocá-las em seu lugar de destaque.

Analisar o advento das mulheres no cangaço no período Lampiônico concerne também em refletir sobre a situação das mulheres no Brasil na década de 1930, período em que o país deixa os moldes da República Velha, da oligarquia que comandava o país e passa a ser governado por Getúlio Vargas (1930-1945) após a Revolução de 1930 e o golpe que o coloca no poder. Desde o início de seu governo, Vargas sabia da existência dos bandos de Cangaceiros, entretanto sua necessidade de repressão e extermínio dos cangaceiros é tardia, somente em meados de 1936. Com a chacina de Angico, em 28 de julho de 1938, que dizimou Lampião, Maria Bonita e parte do seu bando, o governo federal realizou campanhas para que os demais cangaceiros e cangaceiras se entregassem à polícia com garantia de anistia.

O Governo Vargas realizou diversas reformas na conjuntura social brasileira, inclusive na legislação dos direitos dos trabalhadores. A aprovação do voto feminino e a permissão para o trabalho das mulheres também fazem parte desses direitos. Sob a análise de Ana Paula Freitas:

O ingresso das mulheres no cangaço coincide com a luta pela emancipação feminina em âmbito mais geral, como a aquisição de direitos de cidadania que são conquistados na Carta Magna, em julho de 1934, após longos anos de lutas travadas pelas feministas, originárias das elites, forjando um novo perfil de relação homem/mulher e um novo tipo de família, apesar da existência do Código Civil que subordinava esta mulher ao homem. (FREITAS, 2005, p. 35)

Não que as reformas e movimentos feministas da cidade alçassem de forma significativa as mulheres do campo, entretanto podemos afirmar que as mulheres do Cangaço participaram, ao seu modo, desse movimento de libertação da sociedade que impusera a elas determinadas regras e costumes. Relatos da ex cangaceira Adília<sup>6</sup> afirmam que entrou no cangaço por vontade própria, pois namorava o cangaceiro Canário e gostava de se pintar e seu pai não deixava. “O pai, rígido, não deixava que pintasse os olhos, os lábios e as unhas” (NEGREIROS, 2018, p. 122). O uso dos vestidos, mostrando as panturrilhas e até a altura do joelho, os adornos de cabelo, os bordados coloridos, o uso de batom e maquiagens da época que as cangaceiras utilizavam chamavam a atenção e inspiravam uma determinada ilusão de liberdade.

A cangaceira Adília faz parte do grupo de mulheres que entraram no bando de Lampião por vontade própria, como relata em entrevista:

*Adília: Eu entrei no Cangaço porque namorava com ele e meus pais não queria. Eu tinha muita amizade a ele. Aí ele chegou e disse que ia pro Sul, aí falou assim: cumadre eu vou mimbora pro Sul com seis mês eu venho lhe buscar, você vai? Eu falei assim: se você for pro inferno eu vou, quanto mais pro Sul. Mas, eu não sabia pra onde que ele ia. (GLOBO REPORTER, 1976, Entrevista com Adília)*

Nos estudos da socióloga Maria Isaura P. de Queiroz (1977; 1986), o advento da presença feminina aos bandos de cangaceiros iniciou a partir de uma escolha pessoal, com a pioneira Maria Gomes de Oliveira – eternizada pelo apelido de Maria Bonita, em vida chamada de Maria Déa ou Maria do Capitão. Diante da sua percepção, as sertanejas pobres, as mulheres separadas, as que tinham perdido a virtude (virgindade), visavam no cangaço a oportunidade de se libertarem dos trabalhos rurais, na possibilidade de ascensão social. Enquanto isso, as moças provenientes de famílias com condições econômicas encaravam a vida do cangaço como aventuras após se apaixonarem por algum rapaz cangaceiro. Desse modo, é possível perceber que as mulheres construídas no interior do bando eram “decentes”, algumas ainda virgens e se pautavam nos códigos morais da época.

Diferentemente de outras cangaceiras que não tiveram opção ao seguir para a vida nômade de cangaceira, Sila, Dadá, Lídia e Otília são exemplos de mulheres que foram sequestradas e arrastadas para o Cangaço. Com Sila e Dadá ocorreu quando ainda eram praticamente crianças, com cerca de 12, Otília com 15 anos de idade.

---

<sup>6</sup> Este relato se encontra no documentário “17 entrevistas raras com ex cangaceiros”. Canal: Nossa História em Imagens. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=whNd0dzPLps>. Acesso em 10 jan. 2023.

No livro de Adriana Negreiros, *Sexo, Violência e Mulheres no Cangaço (2018)*, mostram evidências da vida das mulheres no bando, do sofrimento, das dificuldades da vida nômade, dos combates com a polícia e da fome e sede que chegavam a sentir. Confirma também as duas formas de inserção das mulheres no bando, as que entravam por paixão e vontade própria, e aquelas que foram incorporadas através da força, do rapto e sofreram estupros por parte dos companheiros. A partir do momento que adentravam o cangaço, submetiam-se a uma vida sem moradia fixa, perigos da estrada, as emboscadas das volantes e a violência. Quando eram capturadas, as mulheres do cangaço deviam se submeter ao código de honra, a infidelidade era punida com a morte como no caso de Lídia que traiu Zé Baiano com o cangaceiro Bem te Vi. Do mesmo modo a pena era aplicada às mulheres que se recusassem a casar com outro cangaceiro se o companheiro morresse, pois libertá-las poderia comprometer informações do bando, como aconteceu com Cristina e Rosinha, que desejavam deixar o cangaço após morte dos companheiros. A mando de Lampião, foram executadas com golpes de punhal (GRUNSPAN-JASMIN, 2001).

Observa-se que mesmo diante dos sofrimentos do período, existe uma tendência entre os depoimentos das cangaceiras sobreviventes e dos cangaceiros, de esquecer parte do horror que acompanhou suas vidas no cangaço, exagerando ao falar da astúcia e das boas ações de Lampião, certamente inventando algumas. Como destaca Gabriel Carneiro (2010) que Lampião:

É conhecido até os dias atuais como homem de palavra, e de fato foi, por capricho ou por cálculo. Porém, por incrível que pareça, é conhecido como respeitador das mulheres – apesar de todas as pesquisas e evidências em contrário.... A mitificação do Cangaço transformou valores e atitudes, atribuindo aos cangaceiros virtudes em muitos casos inexistentes. (CARNEIRO, 2010, p. 37)

Em contrapartida, nas idealizações sobre o cangaço, o senso de honra e respeito às mulheres, que foram mitificados nas literaturas de cordéis e por alguns ex-cangaceiros, como citado acima, a atribuição de virtudes é inexistente na maioria dos cangaceiros. Nesse sentido, temos o relato de Adília que afirma a violência sofrida no Cangaço pelo homem por quem era apaixonada.

A “amizade”, como ela descreve o sentimento por Canário, acaba devido ao tratamento dele com a enamorada junto ao bando. Segundo as palavras da própria Adília, em depoimento para Marques e Mendes (2000), o cangaceiro era muito ruim e ciumento, acreditava que ela o traía e por isso tinha acessos de raiva, chegando uma vez a enforcá-la ao ponto de sua língua sair pra fora. Relata o sofrimento de viver andando por meio aos espinhos da caatinga, fugindo

dos macacos (volantes, polícia do período especializada na busca por cangaceiros) e ter descanso somente à noite quando parava para dormir. A vida sofrida de Adília piora quando tem que adicionar nesse sofrimento uma gestação, apesar de tomar chá de diversas ervas como cajueiro, juazeiro, pereiro e outras ervas para abortar, a criança teimou e nasceu, foi entregue para coiteiros e, em 1976, período da entrevista, ela afirma que sua prole morava em Brasília.

Em consonância com o relato de Adília sobre o sofrimento ao viver no Cangaço, temos o depoimento da cangaceira Dadá (Sérgia Ribeiro da Silva), considerada a princesa do Cangaço, por ser a companheira de Corisco (o diabo loiro) – Cristiano Gomes da Silva Clero – segundo no comando na hierarquia do bando.

*Muitas vez, eu chegava via meninas bonitinhas, tudo influída com eles, namorando, minha fia não se meta com este povo não, ele é um rapaz, você sabe que você não é nada minha, viu, não posso me meter nisso. Mas isso é uma vida miserávi, que sofre. Você me ver assim num queira saber do dormir no molhado, andando no espinho, subisaltada, correndo, tomando tiro, viu. Outra, num arruína a sua família, porque você vai embora, agora seu pai, sua mãe já são velho sofrer o que eu tenho passado com minha família sofreu. É um absurdo. É encontrar, meu pai amuntaro em burro brabo, cortaram ureia, minha mãe presa cinco dias com minhas irmãs sem água, sem pão, viu. Meus irmãos pequeno de 7 anos de 6 tudo arrancado as unhas de ponta de faca, tudo porque Corisco me levou sem ter nem pra quê, sem eu ser culpada, meus irmãos porque foram pagar mesmo sem eu ser. Vão pagar por causa de você. Isso não é futuro.*

*Resposta das meninas: Que nada! A senhora num anda, eu também posso andar. (GLOBO REPÓRTER, 1976, Grifo próprio)*

Esse depoimento de Dadá mostra claramente três aspectos da inserção da mulher no cangaço. O primeiro aspecto de destaque é para a sua própria investidura no bando quando a mesma retrata: “*Corisco me levou sem ter nem pra quê*”, deixa explícito que não teve opção a não ser segui-lo. Negreiros (2018) retrata que ainda criança, com apenas 12 anos, Dadá foi raptada da casa dos seus pais, abusada sexualmente por Corisco, sendo que depois a deixou na casa de sua tia Dona Vitalina durante três anos. A senhorinha cuidou de Dadá quando a mesma adoeceu, devido à violência do estupro, ficando dias tendo que se recuperar. Nesses longos anos, Corisco a visitava e geralmente ficava irritado ao ver sua mulher brincando de boneca, e a pobre criança odiava Corisco por ter feito aquilo com ela, mas, com o passar dos anos, o ódio transformou-se em amor. O companheiro a ensinou a ler e a escrever e passou a tratá-la bem. Um caso de síndrome de Estocolmo onde a vítima se apaixonada pelo abusador. Ao ser retirada da casa da Dona Vitalina, não a permite levar a boneca. Agora Dadá pode seguir o homem que a abusou. Depois que Maria Déa entrou no bando, a criança que brincava de boneca passa a viver os sofrimentos em meio a caatinga.

O que nos aponta o segundo aspecto no discurso de Dadá: “*Mas isso é uma vida miserável, que sofre. Você me ver assim num queira saber do dormir no molhado, andando no espinho, subisaltada, correndo, tomando tiro, viu*” (GLOBO REPÓRTER, 1976). Em meio ao alerta às jovens moças ansiosas para entrarem no Cangaço, a experiente “Princesa do Cangaço” avisa dos perigos e dificuldades dessa vida, perigo de tentar fugir das volantes, a fome e a sede que passavam, a falta de conforto em dormir no relento, no chão molhado. É uma ironia pura falar em ternos de Rainha e Princesa do cangaço mediante a realidade cruel de sobreviver as adversidades.

O terceiro ponto de destaque na fala da cangaceira é sobre a violência das volantes. Se os cangaceiros eram violentos, as polícias revidavam na mesma moeda, criando o paradoxo. Foi o cangaço que deixou a instituição violenta ou foi a polícia que incentivou ainda mais a crueldade dos desgarrados foras da lei. A frase de Dadá que nos espanta é: “*Meus irmãos pequeno de 7 anos de 6 tudo arrancado as unhas de ponta de faca*”. Se a polícia estava disposta a torturar crianças em busca do paradeiro de Corisco e Dadá, o que não estariam dispostos a realizar ao conseguirem capturar um dos bandoleiros.

Do exposto, é possível perceber que, para muitos cangaceiros, a inserção do gênero feminino estragou o Cangaço. Dadá teve 7 filhos, Maria Bonita teve 7 gestações, apesar de apenas uma menina filha do rei e da rainha do cangaço sobreviver. Inegavelmente os problemas da gravidez alteraram o ritmo do Cangaço, segundo o historiador Amaury (GLOBO REPÓRTER, 1976).

Compreendemos as mudanças ocorridas no ritmo, no ambiente dos cangaceiros que podem ter afetado as táticas de guerrilhas do bando, entretanto discordo que a inserção do gênero feminino contenha apenas esses aspectos negativos. Nessa perspectiva, as mulheres passaram a humanizar o cangaço, até mesmo Lampião aceitava sugestões de Maria Bonita, ao ponto de muitos serem salvos da morte pela intercessão da cangaceira, como o “promotor Manoel Cândido Carneiro da Silva, o autor de *Fatores do Cangaço*, obra que lhe rendera morte cruel por sangramento, não fosse a intervenção de Maria de Déa” (NEGREIROS, 2018, p. 211). Desse modo, é impossível que a inserção de cerca de 30 mulheres ao bando não tenha alterado a dinâmica do grupo de forma positiva. O olhar humanizado das mulheres, a sutileza dos gestos, a inserção de cores aos trajes masculinos são fatos relevantes ao se tratar do cangaço. Segue abaixo o quadro informativo com as mulheres que integravam o cangaço e seus companheiros.

**Quadro 1 - Mulheres que integravam o Cangaço.**

<b>Nomes e apelidos</b>	<b>UF – Origem</b>	<b>Companheiros/ nomes e apelidos</b>
Maria Gomes de Oliveira – Maria Bonita	Bahia	Virgulino Ferreira da Silva - Lampião
Sérgia Ribeiro da Silva – Dadá	Pernambuco	Cristiano Gomes da Silva Clero - Corisco
Otília Maria de Jesus – Otília	Bahia	Mariano Laurindo Granja – Mariano
Lili	Bahia	Lavadeira
Joana Gomes – Moça	Bahia	Cirilo da Ingrácia
Joana Gomes – Moça	Bahia	Jacaré
Ilda Ribeiro de Souza – Sila	Sergipe	José Ribeiro Filho – Zé Sereno
Neném	Bahia	Luís Pedro
Lídia	Bahia	Zé Baiano
Enedina	Sergipe	José do Nascimento – Cajazeiras
Dulce Silva – Dulce	Sergipe	Criança
Inacinha	Bahia	Gato
Maria dos Santos – Mariquinha	Bahia	Ângelo Roque – Labareda
Ana	Bahia	Ângelo Roque – Labareda
Maria Fernandes – Maria de Juriti	Sergipe	Manuel Juriti – Juriti
Maria de Azulão	Bahia	Azulão
Dinda	-	Delicado
Durvalina Gomes – Durvinha	Bahia	Virgínio
Áurea	Sergipe	Manoel Moreno – Baiano
Maria Jovina – Maria de Pancada	Bahia	Pancada
Laura Alves – Doninha	Alagoas	Manoel dos Santos – Boa Vista
Cristina	Alagoas	Português
Florência	Bahia	Rio Branco
Sebastiana Rodrigues	Alagoas	Moita Brava
Eleonora	-	Serra Branca
Licia Maria da Conceição	Bahia	Passarinho
Sabina da Conceição	Bahia	Manoel Nascimento de Souza – Mourão
Quitéria	Bahia	Moita Brava
Bídio	Bahia	Antonio dos Santos – Volta Seca
Antonia Maria de Jesus	Bahia	Gabriel Lima – Baliza
Rosinha	-	Mariano Laurindo Granja – Mariano
Gertrudes	Bahia	Emídio Ribeiro – Beija-Flor
Dalva	-	Arvoredo
Adília	Sergipe	Canário
Maria Cardoso	Sergipe	Antonio Felix – Gitirana
Rosa	-	Simplício José dos Santos – Caracol
Amélia	-	-
Maria	-	-
Isabel	-	-
Adelaide	Sergipe	O ex- cangaceiro não permitiu a divulgação de seu nome.

**Fonte:** Retirado de Freitas (2005, p. 122).

Diante da tabela disposta acima, podemos analisar que a maioria das cangaceiras foram dos estados da Bahia, Sergipe, Alagoas e Pernambuco, respectivamente do maior ao menor número de mulheres. Sobre o trajeto feminino ao longo do sertão, a sergipana Sila demonstra em documentários como retirar água de mandacaru e destaca a importância do gênero feminino no cangaço para a segurança das famílias. Ilda Ribeiro (Sila) relata o episódio em que o Cangaceiro Juriti – segundo ela um dos mais bonitos do bando, meio loiro, cabelo cumprido, estava agarrando as mulheres e quando ela ouviu os gritos foi interferir.

*Aí eu entrei dentro da sala, cheguei lá era a mãe, tinha duas moças, muito bonita as moças, morena, né. Uma gritando e o Juriti agarrado com uma, beijando, né. E quando ele me viu, eu falei pra ele: SOLTA AGORA MESMO! SE VOCÊ NÃO SOLTAR, VOCÊ VAI VER! E na hora ele deixou, porque ele respeitava também as mulhé. Quando as mulhé entrou no Cangaço, foi bom para as famílias, porque teve mais apoio, porque as mulhé, num, num, chegava num lugar não ia deixar eles fazer o que eles quisessem. (GLOBO REPÓRTER, 1976, Entrevista com Sila)*

O depoimento de Sila confirma a hipótese de que a mulher no cangaço alterou as estruturas das relações sociais dentro do movimento. Salientamos que a mulher tinha poder de fala e autonomia em determinados momentos, como é o caso comentado por Ilda Ribeiro e o poder de fala de Maria Bonita e de Dadá, esta última sendo a única mulher do bando que “pegou gosto às armas” como afirma Negreiros (2018), enquanto as demais companheiras não tinham o costume de utilizar armas, assim como viviam uma vida de dona de casa sem lar.

As análises da historiadora Maria Cristina Machado (1978) reafirmam que, na maioria dos combates com a polícia, as mulheres não participavam ativamente dos confrontos, geralmente ficando protegidas nos coitos, ou em algum local escondido na caatinga e protegidas por alguns companheiros. Somente quando a perseguição das volantes era acirrada, não conseguiam evitar participar mesmo que indiretamente, com exceção de Sérgia Ribeiro (Dadá) que tomou gosto por armas. A maioria das cangaceiras não tinham perfil violento, bélico ou propício das estratégias de guerrilha. Conta-se que após Corisco ser ferido, Dadá passou a comandar parte do bando sobrevivente e defendeu o companheiro com unhas e dentes.

Mediante essa posição de Dadá, que apresenta características de mulher forte, salientamos que, na perspectiva das autoras Yls Câmara, Zzy Câmara e Melina Soutullo (2015), as cangaceiras, por não sofrerem a influência dos ideais europeus em relação à constituição do ser feminino, viviam sob a égide do código do sertão, que lhe impunham, sobretudo, a necessidade de ser forte o suficiente para sobreviver à dureza climática do semiárido. Mais

ainda, diante de tanta adversidade, a expressão dos sentimentos de afeto, raiva e desejo sexual não tinha os mesmos protocolos que a sociedade propunha como atos civilizados.

Seguindo os próprios protocolos a partir das vivências no cangaço, as mulheres se submetiam ao companheiro, submetiam-se por medo da força física, seja na fidelidade como regra de ouro, seja no atendimento aos desejos e necessidades masculinas. Contudo, Negreiros (2018) afirma que não há relatos de violência por parte de Lampião, Corisco e Zé Sereno a suas companheiras, enquanto outros cangaceiros continuavam com seus aspectos rudimentares com as parceiras, como é o caso de Canário com Adília, entre outros. Os estupros coletivos realizados pelo bando entre outras ações vingativas com as mulheres, como o caso de Zé Baiano, “famoso” por suas crueldades em marcar mulheres com ferro em brasa com suas iniciais JB, diminuíram significativamente ou deixaram de existir com a presença feminina no dia a dia. Entretanto, em caso de mortes do cangaceiro em batalha, caso a “viúva” não realizasse novo casamento entre eles, poderia ser condenada à morte, para que estas não espalhassem seus segredos, assim como a traição do seu companheiro também era digna de pena de morte.

Mediante todas as questões citadas sobre o ingresso das mulheres no cangaço, seu papel perante ao bando, suas resistências ao ambiente e as situações que estavam expostas ao participar desse movimento, existia a problemática percepção da sociedade e dos jornais do período sobre as cangaceiras, pois eram tratadas como megeras, mulheres da vida, bandoleiras, amantes, violentas, beliciosas e marginais nos jornais da época.

De acordo com Freitas (2005):

Assim como no periódico paulista, grande parte das informações veiculadas no periódico carioca também se reportam às mulheres enquanto números, companheiras de determinado cangaceiro, ou de forma pejorativa: “bandoleiras”, “megeras” e “amantes”. Vale lembrar que tais informações eram fornecidas pelas autoridades policiais, e retratavam as percepções desse grupo quanto à participação feminina. (FREITAS, 2005, p. 130)

Mais uma questão pontuada acima de invisibilidade do gênero feminino, preconceito e disseminação de informações inverídicas sobre as mulheres no Cangaço eram as histórias de não serem dignas de pautas nas manchetes de jornais da época. Perante o exposto, sobre a inserção das mulheres no cangaço, percebemos a diversidade de percepções e histórias de vida dessas cangaceiras, desde os motivos que as levaram ao Cangaço (por vontade própria ou sequestro), a adaptação à nova realidade, tendo em vista as dificuldades de locomoção, acomodação, desafios nas gestações e seus papéis perante a nova realidade.

Reafirmo que as relações sociais do cangaço se alteraram com a inserção do feminino. Como afirma Sila, passou a transmitir mais segurança com a presença feminina para as famílias,

a humanização de parte dos cangaceiros, a nova apresentação e indumentárias são importantes para o período lampiônico. Todas as mulheres do bando merecem destaque na historiografia, não apenas como sombra da memória de seus companheiros. Contudo, no próximo capítulo, iremos abordar a biografia de duas cangaceiras, como metodologia de impulsionar o conhecimento da história das mulheres em sala de aula. A escolha da história de vida entre Sila e Maria Bonita destaca-se justamente pela diferença no modo como foram inseridas no Cangaço, Sila imposta contra sua vontade e Maria Bonita em busca de um amor. A biografia das duas será utilizada para reflexão sobre o papel das mulheres frente aos movimentos de revoltas sociais na Educação Básica.

Finalizando esse capítulo, apresentamos a seguir as fotos<sup>7</sup> de algumas cangaceiras e cangaceiros citados ao longo desse processo da pesquisa:

**Figura 1 - Capa da revista – O Cruzeiro**



**Fonte: O Cruzeiro (1928-1985).**

**Figura 2 - Adília e Sila**



**Fonte: ABRAHÃO (1936).**

<sup>7</sup> Essas fotos foram retiradas do acervo de Benjamin Abrahão e estão disponíveis em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?tag=benjamin-abrahaao>. Acesso em 15 dez. 2023.

**Figura 3** - Zé Sereno, Azulão e Moita Brava



Fonte: ABRAHÃO (1936).

**Figura 4** - Corisco e Dadá



Fonte: ABRAHÃO (1936).

Na figura 1, temos a capa da revista – O Cruzeiro, onde retrata as filmagens de Benjamin Abrahão no bando de Lampião, destaque para Maria Bonita arrumando Lampião. Na figura 2, temos a cangaceira Adília (com os cabelos curtos soltos), que relatou os abusos sofridos pelo companheiro Canário. Ao seu lado, a cangaceira Sila grávida. A figura 3 retrata Zé Sereno (o primeiro da esquerda para a direita), cangaceiro Azulão e Moita Brava vestidos em trajes de combate e ostentando as armas e, no plano de fundo, há um cangaceiro fazendo pose de tiro. Na última figura, temos o cangaceiro Corisco e sua companheira Dadá, em plano de fundo sua cachorra de estimação Bailarina.

## **CAPÍTULO 03 - ENTRE TEORIAS E PRÁTICAS: BIOGRAFIAS DE SILA E MARIA BONITA EM SALA DE AULA**

Antes de iniciar a abordagem da história de vida das duas personagens principais, é imprescindível discorrer sobre as metodologias utilizadas no chão da sala de aula para iniciar o debate sobre o Cangaço e a participação das mulheres no movimento, assim como situar o leitor sobre parte da aplicação da pesquisa. Enfatizamos que o produto desse trabalho é uma História em Quadrinhos – HQ – destinado à utilização dos professores de história para repensar sobre as vivências da mulher cangaceira, para que os discentes possam compreender o cangaço sob a perspectiva do papel da mulher e ressignificar suas histórias de vidas.

### **3.1 Experiência docente sobre o Cangaço**

Atualmente leciono na Escola Municipal de Educação Básica Prefeito Benício Ferreira Reis, escola pública municipal, localizada no Distrito Pé Leve, Zona Rural de Limoeiro de Anadia – AL. Este município localiza-se na microrregião de Arapiraca, ocupa uma área de 349 Km<sup>2</sup>, limita-se ao Norte com os municípios de Coité do Nória e Taquarana; ao Sul com Junqueiro; a Leste com Anadia e Campo Alegre, a Oeste com Arapiraca e está a 119 km da capital do Estado, Maceió.

Segundo o censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Limoeiro de Anadia possui uma população de aproximadamente 27.974 habitantes, tendo a maior concentração da população residindo na zona rural, pois a extensão territorial urbana é pequena. Coincidindo com a maioria da população da zona rural, nosso público de estudantes é oriundo da própria comunidade e dos sítios e povoados circunvizinhos: Mamoeiro, Areia Branca, Poço da Pedra, Campestre, Bom Jardim, Genipapo, Jacaré, Timbó de Cima Timbó de Baixo, Jurema, Redonda, Pé-Leve Velho, Rio dos Bichos e Gaspar.

A escola atende a um total de 859 alunos na etapa educacional de Ensino Fundamental, anos finais, ou seja, de 6º ao 9º ano. Iniciamos o funcionamento em 2013 e desde esse período nos orgulhamos de ter uma das melhores notas do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e a maior quantidade de alunos aprovados para o IFAL – Instituto Federal de Alagoas, no qual os estudantes do 9º ano seguem para cursar o Ensino Médio Técnico, modalidade em que o ensino também é de qualidade para que nossos estudantes sigam desenvolvendo suas habilidades e construção de cidadãos.

No ano letivo de 2022, lecionei em duas turmas de 9º ano do Ensino Fundamental, sendo que desde 2019 leciono nesse ano escolar e constatei a necessidade de compartilhar com os estudantes fatos relevantes da história do Nordeste e a dificuldade dos discentes em compreender aspectos das revoltas sociais nordestinas como Canudos e Cangaço. No ano letivo de 2020, continuei com as turmas de 9º ano, contudo as aulas foram ministradas on-line, mediante o advento da pandemia de covid-19, que afetou o mundo inteiro. As dificuldades na busca de novas metodologias de ensino, a ansiedade dos estudantes e dos docentes, as dificuldades de acesso às aulas – principalmente na zona rural onde a maioria dos meus alunos residem – fizeram refletir cada vez mais sobre as metodologias de aprendizagem. Se nesse período existisse uma História em Quadrinhos sobre Cangaço, algo que chamasse a atenção dos alunos, facilitaria o processo de ensino-aprendizagem, naquele período e na atualidade.

É nesse contexto que surge esta pesquisa, à luz da BNCC (BRASIL, 2017), sobretudo em consonância com as habilidades e competências indispensáveis descritas na base. Para o 9º ano do Ensino Fundamental, anos finais, temos a seguinte unidade temática definida: “*o nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX*”, e dentro desse contexto, os objetos de conhecimento definidos “*Primeira República e suas características, Contestações e dinâmicas da vida cultural no Brasil entre 1900 e 1930*”. Diante desses temas, o docente encontra várias problemáticas a serem abordadas em debates com os discentes, dentre eles a questão do voto de cabresto, tão atual no cotidiano dos estudantes, já que eles mesmos conseguem citar exemplos da prática. Por isso é um tema gerador de discussões profundas sobre conscientização do voto, sobre os deveres dos políticos e sobre a necessidade de prezar pelo bem comum ao invés do próprio umbigo.

Mediante o tema “*Contestações e dinâmicas da vida cultural no Brasil entre 1900 e 1930*”, temos no país cinco revoltas principais abordadas nos livros didáticos (instrumento tão importante na prática docente), dentre elas: Guerra de Canudos e Contestado – definidas por muitos historiadores como movimentos messiânicos -, Revolta da Vacina e Revolta da Chibata e o Cangaço, sendo este último foco dessa análise.

Uma observação pertinente diante da análise sobre dois livros didáticos utilizados em Limoeiro de Anadia - AL, no Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), é a falta de diálogos e material que abordam sobre o Cangaço, deixando uma lacuna historiográfica. Como exemplo, a nova edição da obra *História, Sociedade e Cidadania* – Editora FTD - de Alfredo Boulos (2018) não tem sequer uma página sobre o assunto, enquanto na obra de Gilberto Cotrim e Jaime Rodrigues (2018) da *Coleção Historiar* - Editora Saraiva, tem somente metade de uma

lauda sobre um assunto com historiografia tão rica e tão importante para o nordeste. Citamos esses dois livros didáticos, pois são os mais escolhidos na rede municipal de ensino de Limoeiro de Anadia/AL e os que têm a preferência entre os professores de História na seleção do PNLD realizada a cada quatro anos.

Na obra de Cotrim e Rodrigues (2018), observamos que o que completa o Cangaço está pautado em uma história narrativa sem posições dos autores que supostamente prezaram pela imparcialidade sobre o conteúdo abordado. Na fala: “em meio a injustiças sociais, fome e seca, esses grupos muitas vezes praticavam crimes” (Cotrim e Rodrigues, 2018) deixa aberto a interpretações. Esses fatores citados são a causa do movimento? Esses crimes eram praticados com qual objetivo? Logo, essas perguntas sem respostas e a falta de posicionamento devido ao uso de uma linguagem neutra não dialogam com o leitor. Segue abaixo a foto da página do livro didático citado.

**Figura 5 - A respeito do Cangaço no livro didático**

**Investigando**

- Você conhece histórias ou canções sobre Lampião e Maria Bonita? Quais?

◆ Cangaço no Nordeste

Nas regiões do semiárido nordestino, formaram-se grupos de **cangaceiros**. Em meio a injustiças sociais, fome e seca, esses grupos muitas vezes praticavam crimes.

Entre os grupos de cangaceiros mais conhecidos, destacaram-se o de Antônio Silvino (1875-1944) e o de Virgulino Ferreira (1898-1938), também chamado de **Lampião**. Os cangaceiros chefiados por Lampião viveram pelo sertão nordestino por quase duas décadas. Em 1938, a polícia massacrou o bando de Lampião e, depois disso, o cangaço declinou até desaparecer. Contudo, suas ações foram transformadas em lendas pela literatura de cordel.

**Cordel:** literatura criada por poetas populares, principalmente do Nordeste. Em geral, os livros de cordel são de baixo custo e vendidos em ruas e feiras, pendurados em varais (cordéis).



**Fonte:** Cotrim e Rodrigues (2018, p. 44).

Diante da falta de material para debates a partir do livro didático, o docente deve buscar outras metodologias para facilitar o processo de aprendizagem dos estudantes, necessidade que devemos incluir no plano de trabalho docente todos os anos, na busca por novas abordagens e formas de viabilizar o conhecimento.

Ao elaborar o plano de trabalho do ano letivo de 2022, com intuito de abordar e aplicar as pesquisas realizadas no Mestrado, iniciei o ano letivo com dinâmica sobre respeito ao outro

e a primeira pesquisa solicitada em março foi justamente sobre o dia da mulher, que cada estudante deveria elaborar uma biografia de uma mulher considerada, na sua opinião, forte e importante para a sua época e apresentá-la para os demais. Essa metodologia inseriu os adolescentes no universo das biografias e induziu a percepção de que cada pessoa é um ser histórico, protagonista da sua própria vida e importante para sua realidade social, buscando desenvolver nos discentes a percepção de que a História é composta por homens e mulheres comuns.

Não foi surpresa ao ouvir a biografia de várias mães dos estudantes, momento ímpar no qual ouvi relatos de filhos orgulhosos sobre quem faz parte da história deles, além de personalidades históricas como a Rainha Elizabeth II, a jogadora de futebol alagoana Marta (considerada a Rainha do Futebol) e nenhuma citação sobre Maria Bonita ou qualquer outra cangaceira. Mas, a atividade proposta conseguiu alcançar os objetivos, estimular a criatividade e possibilitar a familiaridade com a questão biográfica.

Seguimos com os planos de aulas de acordo com o planejamento e as questões dispostas na BNCC e o pouco que o livro didático nos oferece. Ao iniciarmos o tema do Cangaço no mês de abril de 2022, a metodologia inicial foi por meio de debates sobre o que eles conheciam sobre o Cangaço, qual seria a percepção deles sobre o movimento e análise do disposto no livro.

Em um segundo momento, dialogamos sobre o Cangaço com uso de imagens do fotógrafo Benjamin Abrahão (1901-1938), registradas quando este conseguiu a façanha de registrar o bando dos cangaceiros em 1936, e iniciamos a abordagem sobre o papel das mulheres no movimento (MELO, 2018). Ao adentrarmos no universo das biografias, foram apresentadas as biografias de Sila e Maria Bonita, retratando suas histórias de vida e que, por mais que sejam histórias difíceis, podem ser ressignificadas ao olhar dos estudantes enquanto mulheres fortes e guerreiras.

Quando assistiram aos relatos de Sila, no Programa do Jô, ficaram impressionados com a história de vida dela, do momento da chacina, assim como ficaram intrigados com os relatos sobre Dadá, sendo a única cangaceira que realmente utilizava armas e participava dos embates (NEGREIROS, 2018).

Finalizamos o conteúdo que faz parte da cultura nordestina com uma viagem de campo. Como prometido aos alunos, fomos a Piranhas – AL, conhecer o museu da cidade histórica onde foram dispostas as cabeças de Maria Bonita, Lampião e mais nove companheiros do

bando. Segue abaixo registro do momento no Centro Histórico de Piranhas – em frente ao Museu do Sertão:

**Figura 6** - Alunos(as) das turmas – 9º anos A, B e C – 2022 – Escola Benício Ferreira Reis.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora (2022).

Concluimos que, após a utilização das ferramentas de trabalho: livro didático, fotografias, biografias, documentários e a viagem de campo, possibilitamos aos estudantes a riqueza de detalhes necessários para a construção de conhecimentos sobre o Cangaço e as mulheres no bando. A visão dos alunos do sexo masculino quanto à questão de torturas, estupros e ter as mulheres como “posse” do outro passou a ser desmitificada diante dos debates em sala, tornando possível a quebra de preconceitos e machismo. As alunas que possuíam posicionamentos contrários à mulher participar de movimentos violentos perceberam as nuances dos motivos que as fizeram ingressar no Cangaço e as dificuldades no modo de vida como cangaceira. A forma como as mulheres sobreviventes – Sila e Dadá – relatam suas experiências demonstra que são sujeitos comuns que fazem a história e propiciam o empoderamento (dar poder) a cada uma delas em busca de enfrentar os desafios da vida e lutar pelos seus sonhos. Essas são questões que podem e devem ser incentivadas ao debate pelos docentes mediante a utilização da História em Quadrinhos – HQ, produzida como produto final dessa pesquisa. A referida HQ torna-se um instrumento para utilização dos professores de História em sala de aula, esta possui como personagens principais Sila e Maria Bonita, no qual serão abordados aspectos principais das suas vidas nas biografias apresentadas a seguir.

Para isso, essa autora pede inspiração a Padre Cícero Romão:

*A meu padrin padre Cícero*

*Peço muita inspiração*

*Para falar das mulheres*

*Do bando de lampião*

*Que tiveram no cangaço*

*Forte participação*

*Essas mulheres arretadas*

*Com bravura desde berço*

*Pelos sertões andavam*

*E recitavam o terço*

*Acompanhando os cabras*

*Desde todo o começo*

*Mulheres cangaceiras*

*Temidas pelo sertão*

*Mostravam a sua garra*

*Por querer ou as vezes não*

*Construíram sua história*

*Nessa bela região*

*As mulheres do cangaço*

*Em armas não pegavam*

*Mais a fama de aprendiz*

*Sempre as rodeavam*

*Jararaca, cobras, meretriz*

*Suas famas se espalhavam*

*Essas mulheres guerreiras*

*E sua vida por um triz*

*Chamavam a atenção*

*De um povo que se diz*

*O cangaço no Nordeste*

*Teve sua força raiz*

*Nesse universo feminino*

*A bela participação*

*Sila, Adília e Dadá*

*Entraram na discussão*

*E dentro do cangaço*

*Tiveram repercussão*

*Por rainha do cangaço*

*Maria Déa foi conhecida*

*Pois ao chefe lampião*

*Não passou despercebida*

*Sendo fígada por esse*

*Teve sua história de vida*

*Os cangaceiros no sertão*

*Por essas terras andavam*

*Sendo que as mulheres*

*Também se destacavam*

*Mostrando sua astúcia*

*O cangaço transformavam*

*O sofrimento findou*

*Mediante a situação*

*Em 1940, Corisco*

*Causou a desolação*

*Dizimado pelos macacos*

*Bando em destruição*

*Que estiveram no sertão a reinar*

*Porém os remanescentes*

*A história dessas mulheres*

*No tempo resistiram*

*Não podem ser esquecidas*

*Não calando a voz*

*Por isso nesse trabalho*

*Pelo sertão agiram*

*Os estudos das suas vidas*

*Aterrorizando a muitos*

*Que todas as mulheres*

*Por tudo que destruíram*

*Sejam bem reconhecidas*

*O movimento do cangaço*

Versos de autoria: Lidiane

*Está no imaginário popular*

Metodio, 2023.

*Que os séculos passem*

Inspiração: Abraão Rezende,

*Mais não se deixem de narrar*

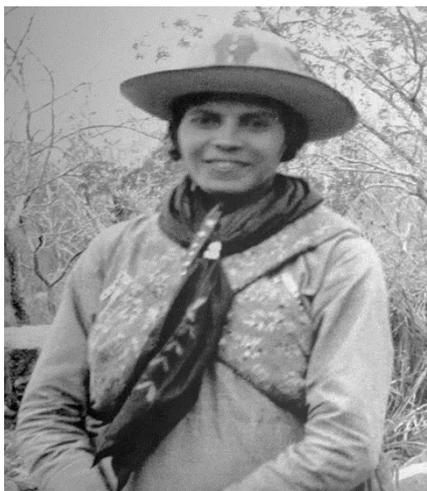
2023.

*Sobre as mulheres e homens*

### 3.2 Sila: de menina à cangaceira

A ex-cangaceira Sila – Ilda Ribeiro de Souza, foi sobrevivente do sertão nordestino, das dificuldades das terras áridas, dos desafios do Cangaço, das crueldades que presenciou, da dor de ter um filho e não poder cuidar, sobrevivente de um abuso aos 13 anos<sup>8</sup> de idade e do rapto de Zé Sereno.

**Figura 7** - Sila – Ilda Ribeiro de Souza



Fonte: ABRAHÃO (1936).

<sup>8</sup> Existe uma divergência de datas sobre a idade de Sila no período do rapto, nesse trabalho adotamos a perspectiva de (FREITAS, 2005). Segundo Negreiros (2018) a idade de Sila no referido episódio era de 11 anos.

Sila passou a integrar o bando de Zé Sereno (José Ribeiro Filho) – homem de confiança do capitão Virgulino – não por vontade própria, mas porque não teve alternativa. Como conta em depoimento (SOUZA, 1975), Zé Sereno bateu os olhos nela em uma festa nas proximidades de sua morada, e depois foi lhe dar o aviso: “se arrume que venho lhe buscar”. A menina adolescente assustada com a presença imponente do cangaceiro e temendo por seus irmãos, os quais cuidavam dela desde o falecimento de sua mãe quando tinha cinco anos de idade e a perda do seu pai aos nove anos, não teve escolha. Para proteger os irmãos que tanto amava, foi sequestrada por Zé Sereno e adentrou para o destino do Cangaço.

Nesta análise biográfica de Ilda Ribeiro (1926-2005), contamos com os depoimentos da própria Sila sobre o Cangaço e a análise investigativa de outros autores que escreveram sobre a personagem histórica. A sobrevivente da chacina de Angico, relatou em suas obras autobiográficas: *Sila: memórias de guerra e paz (1995)* e *Sila: uma cangaceira de Lampião (1984)*, e em diversos depoimentos a pesquisadores, encontros em universidades, depoimentos em TV aberta, dentre outros, sobre suas vivências nos quase três anos que passou no Cangaço. A partir do seu lugar de fala e da escrita de si mesmo, Ilda Ribeiro completa as memórias do que foi enquanto a jovem Sila e a reconstrução de sua história em São Paulo, juntamente com seu companheiro Zé Sereno.

Ilda Ribeiro de Souza nasceu em 26 de outubro de 1924, em uma fazenda localizada na cidade de Poço Redondo, Estado de Sergipe. A família contava com uma irmã e três irmãos Gumercindo, Antônio e Humberto, que posteriormente decidem entrar no cangaço sob a justificativa de protegê-la. A família que ficara marcada pela perda da matriarca e do patriarca, a partir do rapto de Sila, passa a ser marcada pelo cangaço.

Diante dos depoimentos e análises, pode-se constatar que a família de Sila tinha algumas posses, pois a mesma não relata dificuldades como passar fome enquanto estava no seio familiar, assim como afirma em depoimento que estudava na cidade e nas férias voltava para a fazenda, sendo característica de mulheres com determinadas condições financeiras ter acesso à educação formal no período.

*Nunca tinha visto cangaceiro nenhum, aí quando era na época que tava de férias, a gente da cidade ia pra fazenda. Aí meu irmão disse que era pra mim ir embora porque podia ser que os cangaceiros passasse lá e me carregar. Aí eu disse: eu não conheço cangaceiro como é que eles vão me carregar. Porque eu não sabia que existia essa, eu era uma menina, eu fazia roupa de boneca. Eu... das minhas primas eu era a prima mais querida delas, porque eu era mais desenvolvida tudo,*

*parece que eu tinha que ser mesmo cangaceira, porque não adiantava viu* (NOGUEIRA, 1989, Entrevista com Ilda Ribeiro)

Segundo Negreiros (2018), Sila teria sido cobiçada primeiro por Zé Baiano (o ferrador de mulheres), até mesmo teria tido um encontro no qual o irmão Gumercindo a teria levado para apresentá-la ao cangaceiro. Junto ao bando estaria Zé Sereno, o que viria a ser seu companheiro. Felizmente o “destino” a livrou de ter que conviver com um dos homens mais cruéis do bando, devido ao assassinato de Zé Baiano pelas volantes. Sobre esse encontro que Sila declara na Entrevista no Programa do Jô em 1975:

*No riacho eu caia mais do que andava, quando cheguei lá o Zé Baiano falou assim: nós num vamos fazer nada com você, menina, você tá com medo, né? Mas, deixe que o Zé baiano era quem me queria, me levar, né?. Mas, dessa viagem nós viemos simhora, dessa viagem, aí o Zé Sereno brigou com Zé Baiano, mas eu nem vi o Zé Sereno, o medo era tanto que nem enxerguei.* (SOUZA, 1975, Entrevista com Ilda Ribeiro)

De acordo com a entrevistada, o medo era explícito ao ter sido marcada pelo cangaceiro Zé Baiano para ser sua companheira, tanto que não conseguia “firmar” as pernas e mais caía que andava ao ser obrigada a ir ao inevitável encontro com os bandoleiros. Após a morte do cangaceiro ferrador (Zé Baiano), o seu primo Zé Sereno tomou a moça para si, avisou que a queria, mandou o irmão de Sila organizar um baile para algumas moças. A moça passou toda a noite do baile evitando contato visual com o “pretendente” na esperança que esquecesse sua promessa de levá-la consigo sertão adentro. Mas, na manhã seguinte, Neném (companheira de Luiz Pedro) dá o ultimato de saída do bando e que ela deve segui-los.

Sila relata que não queria ir porque os “Macacos” (termo associado à polícia especializada em procurar cangaceiros, também denominadas de volantes) entrariam na cidade e matariam todo mundo, visto que perseguiam todos os familiares das cangaceiras em busca de informações sobre o bando. A violência dos “macacos” se equiparava a violência dos cangaceiros, sendo ainda piores as formas de repressão a uma mulher cangaceira ou que tenha parentes de sangue no cangaço. Ao discorrer sobre as formas de violência da polícia, Negreiros relata um episódio que assombrou as cangaceiras:

*Ficaria instalado entre elas um verdadeiro pavor de ser capturada por macaco. Era certo que, ao pôr as mãos em uma jovem e aformoseada mulher de cangaceiro, os oficiais aproveitavam para ir à forra. Ficaria conhecida no sertão a fetichista façanha de Abdom, soldado da polícia alagoana que, depois de assassinar uma bandoleira, arrancaria não a sua cabeça, como era de costume, mas a vulva. Após a penosa extração,*

*guardaria a parte íntima da mulher no bernal.* (NEGREIROS, 2018, p. 137)

Agora, esse medo também permeava a jovem que foi forçada a ser cangaceira. O fetiche de retirar a parte íntima de uma mulher, refere-se a mesma noção de poder que o abuso, ser dono do outro e subjugar-lo.

Mediante os estudos de Adriana Negreiros (2018) sobre o ingresso de Sila ao bando, afirma que a menina aparentava ter mais idade devido ao seu desenvolvimento. Sila ratifica em seus depoimentos que sempre foi vaidosa, gostava de andar bem vestida, perfumada e sempre chamava atenção nos bailes causando inveja às demais mocinhas. Em contraste com essa personalidade forte, Sila ainda brincava de boneca, relata-se que Zé Sereno colocou duas bonecas em suas bagagens e que Lampião havia brincado com seu cabra de confiança sobre a escolha de parceira: “Zé Sereno não queria mulher, mas sim uma filha”, teria brincado o Capitão (NEGREIROS, 2018, p. 209).

Pouco tempo após sair com os bandoleiros, teve sua primeira relação sexual como relata o estropo, que segundo a própria Sila foi uma “*lua de mel amarga, noite de núpcias em cima das pedras mesmo, de qualquer maneira, né. Foi sofrimento, aí de manhã cedo nós saímos*” (NOGUEIRA, 1989, Entrevista com Ilda Ribeiro). Conforme se expressou em depoimento, a primeira noite não é recordada com uma boa lembrança e adianta que, no outro dia, assim que o sol começou a aparecer, teve que seguir caminho, sempre fugindo de um lugar para outro, andando e cobrindo os rastros, “eu andava e se uma pedra saísse do lugar, Zé Sereno ia colocar de volta”.

Diante das superstições do grupo, eram rara as vezes que os homens procuravam as mulheres para o sexo, pois acreditava-se que abria o corpo após o ato, em poucas vezes que Sila e Zé Sereno tiveram relações, ela engravidou. Deixada aos cuidados de coiteiros no final da gestação, a criança nasceu, um menino que ganhou o nome de João do Mato, sendo deixado com o pai adotivo escolhido – o ex-tenente Liberato de Carvalho para criação. Lampião e Maria Bonita batizaram a criança que infelizmente não sobreviveu, sendo as piores dores de uma mãe: deixar o filho e receber a notícia de sua morte.

Assim, contra a sua vontade, torna-se definitivamente cangaceira, Sila agora é parte do subgrupo do Capitão Lampião, companheira de Zé Sereno, que lhe devia fidelidade, uma das questões morais mais contundentes do bando, a fidelidade. Traição era passível de morte, logo o ódio inicial por Zé Sereno passa a ser respeito e depois transforma-se em um certo tipo de amor.

A cangaceira continuou não gostando de armas e relata que permaneceu costurando como fazia para as bonecas, mas agora para todos do bando, a riqueza dos bordados, os bornais, as roupas e os enfeites faziam parte das poucas experiências “felizes” nas andanças do sertão. Afirma também que lembra das presepadas que fazia, sendo sempre muito brincalhona, mas que eram raros momentos de alegria. Em contraste com os relatos da fome, sede, embates com a polícia e o medo constante de ser capturada.

Sobre os embates e dificuldades do Cangaço, Sila relata o episódio da morte de Nénem, companheira de Luiz Pedro, apenas dois dias após ingressar no Cangaço. Em uma emboscada, estavam com o bando em uma casa cercada de arames farpado e “*para sair por debaixo do arrame só quando os tiros clilariava que a gente passava pro mato, aí aonde mataram a Neném*” (NOGUEIRA, 1989, Entrevista com Ilda Ribeiro). Continua a descrever o acontecimento afirmando que chorou demais, foi uma tristeza para ela, pois nunca tinha presenciado aquela situação e o companheiro afirmou que iria chorar muito, pois iria acontecer várias vezes.

É possível imaginar o sofrimento de uma menina de apenas treze anos que viu sua vida mudar da água para o vinho, de uma rotina tranquila, costurar roupas para bonecas, se arrumar e estudar, para uma em que vivia quarenta e oito horas fugindo de tiros para salvar sua própria vida, além disso, presenciar a morte da sua primeira amiga no cangaço, passar fome e sede, andar sem destino certo nas terras áridas e vegetação difícil da caatinga. Sila afirma em depoimento que todos rezavam: “*pois se não se pegasse com Deus, como era que a gente ia viver*”. Certamente, rezavam pelas suas próprias angústias e pedindo proteção para livrá-los daquele sofrimento.

Sobre as vivências no Cangaço, Sila afirma: “*aquilo não era vida*”, a melhor coisa da vida é a liberdade e viviam presos, “*ninguém troca a liberdade por uma vida daquelas*”, tinham dias que comiam, outros não, isso devido à falta de tempo de parar e conseguir comida com os coiteiros no meio da caatinga. O sol escaldante, a falta de água e a vegetação espinhosa da caatinga marcaram sua vida. Em entrevista concedida ao Programa do Jô, Sila relata:

*Num tinha a sociedade, nunca mais eu via gente, eu tinha vontade de dormir numa cama e num tinha cama pra mim dormir. Né? A gente dormia no chão, em cima de Mandacarú, Faxeiro, Xique-xique, em qualquer lugar. Ainda perseguida pela Força, né? A gente escondendo o rastro, virava uma pedra tinha que colocar no mesmo lugar, era uma vida miserávi. (SOUZA, 1975, Entrevista com Ilda Ribeiro)*

No trecho citado, a entrevistada mostra sua indignação e desejo de ter novamente coisas simples da vida, como uma cama para dormir, e socializar com outras pessoas, reafirmando que “era uma vida miserável”. Sobreviver era a única alternativa para os integrantes do bando, sobreviver um dia de cada vez, um embate com a “Força” de cada vez, infelizmente nem todos sobreviviam e com o tempo as pessoas se adaptavam ao meio. Para Sila: *“no fim a gente se tornava uma família, com tiro, sem tiro, morre um hoje, outro entra amanhã, a gente acostuma... acostuma com a vida que eu levava”*. (SOUZA, 1975, Entrevista com Ilda Ribeiro). A imprevisibilidade da vida faz o ser humano acostumar-se com todas as adversidades impostas no seu caminho, sobretudo as mulheres, com sua capacidade de adaptação e integração do meio para sobreviver.

O massacre de Angico, no dia 28 de Julho de 1938, aconteceu na então denominada grota do Angico, localizada no município de Poço Redondo- SE, onde os cangaceiros se acomodaram para descansar à noite, um local reservado, escondido e coberto por pedras e vegetação típica da caatinga. A difícil localização protegeria os cangaceiros, somente algum coiteiro poderia informar o paradeiro do grupo, o que aconteceu, segundo Sila. A traição de um coiteiro definiu a morte de Lampião.

Esse foi outro episódio marcante que a jovem cangaceira presenciou. Afirma que na noite anterior ao episódio, sentaram as duas em uma pedra para fumar e conversar com Maria Bonita. Esta relatou sobre a perseguição das volantes, acreditando que, se a polícia alagoana a pegasse, não a mataria. Sila desconfiava da “Força” alagoana, acreditava na “Força” Sergipana. Seguiram a prosa, enquanto Sila desconfiava de uma luz que via acima da grota.

*Vi uma luz, acendia e apagava. Aí eu disse: Maria aquilo não é uma lanterna? Ela disse que não, que era um vagalume. Mas, ela começou a conversar que ela estava cansada, porque a gente reclamava que a gente tava cansada daquela vida, aquilo não era mais vida pra gente. Né? Eu: Maria é uma lanterna. Maria, né não, é um vagalume.... Quando eu desci, se eu tivesse falado pro Zé Sereno, num tinha acontecido, porque ou nós tínhamos saído à noite, ele tinha avisado a Lampião ou senão estava todo mundo prevenido, se equipava tudo, né?* (SOUZA, 1975, Entrevista com Ilda Ribeiro).

Assim, percebemos aspectos importantes na convivência do bando. Existia uma certa proximidade entre Sila e Maria Bonita, diferentemente da relação da Rainha do Cangaço com Dadá, como será discutido em breve. Outro ponto de destaque é a comprovação da situação de cansaço das mulheres, da vida que levavam, além da possível

esperança de Sila de que poderia evitar o que aconteceu com os companheiros de bando, caso tivesse relatado suas suspeitas.

Em outro determinado momento, Sila relata sobre o horror do episódio: “*era tiro que a gente não sabia se era tiro ou gente batendo em uma lata, sabe*”. Afirma que não morreu porque os soldados não a acertaram porque segundo ela: “*a gente não morre antes da hora*”. Afirma também que nunca irá esquecer da sensação de ver a colega Enedina levar um tiro ao seu lado e ter as suas roupas e face sujas com o sangue e “miolos” da companheira de bando. Sila e o seu companheiro sobreviveram para contar suas histórias e só faleceram em sua hora certa, de acordo com a ideologia da cangaceira, em detrimento dos onze cangaceiros que foram executados na emboscada, dentre eles o Rei e a Rainha do Cangaço, que tiveram suas cabeças decepadas e expostas em praça pública na cidade de Piranhas no Estado de Alagoas.

Após sobreviver ao episódio citado e aos dois anos tortuosos no Cangaço, de 1936 a 1938, depois de tantas experiências vividas, aparentemente pode-se pensar que seu período no bando foi curto, mas a noção de tempo depende das experiências que cada um guarda sobre ele. Sila participou justamente do período mais intenso de perseguição aos Cangaceiros, traçado no período de governo do Presidente Getúlio Vargas, principalmente após o advento do Estado Novo (1937-1945). Buscando a anistia divulgada pelo governo, Sila, seu companheiro Zé Sereno, cangaceiro Criança e Dulce, entregaram-se à polícia. Com a anistia concedida, ficaram alguns meses acolhidos na fazenda do sr. Jacó, localizada na Jordânia, cidade mineira que fica na divisa entre os estados da Bahia e Minas Gerais. Como tantos outros nordestinos, seguiram caminho para São Paulo em busca de uma nova vida.

O início de sua nova jornada foi marcado pela dificuldade de Zé Sereno conseguir um emprego fixo, sobrevivendo apenas de trabalhos informais por um período, enquanto Sila – Ilda Ribeiro de Souza - ajudava nas despesas de casa com suas costuras. Sofreram muito para se adaptar e para manter o sustento da casa com três crianças pequenas para alimentar. De acordo com as entrevistas de Freitas (2005), Sila:

Enfatizou que tomava remédio para não dormir “*Eu trabalhava de dia e de noite, costurando e amanhecer o dia e eu pegar um comprimido e tomar*”, e que sempre respeitou muito as pessoas e, por isso, também procurou trabalhar nos locais em que recebia respeito. Falou com orgulho da honestidade com que criou seus filhos, sempre se referindo ao respeito ao próximo, aos mais velhos “*Criei meus filhos honestamente, a gente tem que ser honesto, a gente tem que olhar pelos*

*velhos e pelas pessoas que dá valor pra gente*”. (FREITAS, 2005, p. 177)

Mediante todas as lutas seja no cangaço ou em São Paulo, Sila conseguiu manter os seus preceitos morais, como afirma ter criado os filhos para serem honestos, deixando implícito que não se considerava facínora, bandida ou qualquer outro adjetivo que venham a lhe impor. Acreditava que o cangaço era um meio de vida, que *“eram gente dentro do mato e não monstros, era uma pessoa que se dava, a gente queria viver”*.

No final da frase, a depoente, ao afirmar que *“a gente queria viver”*, exprime a vontade de sobreviver, mesmo diante daquela realidade caótica, fugindo da volante, passando fome e sede. Os homens e mulheres do cangaço perseguiam condições para viver em meio a caatinga. Sila viveu e sobreviveu ao cangaço, após a anistia permaneceu ao lado do seu companheiro até sua morte. O homem de confiança de Lampião, Zé Sereno - José Ribeiro Filho, morreu de infarte no ano de 1981, em uma cama no hospital em São Paulo. Após todas as batalhas que lutou, teve uma morte calma. Sua companheira Sila – Ilda Ribeiro, faleceu em 2005, deixando uma historiografia própria sobre o Cangaço, participação em diversos seminários em universidades, gravou documentários e entrevistas, contando sobre suas experiências enquanto cangaceira. A trajetória e material disponibilizado sabiamente com toda sinceridade por Ilda Ribeiro é de valor histórico inalienável para todas as gerações que necessitam conhecer o movimento através da perspectiva de alguém que participou e sobreviveu para contar a história. O registro abaixo foi extraído da entrevista de Sila ao Programa do Jô na SBT.

**Figura 8** - Foto de tela – Sila e Jô Soares.



**Fonte:** Entrevista no Programa do Jô (SOUZA, 1975).

### 3.3 Maria Bonita: de Maria Dea à rainha do Cangaço.

*Se não fosse essas caboca  
Não tinha graça o sertão  
Não brigava os cangaceiro  
Não havia Lampião.*

Alexandre Zabelê  
(NEGREIROS, 2018, p. 199).

Falar sobre Maria Bonita é uma grande responsabilidade, dialogar sobre a história de vida da senhora do Nordeste, dona de tanto apreço popular, esperamos que de sua vida nunca deixem de lembrar.

**Figura 9 - Maria Bonita**

**Fonte:** ABRAHÃO, 1936.

Para esta análise, diferente da biografia de Sila, que produziu excelentes reflexões e uma vasta produção através dos discursos de si em documentários e entrevistas, os estudos sobre Maria Bonita só são possíveis a partir da perspectiva de outros, seja dos sobreviventes do Cangaço, como as percepções de Dadá, ou através de pesquisas bibliográficas de autores e suas narrativas sobre a Rainha do Sertão.

Nesse breve relato sobre Maria Bonita, mesmo diante da sua importância simbólica por ter marcado a História do Brasil com o próprio sangue, a cangaceira não é tão estudada quanto Dadá e os cangaceiros masculinos. Negreiros (2018) afirma que a imprensa da época não tinha interesse nas mulheres do cangaço.

Maria Gomes de Oliveira, Maria Déa ou Maria Bonita, teve seu terceiro nome concedido após sua morte. A cangaceira Maira Déa, uma mulher de apenas 28 anos, morreu sem saber que seria lembrada como Maria Bonita, rainha do Cangaço. Era neta de avó holandesa e de avô português e tinha como pais João Gomes de Oliveira (conhecido como Zé de Felipe) e Maria Joaquina Conceição de Oliveira (ou Maria Déa).

Maria Bonita nasceu em Malhada do Caiçara, no dia 17 de janeiro de 1910, na fronteira dos estados da Bahia e Pernambuco, em uma família numerosa composta pelos pais e mais 12 irmãos: José, Ozéias, Ananias, Isaías, Arlindo, Benedita, Antônia, Dorzina, Chiquinha, Naná, Dondon e Deusinha. Seus pais eram coiteiros do cangaço (família que acobertava e recebia os cangaceiros no nordeste). Sobre sua data de nascimento, existe

em diversos estudos datadas com divergências de registros, mas pesquisas recentes definiram o dia correto, sendo que:

Em 2011, ano em que se registraram diversas comemorações pelo suposto centenário de Maria Bonita, um pesquisador de Paulo Afonso, o sociólogo Voldi Ribeiro, localizou o assentamento do batismo de Maria Gomes de Oliveira na paróquia de São João Batista de Jeremoabo. No documento, consta a data de nascimento da criança: 17 de janeiro de 1910. A Rainha do Cangaço, portanto, nasceu no mesmo dia em que, 54 anos depois, viria ao mundo Michelle Obama, futura primeira-dama dos Estados Unidos. (NEGREIROS, 2018, p. 10)

Somente 15 anos após seu nascimento, a jovem casou-se com o Sapateiro José Miguel da Silva (Zé Neném), com quem teve um casamento conturbado marcado pelas traições do esposo e pela violência gratuita quando ela reclamava dos hábitos do esposo. Zé Neném, sapateiro e exímio dançarino, geralmente após o trabalho seguia para os arrasta pés, deixando Maria Déa em casa. A mesma vivia em constantes brigas com o marido e fugia para a casa dos pais. Quando o caso era mais grave, Maria Déa passava noites na casa dos pais, depois do marido tentar calar suas queixas com tapas e socos. O pai dela fazia gosto no casamento por julgar Zé Neném um homem provedor de família e com profissão definida e que era comum um homem manter relações extraconjugais no sertão. Enquanto isso, a mãe de Maria Bonita não gostava do sujeito, além de assanhado, era um rapaz frouxo e não ser varão o suficiente por não ter engravidado a esposa. Sinal de virilidade no sertão era a capacidade de gerar filhos. Por isso, além de não gostar de Zé Neném e preocupada com a situação da filha, a mãe de Maria Déa revolta-se e, sabendo de sua fascinação da filha pelo Rei do Cangaço, tramou o encontro dos dois.

Maria Déa era considerada bonita para os padrões de beleza local caracterizada como morena clara, cabelo e olhos castanhos, testa protuberante, nariz bem trabalhado, lábios finos, com altura de 1,56 metro (considerada baixinha) e um atributo que chamava atenção: um par de coxas grossas (NEGREIROS, p. 19). Detalhes que chamou a atenção de Lampião, que passou a cortejá-la em 1930 e lutou contra seus instintos de incluir mulher ao bando. Segundo Lins (1997), o cangaceiro recebeu conselhos de Pe. Cícero e do ex-cangaceiro Sinhô Pereira para não adicionar mulher ao bando, pois iria causar discórdia, mesmo assim, contrariando seus instintos, levou a sua paixão para todos os cantos do nordeste.

Ao contrário de Sila e Dadá, Maria Déa ingressou em 1930 no Cangaço por livre e espontânea vontade, devido a sua paixão por Virgulino Ferreira. Antes dela, nunca

nenhuma mulher havia integrado nenhum dos bandos de cangaceiros nordestinos. Os pais de Maria Déa eram coiteiros por interesses próprios, pois, para Dona Déa e Seu Zé Felipe, se teriam que prestar serviço a alguém, que fosse ao mais influentes e poderosos, pois “*da Volante não se poderia esperar nada a não ser prejuízo e brutalidade*” (NEGREIROS, 2018, p. 39). Como citado anteriormente, dona Déa teve o papel de alcoviteira da filha com o cangaceiro, por desaprovar o casamento da filha.

O romance entre Maria Bonita e Lampião é inspiração para diversos cordelistas ao relatar um amor épico que transportou as barreiras da sociedade, ela sendo transgressora ao abandonar o marido e ele sendo irracional ao levar sua paixão consigo para os caminhos do sertão, mesmo após os conselhos de Pe. Cícero e as opiniões contrárias dos companheiros de bando. Pois, teria agora o cangaceiro um novo sentido para a vida, mesmo diante da estrutura de violência de décadas sendo bandoleiro, agora passa a conhecer o amor de uma mulher, sendo esta, a única capaz de acalmar o gênio fervoroso do Rei do Cangaço, pois “os relatos trazem que ela era a única pessoa no bando que poderia dominar Lampião, pois com sua meiguice adoçava-lhe o espírito combativo” (CLAUDINO, 2017, p. 92).

Essa paixão causou espanto e julgamentos mediante os padrões morais da época. Maria Déa foi transgressora ao abandonar o esposo (Zé Neném), mesmo diante de todas as acusações de traições e espancamentos que sofria dele. A voz da mulher não tinha validade comparado a do homem. Mulher decente não separava do esposo, aguentava todas as situações adversas que surgissem, ideal ainda em vigor na mentalidade de mulheres que continuam sendo submissas ao esposo em pleno século XXI. Segundo Freitas (2005),

De acordo com os padrões morais que vigoravam na sociedade brasileira da época, Maria Bonita pode ser qualificada como adúltera e bandida por sua conduta duplamente marginal. Primeiro, ao abandonar o marido com quem havia contraído matrimônio, e depois por juntar-se a um fora da lei. Foi sem dúvida a figura mais conhecida e divulgada dentre todas as mulheres que vivenciaram a experiência do cangaço. (FREITAS, 2005, p. 135)

A qualificação de Maria Bonita como adúltera e bandida foi divulgada pelos jornais ao descrevê-la como simples facínora que acompanhou Lampião. Este, ao contrário do descrito nos jornais e no pensamento da sociedade sertaneja sobre Maria, chamava sua paixão carinhosamente de Santinha, sugerindo como uma mulher virtuosa,

protetora, fiel e dedicada. Mesmo sem pegar em armas, a mais nova cangaceira abriu portas para que outros cangaceiros levassem suas companheiras consigo sertão adentro.

A primeira vez que Maria Déa é apresentada em um jornal como protagonista, de acordo com Nadja Claudino (2017), foi na reportagem do Diário de Pernambuco, veiculada com o título: “*Maria do Capitão*” – *Madame Pompadour do cangaço*, em fevereiro de 1937. Mediante a análise da matéria veiculada na imprensa nordestina, através das poses de fotografias de Benjamin Abrahão (1936), Maria Déa tenta passar a dignidade e elegância no sertão nordestino, sempre adornada e com cabelos penteados. Finalizando a matéria, tratam a cangaceira como famigerada, ganhando assim o mesmo título que seu companheiro pelos jornalistas. Para a autora,

A reportagem falava sobre a Maria do Capitão, uma espécie de Madame Pompadour do reino da caatinga.... Assim, Maria do Capitão foi mostrada como uma mulher despótica, violenta, uma Madame Pompadour, mas sem o requinte da outra que viveu na corte francesa do Antigo Regime. (CLAUDINO, 2017, p. 88)

Configura-se nessa imagem o que se veiculava sobre Maria Déa nos jornais, enquanto no imaginário popular e nas rimas dos cordéis, Maria Bonita é definida como corajosa, valente, linda e astuta, além de ser comparada a heroínas, chamada até de Joana D’Arc do sertão. Mas, não deixava a vaidade, pois mesmo diante das adversidades do sertão, andava arrumada, perfumada e com os seus bornais coloridos a enfeitar. Segundo Freitas (2005, p. 143), “carregava sempre em seus bornais o seu arsenal de beleza, como pente de cabelo, batom, perfume, espelho, talco, escova de dente, entre outros apetrechos”. Essa característica vaidosa, também é percebida nos seguintes versos de Antônio Santos (1986 *apud* FREITAS, 2005, p. 143):

*Apesar de ser valente  
Maria era afeiçoada  
Às coisas femininas:  
Só andava perfumada,  
Impunha todo o rigor  
Quando dava o seu amor  
Gostava de ser amada*

Tal interpretação, descrita no cordel acima sobre a vaidade feminina, é confirmada a partir das fotografias de Abrahão Benjamim, quando retratou o grupo em 1936. Suas imagens expressam as características da mulher cangaceira, os penteados, as joias dispostas ao longo do corpo, desde a presilha do cabelo aos dedos das mãos, o uso

elegante de meias e chapéus, além do destaque para os acessórios como bornais e o uso de chapéus.

Segundo Negreiros (2018),

Maria de Déa, de fato, só andava nos trinquês, ornada com as melhores joias que já tinham circulado pelo sertão nordestino. Em volta do pescoço, exibia sete correntes de ouro que pertenciam a Joana Vieira de Siqueira Torres, a baronesa de Água Branca, da cidade alagoana de mesmo nome, cujo casarão fora assaltado por Lampião quando ainda integrava o bando de sinhô Pereira, em 1922. As mãos de unhas curtas traziam anéis em quase todos os dedos. Reluzentes brincos de ouro faziam conjunto com um broche do mesmo material, fixado ao tecido da vestimenta – ou à jabiraca, o lenço de seda pura usado junto aos colares. (NEGREIROS, 2018, p. 64)

**Figura 10** - Maria Bonita em trajes de festa



**Fonte:** ABRAHÃO (1936).

Comprovando a descrição da autora, podemos observar no registro de Benjamin Abrahão (1936), os detalhes da vestimenta de “festa” de Maria Bonita, como o uso de várias correntes no pescoço. Afirmo a autora que eram sete correntes de ouro. Nos dedos das mãos, podemos constatar o uso de anéis, o vestido com pequenas estampas, e o penteado bem arrumado no cabelo também embutido de acessórios.

Negreiros (2018) destaca também que sempre estava com os cabelos arrumados, moldados em ondulações e preso com auxílio de fivelas e, mesmo nos trajes do dia a dia e nos apetrechos de guerra, a rainha do cangaço gostava de ostentar sua posição, com

punhal de 32 centímetros confeccionado em prata, marfim e ônix, com uma capinha de couro com detalhes de ouro e marfim (NEGREIROS, 2018).

Todas as mulheres, independentemente da posição na hierarquia do grupo, utilizavam práticas de embelezamento, até mesmo Dadá, considerada a mais bélica<sup>9</sup> do bando. Tendo em vista essa análise sobre embelezamento, considerando que as mulheres são julgadas a partir do aparato da beleza, o aspecto físico, os corpos das mulheres foram capturados ao longo dos séculos sob a ótica dos desejos masculinos, caracterizando determinados detalhes a serem considerados desejáveis de acordo com o período em questão.

Para Wolf (1992), a beleza é um sistema ligado à soberania masculina de ter controle sobre os corpos femininos, alterando-se de acordo com os novos padrões estabelecidos. Na década de 1920, surge a magreza feminina como forma a ser admirada, em contraste com os aspectos característico do gosto do sertanejo, mulheres com curvas, seios e quadris largos seriam as mais desejáveis (CLAUDINO, 2017, p. 98).

Para a Nadja Claudino, Maria Bonita foi julgada em vida e depois de morta a partir do meticuloso olhar sobre sua beleza. Discursos de jornais e outros autores a criticam “como uma ‘mulher vulgar’, sem rastros de beleza física que não fosse apenas admirada por um criminoso como Lampião. Ser julgada pela aparência é ainda hoje uma constante” (CLAUDINO, 2017, p. 99). Deixa explícito nessa citação, a percepção de que as mulheres possuem a função de agradar aos desejos do sexo masculino e aos anseios da sociedade em busca de um ideal de beleza perfeita. Mesmo que esta mulher tenha desempenhado um papel de destaque em um movimento composto, até o momento de sua chegada, por homens e marcado pela violência, ainda encontramos discursos sob a ótica da existência de beleza ou não da Rainha do Cangaço, descartando os aspectos de sua personalidade, de sua influência no bando e até mesmo sobre Lampião.

Sobre a personalidade de Maria Bonita, na percepção de Dadá, Maria Déa era esnobe, voluntariosa, mandona e ranzinza.

Acima de qualquer mulher, contudo, quem dava as cartas era a esposa de Lampião. Maria de Déa, a Maria do Capitão, reinava soberana entre as cangaceiras, para desgosto de Dadá. “Bacana que só ela, só quer ser mais”, definiria Dadá a respeito da Rainha do Cangaço. (NEGREIROS, 2018, p. 69)

---

<sup>9</sup> Dadá era considerada a cangaceira mais bélica do bando, por ser a única que apreciava as armas e participava dos embates com a polícia.

As divergências entre Dadá e Maria Bonita, o fato de uma não gostar da outra, é relatado em depoimentos, livros sobre o Cangaço entre outras obras. O fato é que a personalidade da Maria do Capitão irritava a companheira de Corisco. Certa vez, Maria Bonita, em meio às caminhadas pelo sertão no seu burrinho Velocípe, que era seu animal de estimação, quando o mesmo passou a galopar de forma descontrolada enquanto Dadá cavalgava em seu cavalo calmo, Maria a fez trocar de montaria com ela, causando ainda mais indignação da princesa do cangaço.

Entretanto, Dadá admirava Lampião e caiu nas graças do chefe ao fazer os bordados e bornais de flores para Corisco. Lampião gostou e solicitou para si, tornaram-se cumprades pulando fogueira e depois sendo padrinho de filho de Dadá. Enquanto Sila gostava da companhia da Maria do Capitão, ainda que raro os momentos de contato e conversas devido à separação dos grupos e à falta de tempo em meio às fugas e perseguições das volantes.

Durante o Cangaço, Maria Bonita teve sete gestações, contudo somente a filha Expedita Ferreira, nascida no ano de 1932, sobreviveu. As dores da gravidez, as dores do parto foram todas sentidas sem parar suas funções e andanças pelo sertão nordestino. As crianças recém-nascidas teriam que ser abandonadas na casa de algum coiteiro, pois seu choro poderia entregar a localização do bando. Sendo esse momento de ser obrigada a deixar o fruto do seu ventre a estranhos, uma das piores dores para a cangaceira, segundo relatos de Dadá e Sila.

Diante dos relatos de Sila, a companheira estava com Maria Bonita no dia fatídico que dizimou parte do grupo de cangaceiros, dentre eles o Rei e a Rainha do Cangaço, acontecimento marcado pela “traição” dos coiteiros Pedro Cândido e Durval. Os dois foram pressionados pela polícia alagoana, quando Pedro Cândido teria sido torturado por Mané Véio que “usou a ponta de seu punhal, furou o coiteiro em diversas partes do corpo, e segundo consta, usou a mesma arma para arrancar algumas de suas unhas” (NEGREIROS, 2018, p. 229).

A chacina na grotta do Ângico não deu oportunidade para um combate justo. Os cangaceiros estavam desprevenidos quando foram atacados na madrugada. Sila relata o horror do episódio pela quantidade de balas que pareciam estar batendo na tampa e uma panela. A violência do massacre foi naturalizada com a foto organizada das cabeças dos 11 cangaceiros mortos. A extração da cabeça do corpo dos cangaceiros foi realizada com eles ainda vivos, segundo Frederico Pernambucano de Mello (2018), em sua obra “*Apagando o Lampião*”, quando conseguiu entrevistar o executor, o soldado José Panta

Godoy. Este afirma que Maria Bonita ainda estava viva, pediu clemência e falou que tinha uma filha para criar. Não sendo atendida, teve sua cabeça decepada do corpo. Seu corpo ficou jogado aos urubus com “as pernas abertas e um pedaço de madeira enfiado na vagina” (NEGREIROS, 2018, p. 235), morrendo assim Maria Gomes de Oliveira e nascendo a personagem mítica chamada de Maria Bonita.

O símbolo marcado pela violência de inserir um pedaço de madeira no corpo de Maria Déa demonstra a necessidade de submeter o sexo feminino até mesmo no momento de sua morte. A história das mulheres e relatos daquelas que sobreviveram ao Cangaço ainda são colocadas em questionamento por alguns pesquisadores, qualificando como exagero de Sila e Dadá sobre o modo como entraram no Cangaço. Questionar o depoimento de vida das próprias cangaceiras faz parte da tentativa de desqualificar a “palavra” da vítima, apontar culpa em qualquer comportamento feminino e justificar as formas de violência e opressão por parte dos homens e da sociedade patriarcal. Como os jornais da época desqualificavam todas as mulheres integrantes do bando, adicionavam a elas termos pejorativos, relegando-as ao plano inferior do discurso.

Retomamos aqui o discurso, ressignificando a biografia de Maria Bonita, colocando em lugar de destaque nesse momento histórico do cangaço. Assim, a mulher nascida no dia 18 de fevereiro de 1911 no sertão do Nordeste brasileiro, especificamente em Serra Talhada, interior da linda Bahia, uma cabocla inocente, que marcou a história do nordeste, nome dela: Maria Gomes de Oliveira, também conhecida como Maria de Déa.

É que, aqui no interior do Nordeste, até os dias atuais, tem-se o costume de colocar apelido e/ou complemento do nome o primeiro nome do pai, da mãe, da avó ou do avô. É forma de identificar o sujeito, saber quem é e se o indivíduo “presta” ou não é determinado por isso, é determinado pela família, pela genética. Por exemplo, no diálogo: - Ei, visse Migué hoje? - Qual Miguel? - Migué de Seu Zé Bastião. - Ahhh... Migué Bastião passou cedo pra roça.

E se você, algum dia chegar procurando onde moro tem que ser a Liu do seu João Metode. Por isso, Maria Gomes é conhecida por Maria de Déa, o nome da mãe dela, senhora Fátima Déa, que era casada com seu Zé Felipe. Essa criança cresceu, viveu e faleceu sem imaginar que seria lembrada como Maria Bonita - rainha do Cangaço, conhecida internacionalmente, tendo até coleção de roupas de grife nos EUA em sua homenagem. Imagina só, a fama...

A garota nasceu sem saber que sofreria com o patriarcado e regras sociais do nordeste. Com apenas 15 anos já era adolescente formosa e cheia de vontades, morena clara, lábios grossos, cabelos bonitos – daqueles cabelos negros bem arrumados com laço de fita - e ainda mais tinha um atributo muito valorizado no Nordeste - as pernas grossas e desenroladas pra dançar um bom forró. Por conta desses atributos, um cabra esperto acabou tomando em casamento a morena chamativa.

Ohhh casamento danado, marcou parte da estória de Maria, o seu esposo era Zé Neném, um primo 03 anos mais velho, bem apessoado, gostava de andar arrumado como mostra a fotografia com o seu chapéu pananá, sapateiro com profissão definida e com meios se sustentar Maria Déa, sustentava e batia.

Como sempre foi forrozeiro, Zé Neném pagava de solteiro depois do trabalho nos arrasta pé, sempre espevitado, não faltava dama pra roçar os pé. Chegando em casa, ficava agitado com as reclamações da esposa e tentava lhe calar com tapas e socos.

Indignada, saía Maria Déa bater na porteira dos pais, Zé Felipe atendia a filha, mas achava um exagero, pois era normal homem casado ciscar fora do terreiro, naquele período no sertão nordestino, seria estranho se assim o sujeito não fosse.

Já dona Déa não gostava do genro não, além de achar ele um frouxo por certa vez correr de uma cobra morta que sua filha por pirraça jogou aos seus pés no chão. Quem já viu, cabra macho nordestino correr de cobra invés de ir pegar o pau?

Sendo coiteiros dos cangaceiros, dona Déa resolveu apresentar Maria Bonita a Lampião. Foram algumas semanas de chaveco e admiração da filha por um homem másculo, valente e com posses como Virgulino. A paixão pode ter cegado a razão, porque os dois não pensaram em nada mais além de ficarem um com outro em paz.

Em 1930, os companheiros de Lampião ficam todos abismados por saber que por Maria o Capitão estava apaixonado. Cabloca bonita e obstinada, seguia o seu amado e por ele brigava, assim como conseguia a fera amansar quando o persuadia a vida de uma pessoa poupar.

Maria Déa, após ingresso ao cangaço, adicionaram o nome de Maria do Capitão, para ele a “Santinha” era a sua paixão, após sua morte pela beleza foi julgada, aos jornais e ao mundo todo Maria Bonita agora era apresentada.

Desse amor vivido e sofrido nos caminhos do nordeste, apenas um fruto vingou. Expedita Ferreira foi a prova da existência desses mitos que a sabedoria popular eternizou, hoje sua neta Vera Ferreira faz questão de pesquisar e sobre o Cangaço falar para que a memória de quem marcou a história não se deixe apagar.

Nesse sentido, visando retirar a figura feminina das sombras historiográficas e não permitir que sejam apagadas as vivências dessas mulheres cangaceiras, mediante essas informações debatidas nesse capítulo e baseado nas necessidades educacionais, foi construída a História em Quadrinhos que contém nos diálogos perspectivas importantes sobre as vivências das duas mulheres biografadas. Para isso, é indispensável dialogar sobre as contribuições de uma HQ como recurso didático na educação e como foi o processo para construção do roteiro, constituição dos personagens e construção gráfica da história em quadrinhos no capítulo a seguir.

## **CAPÍTULO 04 - Produto Final - HQ - Matheus e Eloisa em:** as aventuras no sertão de Maria Bonita e Sila

A construção da História em Quadrinhos (HQ) sobre Maria Bonita e Sila foi se desenvolvendo e tornando parte de um sonho de que os discentes da Educação Básica possam compreender as histórias de vidas das mulheres cangaceiras no sertão nordestino, assim como também seja um recurso didático para que os professores promovam debates e questionamentos sobre assuntos tão importantes como violência contra a mulher e empoderamento feminino através de suas histórias de vidas que foram tão negligenciadas pela historiografia e pelos livros didáticos. Salientamos também a importância de buscar ressignificar suas histórias de vida no sentido de proporcionar a formação de uma consciência coletiva voltada ao respeito e valorização das mulheres, combatendo assim os preconceitos de uma sociedade patriarcal.

Mediante os pressupostos teóricos abordados nesse trabalho, as percepções sobre o uso de biografias no Ensino de História, análise sobre o perfil do ser mulher nordestina, as abordagens sobre o Cangaço e as análises biográficas de Sila e Maria Bonita, finalizo esse trabalho com este capítulo destinado a refletir sobre as possibilidades do uso de HQs na educação e no ensino de História, bem como os desafios na construção da referida HQ. Considerando que nenhuma ferramenta por si só é capaz de consolidar em nossos estudantes a capacidade de transformação de percepção sobre as mulheres sem o debate dos docentes, saliento que a Educação sem a orientação do educador não é transformadora.

### 4.1 O uso de HQ como recurso didático na Educação

Estamos inseridos em uma sociedade imersa no mundo digital, diversas informações sobre qualquer assunto estão a um clique de distância, embora seja perceptível o desinteresse de crianças, jovens e adultos em busca de informações corretas, geralmente aceitam qualquer notícia como verdade. E complica ainda mais quando o assunto é relacionado à construção do saber, a sua educação, pois nas aulas os estudantes perdem o foco com facilidade e, como o professor(a) pode competir com um *smartphone* repleto de ferramentas, jogos, imagens, dancinhas e demais atrativos que desenvolvem em nossos cérebros o prazer imediato?

Diante dessa situação e das mudanças constantes em nossa realidade, empurram o docente na busca por inovação nos recursos didáticos, uso de metodologias ativas de ensino, ferramentas e novas práticas pedagógicas que estejam voltadas para a aproximação da linguagem dos alunos (as) e da sua realidade. A linguagem fácil, o diálogo, o recurso das imagens, os pequenos balões, contendo somente a informação necessária, são características que fazem da História em Quadrinhos (HQ) uma ferramenta de ensino que possibilita o diálogo com esses jovens.

Diante da realidade em que se apresenta a mulher na história do Cangaço, e por compreender que a História em Quadrinhos é um gênero literário que apresenta signos linguísticos e visuais, linguagem verbal e não verbal em sua formação, foi que entendi que utilizar essa abordagem daria maior sensibilidade ao projeto. Uma narrativa desenvolvida através de uma HQ transmite a ideologia do autor sobre determinado tema abordado. Para Sílvia Neves (2012, p. 18) “a história em quadrinhos tem a peculiaridade de encantar todas as idades, é meio de comunicação de massa de grande penetração popular”, assim ao utilizá-la transforma o processo de aprendizagem em algo prazeroso.

Mas, qual seria a definição para o gênero da HQ? Seria uma forma de literatura ou de Arte? Fábio Paiva (2016), em sua tese de doutorado, defende que

As HQs são, portanto, um tipo específico de arte. Não é literatura, não é pintura nem é desenho, é sim uma junção de várias expressões artísticas, mas que forma uma que se diferencia das demais. É uma linguagem e também uma forma de comunicação, além de ser um meio de entretenimento. Faz parte de nosso cotidiano e portanto presente nas relações educacionais. (PAIVA, 2016, p. 18)

Desse modo, esse tipo específico de arte pode ter seu início desde a origem da necessidade de comunicação humana, através dos desenhos rupestres que podemos constatar como uma sequência de imagens, o que se assemelha com as expressões de uma HQ. De acordo com Rezende e Silvério (2012, p. 218) “os signos possuem o papel de auxiliar o homem a interpretar a realidade que o cerca e estão presentes em toda parte”. O uso da linguagem não verbal geralmente possui linguagem mais simples e objetiva, enquanto os desenhos, assim como as pinturas rupestres, não são somente imagens aleatórias e estéticas, mas fazem parte da comunicação com o leitor e simbolizam mensagens de grande importância, possibilitando outras interpretações e emoções que não foram transmitidas na linguagem verbal.

No Brasil, os primeiros registros de uma história que contém alguns elementos de uma história em quadrinhos são apresentados nas obras de Angelo Agostini com a obra

do Nhô Quim (1869) (PAIVA, 2016). A sua disseminação e utilização efetiva da linguagem das HQs surge no final século XIX como meio de disseminação da cultura norte americana (VERGUEIRO, 2010). Com a ascensão no século XX e período da Segunda Guerra Mundial e Guerra Fria surgem heróis americanos e modalidade de quadrinhos que conseguiu auge de vendas.

No meio acadêmico, tem como marco a década de 1970, entretanto, há algumas décadas anteriores, o uso dessa ferramenta foi desprestigiada diante da comunidade escolar. Materiais escolares, gibis, a presença de Histórias em Quadrinhos, tudo sofria proibições nas escolas, chegando a ser uma diversão proibida que rolava por baixo das bancas, escondidos nos livros, pois para alguns educadores e pais do período eram tidos como perda de tempo.

Somente com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e com a atualização dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), em 1996, que oficializaram o uso das HQs como ferramenta pedagógica interdisciplinar (PAIVA, 2016). Na atualidade, as HQs estão em orientações governamentais para incentivo de leitura dos alunos no processo de ensino-aprendizagem nas mais diversas áreas do conhecimento. Destaco, ainda, que atualmente estão presentes em Provas de Vestibulares, ENEM, Prova Brasil entre outras orientações e exames nacionais.

Salientamos que as diversas possibilidades de compreensão proporcionadas por uma HQ ajudam a transformar todo tipo de informação em linguagem acessível e dinâmica, transformando temas sérios em análises divertidas e atrativas para o leitor. Essa fácil leitura e interpretação contribui para a formação de um leitor assíduo de outras formas de texto, estimulando a prática, o gosto pela leitura e apto a consumir outras formas de cultura.

Devido a sua linguagem dinâmica, uso de imagens e abordagem simplificada de temas complexos, estimulam estudantes ao hábito da leitura, assim é ferramenta importante no processo de ensino-aprendizagem, pois

I) Os estudantes querem ler os quadrinhos; II) Palavras e imagens, juntos, ensinam de forma mais eficiente; III) Existe um alto nível de informação nos quadrinhos; IV) As possibilidades de comunicação são enriquecidas pela familiaridade com as histórias em quadrinhos; V) Os quadrinhos auxiliam no desenvolvimento do hábito de leitura; VI) Os quadrinhos enriquecem o vocabulário dos estudantes; VII) O caráter elíptico da linguagem quadrinística obriga o leitor a pensar e imaginar; VIII) Os quadrinhos têm um caráter globalizador; IX) Os quadrinhos podem ser utilizados em qualquer nível escolar e com qualquer tema.

(SILVEIRO; REZENDE, 2012, p. 226, *apud* VERGUEIRO, 2010, p. 21-25)

Sendo assim, o uso de HQs no Ensino de História possibilita, como citado acima, cerca de nove motivos para utilizá-las em sala de aula em História, podemos discutir sobre os mais variados assuntos com linguajar mais simplificado, porém, sem alterar ou acontecimentos históricos.

Contudo, faz-se necessário que o docente desconstrua os preconceitos relacionados à leitura de HQ em sala de aula. A inserção das HQs na criação de um acervo nas escolas públicas e a elaboração de leis que permitem e incentivam o uso de quadrinhos por parte do Governo Federal não têm a devida eficácia sem a formação dos professores para compreensão de como aplicá-los em sala de aula.

É imprescindível o incentivo para a aplicação de novas metodologias de ensino em sala de aula, para que a educação não fique restrita apenas em metodologias voltadas para orientação dos objetos de conhecimentos no intuito de que os estudantes consigam marcar devidamente o X na resposta correta em avaliações do sistema educacional. Os indicadores de desempenho não podem ser o objetivo principal dos docentes também, mesmo que acreditem que a avaliação é indicadora da sua competência em sala de aula, deixando assim pouco espaço para inovação. E até mesmo a inovação e as novas metodologias são consideradas “perda de tempo” por alguns profissionais da área que desconhecem a eficácia dessa metodologia.

Diante dessa realidade,

É preciso analisar o papel da escola e como se desenvolve suas ações atualmente. Apesar de grandes avanços no campo educacional, nem todas as inovações alcançam as instituições escolares. Novas linguagens e diversas possibilidades de atuação diferenciada acabam presentes apenas nos tratados e leis educacionais. Em alguma medida, pelo que se espera das escolas e do conhecimento produzido e reproduzido por elas. (PAIVA, 2016, p. 60)

É indispensável o papel da escola e da formação continuada dos professores para utilização de novas ferramentas educacionais que possibilitem a real aprendizagem e formação de consciência crítica sobre determinado tema. Sendo assim, ratificamos que as HQs são instrumentos educativos indispensáveis para o processo de ensino-aprendizagem especialmente na disciplina de História, destacando ainda o uso de linguagem não literária, por despertar a imaginação do estudante, assim como podem ser utilizadas de

forma interdisciplinar com as disciplinas de Arte, Geografia, Língua Portuguesa, através da realização de oficinas e outros debates.

À luz de Waldomiro Vergueiro (2006), o historiador pode utilizar as histórias em quadrinhos de dois modos, sendo o primeiro: o quadrinho como meio de divulgar um determinado fato histórico, e o segundo: com o uso de uma produção de HQ de ficção histórica, essa construída sob um acontecimento histórico verdadeiro, e a partir dele criar uma história fictícia. Nesse trabalho, utilizei o segundo modo de uso dos quadrinhos, pois foi desenvolvida uma história fictícia sobre Maria Bonita e Sila, de acordo com o fato histórico do movimento do Cangaço, no próximo ponto, abordamos a construção da referida HQ.

#### 4.2 Construção da HQ - História em Quadrinhos

Quanto mais buscava informações ao longo das pesquisas, da revisão de literatura, leitura de obras, análise de depoimentos dos sobreviventes do Cangaço, mais complexo tornava-se a construção de uma História em Quadrinhos que fosse leve e informativa sobre a participação das mulheres no movimento. A violência por parte de alguns membros do cangaço e de alguns soldados das volantes traz uma questão de gênero coloca as mulheres ainda mais cruéis, muitas vezes fiquei paralisada ao tentar ambientar esse contexto de forma adequada para os alunos da Educação Básica.

Finalmente, após mergulhar nas pesquisas, questionar se realmente conseguiria elaborar um roteiro de HQ sem nunca ter realizado tamanha façanha, comecei a escrever com orientação do professor Dr. Paulo Heimar. Além disso, vi inúmeros tutoriais sobre como escrever uma história em quadrinhos, vídeos no YouTube e orientações do desenhista escolhido.

Sempre fui apaixonada por HQs e pela interpretação de imagens. A leitura rápida e simples desse tipo de texto instigou-me a imaginação e estimulou meu gosto pela leitura. A possibilidade de escrever esse roteiro e fazer parte do imaginário dos estudantes, contribuindo para a formação de leitores, foram também o impulso motivador para perder o medo e a insegurança, finalmente iniciando a construção do roteiro.

Para conseguir iniciar o trabalho e dar vida aos personagens, não pensei em outro artista, na verdade, sabia desde o momento que decidi pelo produto ser uma HQ, pois conheci os trabalhos do quadrinista Luiz Alberto dos Santos Júnior, diante das obras elaborados no site Serigy Comics com a confecção de HQs sobre heróis sergipanos. Além

disso, também me deparei com ele pelos corredores da Universidade Federal de Sergipe, onde estava concluindo seu curso de Designer Gráfico. Júnior, além de ambientar com suas obras de arte os textos que fiz como roteiro, adicionou elementos importantes para o desenvolvimento das cenas, como a lua, sinalizando a passagem do dia para a noite, os detalhes como a cena de organização do material da professora antes de iniciar a aula, entre outros aspectos.

As reflexões abordadas ao longo desse trabalho, como a utilização de biografias no Ensino de História, a inserção das mulheres no cangaço, as análises sobre a vida de Sila e Maria Bonita e demais reflexões propostas, foram subsídio para a construção desse material didático para contribuir com as aulas de História, de Geografia ou de Artes, no intuito de analisar cada um sob a sua ótica de ensino.

O ambiente da HQ foi pensado em dois momentos históricos, o primeiro sendo na escola e no tempo presente em pleno século XXI. Como modelo para ambientar a escola, selecionei a que ministro aulas desde 2016, a Escola Municipal de Educação Básica Prefeito Benício Ferreira Reis, descrita no início do terceiro capítulo; em um segundo momento, os estudantes transportam-se para o sertão nordestino, especificamente no local da emboscada que dizimou Lampião e Maria Bonita no século XX.

Sendo assim, a história inicia-se na escola para que estudantes leitores possam se reconhecer ao ler a HQ. Os dois personagens principais, Eloisa e Matheus, que irão contracenar com as duas cangaceiras Sila e Maria Bonita têm perfis antagônicos. A aluna Eloisa é escolhida por suas características físicas. Por ser loira, busca quebrar o estereótipo da mulher “loira burra”, “fútil” e sem empatia que geralmente é associado a sua imagem, pois a mesma demonstra interesse nas aulas de História e na construção de um discurso que faça das mulheres personagens independentes e fortes. Enquanto Matheus possui a característica do aluno mais engraçadinho em sala de aula, aquele que devido ao seu convívio tende a ter pensamentos e frases machistas, contudo mostra-se inteligente e capaz de desconstruir os próprios “pré-conceitos” ao longo do desenvolvimento da HQ.

Escolhi como outra protagonista indispensável a professora Maria, outra personagem de destaque na HQ, uma mulher negra e consciente do papel da mulher na sociedade e do seu lugar de fala. Como professora, apresenta a temática do Cangaço com diálogos e debates pertinentes, utilizando de diversas metodologias de ensino em uma única aula, como explicação oral, utilização de imagens, incitação ao debate e solicitação de análise biográfica, aguçando a curiosidade dos discentes.

Mediante a análise dos primeiros escritos, o professor Dr. Paulo Heimar questionou sobre a problemática de como os estudantes poderiam voltar ao passado, especificamente ao século XIX e encontrar-se com as cangaceiras. Assim, surge a ideia de que o ponto inicial para os transportar para viver essa aventura no sertão passa a ser o inconsciente através de um sonho, sendo fruto do calmante e relaxante suco de maracujá que os dois amigos saborearam juntos após o final da aula da professora Maria.

Para ambientar a parte estética e a construção da imagem do bando, as vestimentas, utensílios como bornais e demais acessórios foram incorporados a partir dos depoimentos de Sila, análise de obras atuais dos autores Negreiros (2018) e Mello (2018) e observações dos famosos registros fotográficos de Benjamim Abrahão (1936). Do mês de março a julho de 2022, foram utilizadas justamente as pesquisas sobre as obras que pudessem ser utilizadas como subsídio para a construção da narrativa. Sempre estive preocupada com relação às discordâncias entre os autores sobre a data de nascimento de Sila, Maria Bonita e sobre a idade real em que Sila teria sido raptada por Zé Sereno, por exemplo, pois enquanto uns afirmam ter ocorrido com 11 anos, a mesma, quando entrevistada, afirma que foi com 13 anos e não faz a correção. Assim, a preocupação de colocar alguma informação incoerente na produção da HQ, analisar e produzir o roteiro ocupou muito tempo e teve que passar por diversos ajustes ao longo do período.

Um dos ajustes mais importantes estava voltado para a utilização da linguagem correta, buscando transpor gírias do período, a forma de falar dos nordestinos. Dialectos e vícios de linguagens foram construídos em especial na análise de falas de Adília e Sila, ambas possuíam ainda traços de linguagem típica nordestina. O uso de palavras como “cumadre”, por exemplo, são parte da identificação do período. Assim como foi preciso adicionar gírias atuais nas falas dos alunos, essas observações quanto à linguagem foram repensadas a partir das sugestões sagaz do meu orientador. Ainda sobre a abordagem textual, pesquisei em outras HQs voltadas para o público infanto-juvenil como traduzir assuntos complexos em linguagem simples e de fácil entendimento e ambientar o leitor.

Diante das análises, o quadrinista informou que mediante o tempo curto de trabalho, pois o mesmo estava realizando o seu trabalho de pesquisa de conclusão de curso, e o meu prazo se expirando para a apresentação da dissertação, tivemos que reduzir a HQ para vinte páginas, sem sacrificar as análises sobre o Cangaço e os diálogos entre Sila e Maria Bonita e os estudantes, construídos a partir das pesquisas desse trabalho. Superando todas as problemáticas impostas, o resultado da produção da HQ conseguiu ultrapassar todas as minhas expectativas, o sentimento de orgulho em saber que

juntamente com o meu orientador e com a arte produzida pelo quadrinista, conseguimos realizar esse trabalho. Este produto poderá ser lido por alunos e utilizado por diversos professores em sala de aula de todo o país. Segue abaixo a apresentação da HQ e no anexo I a produção completa.

#### 4.2.1 Apresentação da História em Quadrinhos - HQ

Quando ouvimos ou lemos o nome Cangaço, imediatamente nos remete à memória em detalhes dos cangaceiros, homens vestidos de gibão de couro, montados em seus cavalos, chapéu de couro na cabeça, lenço no pescoço e bornais coloridos. Nesse momento, certamente você visualizou essa imagem! Essa memória nos é presente diante da valorização da estética do cangaço que foi amplamente divulgada pela mídia e abordada tantas vezes na cultura popular brasileira, seja em apresentações teatrais, cordéis, em espetáculos de quadrilhas juninas, sim, são grandiosos espetáculos e quando temos a encenação de Lampião e Maria Bonita torna-se, para muitos, ainda mais prazeroso de prestigiar.

Você, caro leitor, concorda com esta autora que essas representações mentais começam justamente com a imagem de um bando composto por homens e somente depois recordamos de uma mulher, Maria Bonita, assim chamada apenas após sua morte, em vida conhecida como Maria Déa ou Maria do Capitão. Muitos debates sobre o movimento continuam analisando o seu caráter revolucionário, sobre a estética e forma de organização do bando, divergências quanto serem “heróis” ou “vilões”, entretanto constatamos, ainda, limitadas produções relacionadas à participação feminina no cangaço.

Oras, por que não lembramos das mulheres? Diante da sociedade patriarcal do qual é constituída a sociedade, as mulheres devem ser esquecidas ou colocadas à sombra de grandes homens, Perrot (1989) afirma que, no teatro da memória, as mulheres são sombras tênues. Sempre admirei as histórias do Cangaço desde criança, mas ficava intrigada por ouvir apenas relatos dos homens e motivada pelos questionamentos: onde estavam as mulheres, o que faziam, quais os motivos de uma mulher seguir o caminho tortuoso da Caatinga e quais as dificuldades do modo de vida ao torna-se uma cangaceira?

Diante de entrevistas e estudos sobre a vida das cangaceiras que sobreviveram aos dias, as noites e as madrugadas no Cangaço, entrevistas de mulheres como Sila, Enedina

e Dadá, observei em seus relatos as dificuldades da vida cotidiana na Caatinga, o quão insuportável era resistir ao sol, calor, sede, fome e ainda fugir da polícia, ou macacos como apelidaram os cangaceiros, viver no mato, ter seus filhos em meio ao pânico de ser caçada e suportar a dor de não cuidar deles, quão forte eram essas mulheres!

Diante da falta de diálogo sobre o papel das mulheres no Cangaço e os séculos de silenciamento da história das mulheres, é urgente abordar sobre a luta das mulheres em sala de aula. Tanto que diante da Base Nacional Comum Curricular – BNCC, o documento traz como objeto de conhecimento – Protagonismo Feminino - como assunto a ser abordado em sala de aula, especificamente no 9º ano do Ensino Fundamental, o que demonstra um avanço nos documentos norteadores da educação, contudo essa temática deve-se permear toda a educação básica. É inegável que os usos das biografias no Ensino de História precisam estar relacionados com o meio social e cultural dos alunos, visando problematizar as vivências de sua região. Por esse motivo selecionei as biografias sobre Sila e Maria Bonita devido ao movimento do Cangaço estar inserido no meio cultural e social do Nordeste e a urgência de falar sobre mulheres na historiografia.

Os desafios agora giram em torno dos questionamentos: como proporcionar ao público discente a temática sobre a história das mulheres de modo instigador, atrativo e didático? E de qual modo pode-se utilizar a história de vida de mulheres cangaceiras para compreender o papel das cangaceiras no bando de Lampião? Para solucionar esses desafios que surge essa História em Quadrinhos (HQ): *Matheus e Eloisa em: as aventuras no sertão de Maria Bonita e Sila*. Ao optarmos pelo recurso da História em Quadrinhos como ferramenta de ensino, colocamos em pauta os recursos visuais e imaginários para o estudante que tem acesso a outras dimensões além do escrito. A imagem produz e ressignifica o passado ainda que atrelado a circunstâncias históricas concretas, relacionando o fato do acontecimento real com o imaginário social do cangaço. Destaca-se que o uso de linguagem não verbal transmitida nas histórias em quadrinhos faz parte da comunicação com o leitor e simbolizam mensagens de grande importância, possibilitando outras interpretações e emoções que não foram transmitidas na linguagem verbal.

Além de sanar essa lacuna sobre o debate das mulheres cangaceiras em sala de aula, esse trabalho tem o propósito de questionar o papel das mulheres na sociedade de ontem (século XX) e hoje (século XXI), e utilizá-las como meio de estimular o respeito, o empoderamento feminino e a consciência cidadã sobre a luta das mulheres por direitos e respeito diante de uma sociedade machista.

Dentre mais de trinta mulheres participantes do cangaço, selecionamos para a construção da biografia e da HQ, Ilda Ribeiro de Souza (1915-2005) – a Sila e Maria Gomes de Oliveira (1910-1938), ou Maria Dea – a rainha do Cangaço. Isso porque há divergência de fatores que as levaram a ingressar no bando, assim como o modo que suas histórias se encontram no cangaço e na última noite de vida de Maria Bonita e parte do bando, pois as duas estavam juntas na última aventura do grupo, quando foram emboscados e executados Lampião, sua companheira e outros nove (09) cangaceiros, no dia fatídico de 28.07.1938 na grota do Angico.

Quanto ao motivo de ingressarem no Cangaço, Sila foi raptada da casa dos seus pais em Poço Redondo, município de Sergipe, aos 14 anos de idade e foi abusada sexualmente pelo que veio a ser o parceiro dela durante toda a vida, o cangaceiro Zé Sereno, diferentemente de Maria Dea (Maria Bonita), nascida em Serra Talhada, município de Paulo Afonso na Bahia, que saiu de um casamento desastroso com o sapateiro Zé Neném, do qual Maria tinha que suportar as traições e surras constantes, para encontrar Lampião, o grande amor de sua vida, que o fez dedicar todos os seus momentos e compartilhou com ele o momento de sua morte, assassinados no mesmo dia e local. Logo, não retiramos de Maria Bonita o seu caráter transgressor do sistema vigente, pois a mulher do século XX não poderia se separar e muito menos deixar o esposo por outro homem e seguir suas próprias vontades.

*Matheus e Eloisa em: as aventuras no sertão de Maria Bonita e Sila* é ambientada no sertão nordestino, especificamente na divisa dos estados de Alagoas e Sergipe, nas proximidades da grota do Angico, município de Poço Redondo-SE. Em meio à caatinga, no sol escaldante, na vegetação seca e na fauna marcante, encontram-se perdidos dois estudantes – Matheus e Eloisa –, após acordarem de um sonho no local, isso possibilita o debate entre eles e as das duas cangaceiras que os encontraram e ameaçam a vida dos adolescentes por acreditarem que são espiões vigiando o bando de Lampião. O dia que esses dois mundos se encontram é justamente véspera do massacre de Angico, 27 de Julho de 1938, e que os protagonistas não imaginam que irão participar da última grande aventura de suas vidas, do qual apenas Sila sai com vida para contar a sua história e Maria Bonita ficou eternizada nas memórias do Brasil após sua morte como símbolo de resistência feminina.

Caro leitor, desejo uma boa viagem ao universo do Cangaço.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar sobre a história das mulheres é buscar compreender a própria história, como as lutas de milhares de antepassadas fazem parte do nosso dia a dia e o quanto ainda precisamos seguir lutando para conseguir visibilidade e direitos em uma sociedade patriarcal. A produção desse trabalho esteve voltada a construir em sala de aula o debate que possibilite que todos os adolescentes (homens e mulheres) compreendam os “porquês” de determinados comportamentos, frases, e situações em que as mulheres estão geralmente expostas (a violência física e psicológica, o medo, os baixos salários comparados ao sexo masculino, os julgamentos e estereótipos de comportamentos considerados vulgares ou não dignos de mulher), uma vez que tenho plena consciência de que a maioria dos estudantes já estiveram em alguma situação que foram vítimas ou presenciaram alguma forma de discriminação do gênero feminino.

Como analisado no capítulo um, a região onde leciono, Limoeiro de Anadia-AL, no interior de Alagoas, apresenta características de uma sociedade baseada no campo, assim as mulheres devem seguir comportamentos esperados pelo meio social. O papel principal para uma mulher é a constituição de uma família para a manutenção do modo de vida social e produtiva do campo. Nesse meio social, classificam as mulheres do campo em três categorias: moças de família, as levianas e a mulher macho, sendo a primeira as ideais para constituição do matrimônio, as levianas que se desviaram do caminho e permitiram a intimidade física com homens antes do casamento, tornando-se descartáveis por não seguirem as regras estabelecidas, e a “mulher macho”, geralmente são as que buscam independência financeira e emocional sem submeter-se ao casamento e à dependência do gênero masculino.

Nesse sentido, enquanto mulher e nordestina, ao refletir sobre como minha história de vida é julgada diante da própria comunidade e cidade de interior, por optar estudar, batalhar por uma independência financeira, tendo que sair todos os dias deslocando-me por trinta quilômetros diariamente de moto para ministrar aulas, acabo sendo julgada como “mulher macho, sapatão, moça veia” e demais adjetivos que não consigo escrever. Assim, que a minha luta diária tenha a possibilidade de inspirar mais mulheres a saírem do casulo e buscar novas experiências de vida, mesmo diante dos julgamentos e da solidão que insistem em nos abater, sigamos nos construindo como mulheres fortes. Acredito que todas as alunas possam refletir sobre suas próprias histórias

de vida e que as definições da sociedade não representam o seu real valor e não determinam sua vida.

Na perspectiva docente, que este trabalho possibilite reflexões sobre essas questões apresentadas acima e culmine em uma consciência antimachista nos estudantes do sexo masculino e também de muitas mulheres que, por não se darem conta, vão reproduzindo discursos que afetam a si mesmas. Sendo assim, como objetivo geral deste trabalho, tem-se a produção de uma ferramenta didática, com utilização de biografias de duas mulheres cangaceiras – Sila e Maria Bonita –, para a construção de uma História em Quadrinhos (HQ), com vistas a sua utilização como metodologia de ensino para os professores e professoras de História da Educação Básica, com foco nos anos finais do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, em busca de fomentar o debate sobre as percepções das mulheres na participação do movimento Cangaço e na sociedade atual. Assim, será possível ressignificar a história das mulheres em sala de aula e usar as mulheres cangaceiras como exemplo de histórias de vidas, de protagonistas da sua própria história, aproximando os estudantes dos sujeitos históricos e analisando a singularidade da participação dessas mulheres no Cangaço, de modo a contribuir para transpor as barreiras do patriarcado.

Elaborado com intuito de ser de uma leitura leve, com a construção de personagens próximos à realidade dos estudantes, pois a história foi ambientada inicialmente em uma escola pública e com a participação de dois alunos fictícios de Ensino Fundamental, anos finais, – Matheus e Eloisa, além de construída em uma linguagem atual, com leitura de imagens e símbolos, esse trabalho busca incentivar a leitura, a imaginação dos estudantes e o debate em sala de aula sobre as mulheres para proporcionar uma cultura antimachista em sala de aula.

Construído através da análise dos objetivos específicos debatidos em casa capítulo, este trabalho, em seu capítulo um, volta-se para a compreensão da forma como a História das Mulheres foi silenciada ao longo dos séculos e como o Ensino de História no Brasil construiu-se de acordo com a perspectiva de objetivo dos governos brasileiros. A exemplo, aponto a utilização do ensino de História na Ditadura, quando possuía um viés totalmente diferente de quando iniciou o processo de Redemocratização, e também as mudanças ocorridas a partir da promulgação da Constituição Cidadã de 1988 e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), marcos legais em que a educação tomou como foco a construção de cidadãos críticos, constituindo avanços significativos no Ensino de História.

Contudo, a inserção do diálogo sobre a história das mulheres não estava prevista nessa legislação, somente com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em 2017, encontra citada, apesar de ser em apenas dois momentos. Neste documento, é possível encontrar alusão à participação das mulheres na construção da sociedade e sua participação em movimentos populares, sendo um desafio para os docentes em ministrar aulas sobre a participação feminina se os documentos norteadores apresentam somente duas habilidades sobre o tema e não encontram instrumentos didáticos para subsídio das aulas.

Como subsídios para a inserção do diálogo sobre as mulheres, analisamos também nesse capítulo a importância do uso de biografias em sala de aula para uma nova construção historiográfica que insiram sujeitos comuns e não apenas “grandes homens e heróis”, assim como realizamos os debates sobre a construção do ser mulher e nordestina ao longo dos séculos, e as observações traçadas pelo senso comum e estimulados pela mídia através de filmes como, por exemplo, o Alto da Compadecida (2000), dentre outros.

No segundo capítulo, tratei da inserção (voluntárias ou involuntárias) das mulheres no movimento cangaço, assim como abordei a conceitualização sobre o movimento Cangaço que é motivo de debates inflamados entre os acadêmicos, quanto a sua definição, a sua emergência e as formas de violência tanto dos cangaceiros quanto das volantes. Sobre as definições de Cangaço e inserção das mulheres no movimento, as aulas elaboradas no período das aulas remotas, nos anos letivos de 2020 e 2021 – devido à pandemia da covid-19, não foram tão efetivas na aprendizagem. Mesmo podendo utilizar as novas tecnologias educacionais, a maioria dos estudantes da Escola Municipal Benício Ferreira Reis, que residem na Zona Rural, não conseguiram ter acesso às aulas, dificultando na aplicação das análises realizadas sobre o Cangaço nesse capítulo. Em sala de aula efetivamente, somente no ano letivo de 2022 consegui aplicar um plano de aula utilizando as biografias, as definições de cangaço e aula de campo em Piranhas – AL, no qual os estudantes ficaram fascinados ao conhecer uma cidade histórica que foi palco de um momento tão marcante da história do Brasil, o extermínio de parte do bando de Lampião e do Cangaço.

Seguindo os objetivos propostos, o terceiro capítulo foi imprescindível para a construção da HQ e para o conhecimento da história de vida de Sila e Maria Bonita. Escrever sobre a biografia dessas duas mulheres despertou a admiração por cada uma das mulheres que conseguiram viver sob as condições tão hostis em meio à caatinga, à fome, à perseguição policial e ainda ter amor, filhos e coragem para continuar vivendo. A força

da mulher cangaceira é admirável e incontestável a importância de cada uma delas em um movimento dominado pelo gênero masculino. Como comprovado pelas pesquisas, o feminino modificou significativamente os costumes e humanizou o cangaço.

Foi desafiante retratar Sila e Maria Bonita no cangaço em forma de História em Quadrinhos como foi apresentado no quarto capítulo sobre as reflexões do uso de HQ na educação e sobre a construção do roteiro. Este período de diálogo sobre o roteiro foi o mais desafiador diante da proposta de incluir em uma linguagem simples uma temática tão ampla quanto a história das mulheres, o cangaço e a história de vida das duas cangaceiras de modo que despertasse questionamentos sobre a atualidade. Acreditamos que foi possível o diálogo e a construção de importantes questionamentos ao longo da leitura da HQ para os discentes, de modo a contribuir para o debate em sala.

Desse modo, essa ferramenta utilizada no ensino de História, ao abordar o tema cangaço, o qual faz parte da cultura nordestina, principalmente nos estados em que movimento se fez mais presente, como Sergipe, Alagoas, Bahia, não se faz somente sob uma análise conteudista do tema, mas através de uma reflexão histórica mediante a perspectiva da história das mulheres. Para que os alunos (as) tenham compreensão sobre a realidade do outro, construindo uma importante reflexão sobre os preconceitos atuais, possibilita transformar a sala de aula em um espaço para debates e formação de valores humanos.

Enfim, esperamos que as páginas dessa HQ contribuam de maneira significativa para a aprendizagem histórica dos estudantes, para a construção de debates sobre o papel das mulheres e para a compreensão sobre a colaboração das mulheres na sociedade e no cangaço.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ana Karina Silva; DUTRA, Elza Maria do Socorro. **Era uma vez uma história sem história**: pensando o ser mulher no Nordeste. Pesquisas e Práticas Psicossociais. São João del-Rei. Abril-Junho de 2019.

BARROS, Luitgarde Oliveira. Cavalcanti. **A derradeira gesta**: Lampião e Nazarenos guerreando no Sertão. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2000, p. 210.

BARROSO, Gustavo (João do Norte). **Terra de Sol**: Natureza e Costumes do Norte. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 3ª ed., 1930.

BOULOS, Alfredo. **História, Sociedade e Cidadania**. 9º ano: Ensino Fundamental: anos finais. – 4ª Ed. São Paulo, FTD, 2018.

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional**. Brasília, Senado Federal, 1996.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

CÂMARA, Yls Rabelo; CÂMARA, Yzy Maria Rabelo; SOUTULLO, Melina Raja. **Maria Bonita e Dadá revisitadas**: a análise de sua importância para o Cangaço e seu registro na Literatura Brasileira como um testemunho de sua prática cultural. Raído, Dourados – MS. N. 20, jul./dez. 2015.

CLAUDINO, Nadja Claudinale da Costa. **As escritas de uma vida**: discursos sobre a cangaceira Maria Bonita (1930-1938). Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Dissertação. João Pessoa, 2017. 153f.

COSTA, Ana Paula Rodrigues. Geografia do Cangaço: concepções para pensar o banditismo sertanejo. Universidade de São Paulo. **Revista USP**. v. 41, ISSN 2236-2878. São Paulo, 2021.

COTRIM, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. **Historiar**. 9º ano: Ensino Fundamental: anos finais. 3ª ed. São Paulo, Saraiva, 2018.

CRESPO, Fernanda Nascimento. **O Brasil de Laudelina**: uso de biografias no ensino de história. 165 folhas. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional PROFHISTORIA) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores. São Gonçalo, 2016.

CRUZ, Amanda Lavenère de Omena Santa. **A representação da mulher nordestina no cinema brasileiro**: uma análise a partir de Era Uma Vez Eu, Verônica. Universidade de Brasília. Brasília – DF, 2016.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Três, 1984. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000091.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2022.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1963.

FREITAS, Ana Paula Saraiva de. **A presença feminina no cangaço: práticas e representações (1930-1940)**. 2005. 242 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/93408>. Acesso em 15 dez. 2022.

GALVÃO, Jerônimo Adelino Pereira Cisneiros. **Biografia na sala de aula: a construção de saberes históricos a partir do trabalho com histórias de vida**. 138 f. Dissertação. Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História, Recife, 2019.

GONÇALVES, Giselia dos Santos de Melo. **A condição feminina e o uso de histórias de vida na formação da consciência histórica**. 106 folhas. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – Mestrado Profissional. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Campo Mourão, Campo Mourão, 2020.

GRUNSPAN-JASMIN, Elise. **Lampião, senhor do sertão: vidas e mortes de um cangaceiro**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

HOBBSAWM, Eric John Ernest. **Bandidos**. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 1975.

HOBBSAWM, Eric John Ernest. **Rebeldes Primitivos**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MACHADO, Maria Christina Matta. **As táticas de guerra dos cangaceiros**. 2ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1978.

MELLO, Frederico Pernambucano de. **Apagando o Lampião: vida e morte do Rei do Cangaço**. 1º ed. – São Paulo: Global, 2018, 400p.

MORAIS, Lorena Lima de; NASCIMENTO, Nathália Marques da Silva. Mulheres rurais nordestinas e desviantes: um estudo sobre a quebra das expectativas de gênero no meio rural. Amazônica – **Revista de Antropologia**. v. 12, 725-747. 2020.

MOREIRA, Viviane da Silva. **Ensinar mulheres na história: abordagens biográficas**. Dissertação. 103 folhas. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História – Mestrado Profissional. Florianópolis, 2018.

NEGREIROS, Adriana. **Maria Bonita: sexo, violência e mulheres no Cangaço**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2018, 296p.

NEVES, Sílvia da Conceição. **A História em Quadrinhos como recurso didático em sala de aula**. Universidade Aberta do Brasil, 2012.

PAIVA, Fábio da Silva. **Histórias em quadrinhos na Educação: memórias, resultados e dados**. Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Tese de Doutorado, 2016, 95f.

Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/18047>. Acesso em: 15 dez. 2022.

PERICÁS, Luiz Bernardo. **Cangaço e Banditismo Social**: breves considerações. Revista do Centro de Estudos Rurais – UNICAMP. RURIS. V. 09, n. 2, set., 2015.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, São Paulo: Editora EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. **Revista Brasileira de História**. São Paulo. v.9 n° 18, p. 09-18, Ago/set ,1989.

PRIORE, Mary Del. **Histórias do cotidiano**. Editora Contexto. São Paulo, 2001. 73p.

QUEIROZ, Maria Isaura P. de. **Os cangaceiros**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977.

QUEIROZ, Maria Isaura P. de. **História do Cangaço**. São Paulo: Global, 1986.

SILVA, Maysa Santos. **Mulheres no cinema de Alagoas**: mostra sururu de cinema alagoano (2009-2018). Dissertação. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2020.

SILVÉRIO, Luciana Begatini Ramos; REZENDE, Lucinea Aparecida de. O Valor Pedagógico das histórias em quadrinhos no percurso do docente de Língua Portuguesa. **I Jornada de Didática – O ensino como foco I Fórum de professores de didática do Estado do Paraná**, 2012.

SOUZA, Ilda Ribeiro de. **Sila Memórias de Guerra e Paz**. Recife: Imprensa Universitária de Pernambuco, 1995.

SOUZA, Ilda Ribeiro de. **Sila uma Cangaceira de Lampião**. São Paulo: Editora Traço, 1984.

TEDESCHI, Losandro Antonio. Gênero e Historiografia: os fios da memória feminina nos labirintos da História. **Caderno Espaço Feminino**. Uberlândia – MG. V.28, n.2, Jul./dez., 2015.

VEIGA, Ana Maria. Memórias do Feminismo: repressão e invisibilidade (Brasil e Argentina pós-1968). **Revista História Oral**. V.10, n.1, p.93-112, jan-jun., 2007.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária. In: RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro. (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

WOLFF, Cristina Scheibe. Resistência. *In*: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (org.). **Dicionário Crítico de gênero**. Dourados: Editora UFDG. 2<sup>a</sup> ed., 2019.

**FONTES**

GLOBO REPÓTER. **Documentário – As mulheres no Cangaço**. Rio de Janeiro. TV Globo: 1976. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Jw47shwhJV8&t=1505s&ab\\_channel=NASPEGA-DASDAHIST%C3%93RIA](https://www.youtube.com/watch?v=Jw47shwhJV8&t=1505s&ab_channel=NASPEGA-DASDAHIST%C3%93RIA). Acesso em: 10 jan. 2023.

LISBELA E O PRISIONEIRO. Direção: Guel Arraes. Produção de Paula Lavigne Guel Arraes. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2003.

MARQUES, Rejane; MENDES, Eldo. **Documentário – As mulheres no Cangaço**. Rede SESC/SENAC de televisão. São Paulo, 2000. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_g91L5q9ggI&t=20s&ab\\_channel=Dimasoliveirajunior](https://www.youtube.com/watch?v=_g91L5q9ggI&t=20s&ab_channel=Dimasoliveirajunior). Acesso em: 15 jan. 2023.

NOGUEIRA, Aderbal. **Documentário: Cangaço – Angico eu sobrevivi – Parte 1**. Entrevistadas Sergipe: 1999. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=-rtGQIBsE0Y&t=1547s>. Acesso em: 10 jan. 2023.

O ALTO DA COMPADECIDA. Direção: Guel Arraes. Produção de Guel Arraes. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2000.

SOUZA, Ilda Ribeiro. **Entrevista a Cangaceira Sila. Concedida ao jornalista Jô Soares**. São Paulo: SBT. 1975. Entrevista concedida ao Programa do Jô Soares – Horário: 23:30 – SBT. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OmHMyWDaPpo>. Acesso em: 10 jan. 2023.

## APÊNDICE I - Roteiro da HQ

### Características físicas dos personagens principais:

\***Maria Bonita** – Pele morena, cabelo castanho escuro, olhos castanhos penetrantes, rosto redondo, vestido acima do joelho.

\***Sila** – Pele morena clara, queimada de sol, olhar meigo, cerca de 1,55m, olhos castanhos, cabelo castanho.

\***Matheus** – Moreno, alto, olhos castanhos escuros, cabelo liso, olhar curioso, calça jeans, camiseta branca, havaiana nos pés. Personalidade brincalhona e faz muita piada.

\***Eloisa** – 12 anos, loira, cabelos ondulados, olhos verdes, calça jeans, sandália chamada xó-boy, personalidade atrevida e faladora.

\***Prof.<sup>a</sup> Maria** – Morena, cabelo black-power com mechas lisas, cabelo castanho escuro, calça jeans preta, blusa rosa, óculos redondos, olhos castanho-claros. Personalidade questionadora e gosta de debater.

## PÁGINA 1

**#1- Quadro grande** - Visão da escola pública – Escola Municipal Prefeito Benício Ferreira Reis – localizada no Distrito Pé Leve, Limoeiro de Anadia, Estado de Alagoas do lado de fora com Eloisa e Matheus indo até o portão.

**Texto off:** Manhã de segunda-feira, às 07:00h

**#2- Quadro grande** - Visão do busto de Eloisa e Matheus sentados no pátio olhando um para o outro enquanto conversam.

**Eloisa:** Hoje temos aula de História, espero que tenha algo interessante.

**Matheus:** Hahahaha! Só se for interessante pra dormir.

**#3- Quadro médio** - Portões do colégio se abrindo.

**#4- Quadro médio** - A Prof.<sup>a</sup> Maria entrando na escola sorridente com livros nos braços.

## PÁGINA 2

**#1- Quadro médio** – Visão lateral, Eloisa acena avistando a professora.

**Eloisa:** Olha, a Prof.<sup>a</sup> Maria chegou.

**#2- Quadro médio-** Visão de costas da Prof.<sup>a</sup> Maria acenando ao avistar Eloisa.

**#3- Quadro grande** - Visão do busto de Eloisa e Prof.<sup>a</sup> Maria.

**Eloisa:** Bom dia, Professora. Estou ansiosa para a aula, qual o tema de hoje?

**Prof.<sup>a</sup> Maria:** Bom dia, Elô. Continuando o assunto sobre Revoltas na Primeira República, lembra da Guerra de Canudos? Agora é sobre outra revolta no Nordeste: sobre o Cangaço. Vamos comigo para a sala, ajude-me com esses livros.

**#4- Quadro médio** - Visão de perfil da Prof.<sup>a</sup> Maria, Eloisa e Matheus seguindo até a sala de aula do 9º ano do Ensino Fundamental (carregando alguns livros na mão).

**Eloisa:** Lembro, professora. E por falar em Cangaço, só lembro das apresentações com Lampião e Maria Bonita.

**#5- Quadro pequeno** - Visão da mão da Prof.<sup>a</sup> Maria abrindo a porta da sala.

### PÁGINA 3

**#1- Quadro pequeno** - Visão de costas, Prof.<sup>a</sup> Maria colocando os livros sob a mesa.

**#2- Quadro pequeno** - Visão da mão da Prof.<sup>a</sup> Maria ligando o data show.

**#3- Quadro médio** - Close no quadro com slide escrito “Cangaço”

**#4- Quadro médio** - Vemos a Prof.<sup>a</sup> Maria de frente para o leitor falando os alunos que aparecem de costas para o leitor.

**Professora Maria:** Bom dia, galerinha. Tudo bem?

**Alunos da turma:** Bom dia.

**#5- Quadro grande sem borda** - Visão de busto da Prof.<sup>a</sup> Maria com o slide ao fundo no quadro, ela questiona os alunos sobre os cangaceiros.

**Prof.<sup>a</sup> Maria:** Na aula de hoje, vamos conhecer um pouco da História do Cangaço, contemplando assim parte das revoltas na Primeira República; já debatemos na aula anterior sobre as revoltas da Guerra de Canudos e Contestado, ambas que ocorreram no meio rural. O Cangaço também surge na zona rural, mas especificamente no sertão nordestino, nos estados de AL, SE, PE, BA, CE. Diante do que vocês conhecem, o movimento dos cangaceiros era formado por bandidos, heróis ou consequência da desigualdade no Nordeste? Existiam mulheres no Cangaço e na opinião de vocês qual era a função delas no bando?

**#6- Quadro médio** - Matheus levanta a mão para responder.

**#7- Quadro médio** - Visão do busto de Matheus que responde à professora.

**Matheus:** Foram cabras machos, professora. Que fizeram o que queriam, e as mulheres serviam para fazer café para os homens.

## PÁGINA 4

**#1- Quadro grande** - Visão de frente mostrando os 3 alunos, Eloisa fala com cara de brava para Matheus que está sentado na carteira ao seu lado e Patrícia também fala.

**Eloisa:** Mulher só serve pra fazer café, Matheus?

**Aluna Patrícia:** Ouxe, quer dizer que as mulheres entraram no Cangaço, vivendo no mato pra fazer café? Me poupe, Matheus.

**#2- Quadro grande** - Professora fala apontando para o leitor.

**Prof. Maria:** Gostei da colocação de vocês, qual era realmente o papel da mulher no Cangaço? Vamos estudar o surgimento do Cangaço, desde o primeiro líder Antônio Silvino e seu fiel seguidor Virgulino Ferreira e compreender quando acabou o Cangaço na Era Vargas. E para finalizar com uma pesquisa em Dupla, escolham a sua dupla com cuidado e entreguem o nome no final da aula. No trabalho, cada dupla deverá pesquisar e elaborar a biografia de duas mulheres participantes do Cangaço, qual o papel da mulher no movimento e finalizar com a apresentação do relato da biografia para a turma.

**#3- Quadro grande sem bordas** - Professora em frente ao quadro aparecendo de corpo inteiro ao explicar as características do Cangaço.

**Prof. Maria:** Vamos lá? Vou apresentar as principais características do Cangaço, mostrar algumas imagens dos Cangaceiros retiradas pelo fotógrafo Benjamin Abrahão em (1936) para vocês terem a noção de como Lampião tinha um grande ego e queria ficar na história, deixou que fizessem um álbum de fotos dele e do bando. Vou mostrar também a foto chocante das cabeças dos Cangaceiros assassinados na grota do Angico que foram expostos em praça pública em Piranhas-AL.

**#4- Quadro médio** - Matheus segura a cabeça com uma das mãos, espantado.

**#5- Quadro médio** - Matheus com rosto assustado pergunta à professora.

**Matheus:** Cabeças, professora?

## PÁGINA 5

**#1- Quadro grande** – Visão do busto da Prof.<sup>a</sup> Maria explicando para Matheus.

**Prof.<sup>a</sup> Maria:** Sim, Matheus. Após mortos, a volante, também apelidados de Macacos<sup>10</sup> pelos cangaceiros, degolaram os 11 cangaceiros e deixaram expostos em praça pública em Piranhas, aqui em Alagoas.

**#2- Quadro médio** – Eloisa assustada com a resposta faz cara de espanto.

**Eloisa:** Misericórdia, professora.

**#3- Quadro médio** - Eloisa pergunta à professora.

**Eloisa:** Que violência infeliz, eles poderiam fazer isso?

**#4- Quadro grande** – Visão do busto da Prof.<sup>a</sup> Maria explicando para Eloisa.

**Prof.<sup>a</sup> Maria:** A violência no sertão nordestino foi naturalizada, Eloisa. Tanto da parte dos Cangaceiros, quando conseguiam capturar algum soldado ou inimigo do grupo, quanto da polícia, dos macacos, para reprimir os atos com ainda mais violência. Casos de estupros também das mulheres famílias dos cangaceiros ou familiares da volante, também eram utilizados como meio de vinganças entre eles.

Os cangaceiros chamavam a polícia especializada em procurá-los de macacos, pois pulavam feito macacos das balas.

---

<sup>10</sup> NEGREIROS, Adriana. Maria Bonita: sexo, violência e mulheres no Cangaço. 2018. p. 233. “Ele não se sensibilizou, arrancou-lhe a cabeça, ainda com vida”.

## PÁGINA 6

**#1- Quadro grande** – Eloisa pergunta à professora e Matheus a olha concentrado.

**Eloisa:** Mas, professora, a família não tinha nada a ver e pagava o pato?

**#2- Quadro grande sem bordas** – Professora encostada no birô começa a explicar para Eloisa e a turma.

**Prof.<sup>a</sup> Maria:** Olha só, turma. A rivalidade entre famílias gerava conflitos extremos entre os nordestinos, o cangaço surge diante do pagamento entre coronéis para proteção, o cangaço independente inicia com Antônio Silvino que utiliza como meio de vida, ganho “fácil de dinheiro”, mas para muitos o cangaço era meio de sobrevivência diante da seca, diante do descaso do poder público com a população e também como meio de vingança e refúgio. Sobre vingança, tem o detalhe de se vingar entre as brigas de famílias, a exemplo temos a rivalidade da família Ferreira, família de Lampião com os Saturninos, que gerou anos de brigas, e apontado com um dos motivos do ingresso do Rei do Cangaço ao movimento.

**#3- Quadro grande** – Matheus faz uma pergunta à Prof.<sup>a</sup> Maria e Eloisa o olha com cara de brava.

**Matheus:** Então se as famílias estavam envolvidas, eles buscavam se vingar dos membros mais fracos, como as mulheres?

**Eloisa:** Quem disse que mulher é membro mais fraco? De onde você tirou essa ideia?

## PÁGINA 7

**#1- Quadro grande sem bordas** – A Prof.<sup>a</sup> Maria andando pela sala responde, Matheus e Eloisa.

**Prof.<sup>a</sup> Maria:** Os dois estão certos de diferentes pontos de vista, mas a mulher era vista como sinônimo de fraqueza, Eloisa, no período, e infelizmente para algumas mentes machistas continua sendo. No período do cangaço de Antônio Silvino, não aceitava mulheres no bando, era o código de conduta. Somente Lampião, ao se apaixonar por Maria Déa, pois não era conhecida como Maria Bonita na época, morena bonita, casada com um cabra que só lhe colocava chifre na linguagem popular, que vai permitir a primeira mulher a ingressar no bando em 1930. Abrindo portas para que outras mulheres participassem do cangaço, algumas por vontade própria como Maria Bonita e outras foram raptadas pelos cangaceiros.

**#2- Quadro pequeno** – Júnior pergunta à Prof.<sup>a</sup> Maria.

**Júnior:** Professora, essas mulheres poderiam ir para o combate contra os macacos?

**#3- Quadro pequeno** – Prof.<sup>a</sup> Maria prontamente responde ao aluno.

**Prof.<sup>a</sup> Maria:** Claro, algumas chegavam a participar dos embates com os Macacos, como Dadá, mas a maioria das cangaceiras tinham pequenas armas para a sua proteção.

**#4- Quadro pequeno** – Sinal tocando

**#5- Quadro médio** – Prof.<sup>a</sup> Maria avisa aos alunos que a aula terminou e pede para que escrevam o nome de suas duplas.

**Prof.<sup>a</sup> Maria:** Pessoal, antes de saírem por favor coloquem na lista o nome de suas duplas para a atividade por favor.

**#6- Quadro médio** – Close na mão de Matheus assinando seu nome junto com Eloisa para a dupla.

## PÁGINA 8

**#1-** Quadro médio – Portão da escola com os alunos indo embora.

**Texto off:** Tarde de segunda-feira, às 12:00h

**#2-** Quadro médio – Visão das costas de Matheus e Eloisa andando com mochila nas costas.

**Matheus:** Nós podemos estudar na sua casa Elô? Acho que sua mãe pode nos ajudar.

**Eloisa:** Boa ideia, mainha pode nos ajudar a pesquisar o assunto.

**#3- Quadro grande** - Visão frontal de Matheus e Eloisa conversando no caminho de casa.

**Eloisa:** Seria incrível poder perguntar à própria Maria Bonita como foi sua vida e de suas companheiras.

**Matheus:** Deixa de sonhar, Eloisa. Pelo amor de Deus, como elas iriam parar no século XXI? Máquina do tempo da Elô, sonhe e viaje nela. HAHAHAHA!

**Eloisa:** Ouxee, fica quieto, Matheus. Foi só um pensamento.

**#4- Quadro grande** - Visão de costas, mostrando o corpo todo dos personagens onde eles continuam andando e param para lanchar.

**Eloisa:** Tô com fome, vamos na feirinha ali na frente comer uns pastéis com suco.

**Matheus:** Vamos, já estava até sentindo o cheirinho de pastel.

## PÁGINA 9

**#1- Quadro grande** – Matheus e Eloisa conversam enquanto comem pastel e tomam suco de maracujá.

**Eloisa:** Nossa Senhora, suco forte esse. Vou dormir a noite toda com isso.

**Matheus:** Do jeito que é preguiçosa, vai dormir a tarde também kkkkkk. Encontro você amanhã na escola e depois vamos fazer a pesquisa do trabalho, vou ter que aturar você o dia todo.

**Eloisa:** Vai procurar o que fazer, Matheus. Eu que vou ter o castigo de aturar tú!

**#2- Quadro grande** – Céu cheio de estrelas e a lua cheia.

**Texto off:** A noite no mesmo dia...

**Texto off:** Matheus e Eloisa vão dormir e têm o mesmo sonho curioso... estão perdidos no meio da Caatinga, no século XX.

**#3- Quadro médio** – Matheus deitado em sua cama.

**#4- Quadro médio** – Eloisa deitada em sua cama.

## PÁGINA 10

**#1-** Quadro grande - Ambientação da Caatinga do século XX.

**Texto off:** Caatinga, no século XX, proximidade da grota do Angico – Município de Poço Redondo/SE.

**#2-** quadro pequeno - Imagem do sol forte.

**#3-** Quadro pequeno - Eloisa acordando no chão seco já com suas roupas do dia a dia.

**#4-** Quadro pequeno - Eloisa coçando os olhos.

**#5-** Quadro grande - Eloisa sentada no chão se pergunta.

**Eloisa:** Meu Deus, por que estou aqui? Isso é xique-xique? Mandacaru? Onde é esse lugar cheio de mato seco? Preciso encontrar alguém que possa me ajudar.

## PÁGINA 11

#1- Quadro grande - Matheus com as mãos ao redor da boca gritando socorro em meio à Caatinga, um calango passa no local.

**Matheus:** Onde estou? Socorro! Tem vida humana nessa terra de espinhos?

#2- Quadro pequeno – Visão das costas de Matheus, ele sente algo tocando seu ombro esquerdo e em meio a sombras um galho seco o toca.

#3- Quadro pequeno – Visão de frente de Matheus arrepiado com o cipó de galho seco tocando seu ombro.

**Matheus:** So co rro...

#4- Quadro pequeno – Eloisa aparece andando e vê Matheus atrás de uma moita e vai ajudar.

**Eloisa:** Acho que tem alguém ali atrás.

#5- Quadro pequeno – Visão de frente, Matheus com as mãos nos olhos assustado e uma mão ao fundo tira o cipó do ombro de Matheus.

#6- Quadro grande – Eloisa olhando para Matheus com o cipó na mão e rindo.

**Eloisa:** Matheus, pelo amor de Deus! É só um cipó grudado em folhas de xique-xique, deixa de alarme, menino. Hahahaha!

**Matheus:** Eloisa do céu, o que diachos estamos fazendo aqui? Que lugar é esse? Graças a Deus que é você!

## PÁGINA 12

#1- Quadro médio - Matheus e Eloisa conversam tentando entender onde estão.

**Eloisa:** Não faço a mínima ideia, parece as fotos que a professora mostrou ontem. Acho que estamos na Caatinga.

**Matheus:** Não sei onde estamos, mas precisamos sair daqui.

#2- Quadro médio - Close na parte do tronco dos personagens, Matheus pega a mão de Eloisa e eles correm sem destino certo, rasgando-se em meio à vegetação espinhosa.

**Eloisa:** Calma Matheus, larga minha mão.

**Matheus:** Sebo nas canelas, Eloisa.

#3- Quadro grande - Visão de baixo dos personagens em perspectiva correndo.

#4- Quadro pequeno - Close no pé de Matheus tropeçando em uma pedra.

#5- Quadro grande - Matheus e Eloisa deitados no chão e gritando de dor.

**Matheus:** Aiiiiiiiiiiiiiiiiiii!

**Eloisa:** Aii!

## PÁGINA 13

#1- Quadro grande – Visão de trás, Eloisa e Matheus ainda no chão atrás de uma moita e a frente a visão de um bando de cangaceiros com roupa de couro, gibão, bernal colorido, chapéu de couro e pele esfolada de espinhos, além de alguns cães.

**Eloisa:** Nossa Senhora, são cangaceiros!

**Matheus:** Deixa de ideia menina, isso não existe mais!

#2- Quadro pequeno – Visão das costas de Matheus e de frente de Eloisa, ela fala.

**Eloisa:** E se estivermos em outra época?

#3- Quadro pequeno – Visão invertida, Matheus responde Eloisa animado.

**Matheus:** Vamos pra lá e descobrir.

#4- Quadro médio – Visão de Eloisa respondendo a Matheus.

**Eloisa:** Tá maluco? Vamos sair é de fininho e procurar um abrigo.

**Matheus:** Elô, por Cristo, estou morrendo nesse calor, quero água.

#5- Quadro médio – Eloisa aponta um caminho onde tem uma casa no horizonte.

**Eloisa:** Eu também, menino! Estou exausta. Mas, olha ali. Acho que tem uma barraca.

#6- Quadro médio – Visão do busto deles correndo em direção à casa.

**Texto off:** eles seguem uma trilha no caminho oposto dos cangaceiros, depois de muito caminhar, exaustos do calor escaldante, com sede, ofegante.

## PÁGINA 14

#1- Quadro grande – Visão das costas de Matheus e Eloisa em frente à casa prontos para pedir ajuda.

**Matheus:** Vamos juntos pedir abrigo.

#2- Quadro médio – Visão de frente Matheus e Eloisa e olham com duas sombras ao fundo.

**Eloisa:** Espero que tenha alguém em casa.

#3- Quadro médio – Visão de trás de Matheus e Eloisa com duas sombras o agarrando.

**Eloisa:** Quem são vocês? Me solta!

**Matheus:** Solta a gente, vamos conversar.

#4- Quadro grande – Visão lateral dos personagens com as mulheres apontando facas para eles.

**Maria Bonita:** Que diachos esses dois surgiram do nada? Estão espiando a mando de quem?

**Sila:** Pelo leite que você mamou, cumadre, eles são muleques, devem estar perdidos. Bora prosear com eles.

## PÁGINA 15

#1- Quadro médio – Maria Bonita aponta faca para o leitor e fala.

**Maria Bonita:** Estão a mandado de quem? Bora, desembucha logo! De onde vocês vieram?

#2- Quadro médio – Eloisa de frente falando e olhando para o leitor.

**Eloisa:** Nós... Nós... Estamos perdidos, não é mandado de ninguém não. Quem são vocês?

#3- Quadro grande sem bordas – Personagens de pé conversando, visão lateral.

**Sila:** Que vestimenta esquisita é essa, menina? Tu veste roupa de macho por quê?

**Eloisa:** É uma calça nor nor mal. (gaguejando)

**Maria Bonita:** Que normal? Isso é roupa de macho, o garoto ali tá certo usar.

**Matheus:** É... É... Eu uso qualquer coisa... (Pálido e tremendo)

#4- Quadro grande sem bordas – Personagens ainda conversando.

**Eloisa:** Por favor, só queremos abrigo. Não sei onde estamos. Por favor, que dia é hoje? Que data é hoje? (com lágrimas nos olhos)

**Sila:** Olha, Maria Déa, esses meninos são estranhos. De onde diacho saíram?

**Maria Bonita:** Bora levar eles pra dentro. Lá damos uns cascudos! (diz ela com olhar malicioso e zombeteiro).

## PÁGINA 16

**#1-** Quadro médio – Interior de uma casa onde tem apenas um casal sem filhos, ou estão escondidos. O casal de coiteiros, assim denominados por ajudar os cangaceiros a conseguir mantimentos, dar abrigo e proteção, conversam com as duas mulheres estranhas baixinho em um cômodo que parece ser a cozinha.

**#2-** Quadro médio – Enquanto Eloisa e Matheus estão sentados em banquinhos no que parece ser a sala, casa com paredes de taipa e chão de terra batido. Na cozinha tem apenas uma simples mesa, espaço de fogo à lenha e um pote, na sala têm um rádio, uma rede e alguns banquinhos.

**Matheus:** O que será que estão conversando na cozinha?

**Eloisa:** Bom, elas pediram pra esperar.

**#3-** Quadro pequeno – Visão do busto de Matheus e Eloisa, eles olham ao redor curiosos com a casa.

**Eloisa:** Elas estão vindo!

**#4-** Quadro grande – Maria Bonita, Sila, Eloisa e Matheus sentados em bancos de madeira conversando.

**Maria Bonita:** Passa na minha frente, bora com a gente e Lampião ver teu destino.

**Eloisa:** Lampião? Espera, quem são vocês? Nós somos só moradores de uma cidade pequena e linda, Limoeiro de Anadia, nas Alagoas.

**#5-** Quadro grande – Maria Bonita, Sila, Eloisa e Matheus de perfil conversando.

**Maria Bonita:** Deixa de conversa, sabem quem sou eu. Maria Déa de Lampião e vocês dois são espião que vão ficar é sem mão.

**Sila:** Deixa de brutalidade, Maria. Vamos prosear com os caboclos. Como se chama? Eu sou Sila, muié de Zé Sereno. Nós vamos levar vocês para o abrigo e lá os cabras decidem o que faz

## PÁGINA 17

#1- Quadro grande – Visão de fora da casa com a silhueta dos 4 personagens saindo da casa dos coiteiros e se embrenham na caatinga para encontrar o bando de Lampião.

#2- Quadro pequeno – Close em Eloisa falando.

**Eloisa:** Vocês são cangaceiras mesmo? Quantas de vocês existem? Vocês usam armas? Participam das brigas? Estou tão feliz em ver vocês!

#3- Quadro pequeno – Close em Matheus que responde Eloisa.

**Matheus:** Fica calada, menina. Para de interrogar quem quer nos matar!

#4- Quadro médio – Close em Maria Bonita falando.

**Maria Bonita:** Que moleque frouxo, a menina tem mais coragem. Hahaha! Em criança eu não mecho não. Sou a primeira cangaceira do sertão e tem umas 60 muié espalhada nos outros bandos, como o de Corisco que viajam por aí com seus companheiros.

#5- Quadro grande – Personagens de perfil andando Maria Bonita e Sila na frente e Eloisa e Matheus logo atrás.

**Sila:** Aqui toda muié é valente, todas têm armas pra proteger nós. Tem muié que é como esse aí, não participa dos combates. Eu que gosto mesmo e Dadá também, aquela é mais braba que o Diabo Louro, se brincar Corisco perde o bando pra ela. Hahahaha!

**Maria Bonita:** Deixa de conversa besta, Sila! Só fala isso porque ele não está aqui hoje.

## PÁGINA 18

**#1-** Quadro grande – Personagens de perfil conversando, cangaceiras na frente e Eloisa e Matheus atrás.

**Matheus:** Como vocês entraram no Cangaço?

**Maria Bonita:** Olha, Sila, o moleque tem voz! Entrei porque quis, entrei atrás do meu homem Lampião. Deixei o cabra safado do Zé Neném, aquela praga não é homem de verdade pra ser marido de ninguém!

**Sila:** Eu fui arrastada pra cá com 14 anos pra essa vida sofrida. Zé Sereno me arrastou, não queria, Corisco arrastou Dadá também e tivemos que ser muié deles à força, não tivemos opção!

**#2-** Quadro grande – Maria Bonita fala com Eloisa.

**Maria Bonita:** Deixa de resmungar, muié. Destá que aqui a gente tem liberdade, a Adília entrou no Cangaço com Canário, foi porque podia usar vestido acima do joelho, pintar os beiços, arrumar o cabelo, dançar e se perfumar. O pai deixava ela nos cabrestos. Enedina também entrou pelo amor. É só respeitar os homens, porque traição é paga com moeda de fogo, com a morte.

**Eloisa:** Com todo respeito, vocês amam os Cangaceiros e essa vida de se esconder na caatinga?

**#3-** Quadro grande – Plano americano aparecendo somente Maria Bonita e Sila de perfil andando.

**Sila:** Amor é uma palavra muito forte, a gente aprende a conviver e ter respeito pelo homem. A gente se acostuma com o sofrimento no meio dos matos, quem tá no mato quer viver também.

**Maria Bonita:** Apois eu amo demais meu Virgulino! A vida é dura, mas é vida!

## PÁGINA 19

**#1-** Quadro grande – Plano americano aparecendo somente Eloisa e Maria bonita.

**Eloisa:** Vocês sabem que data é hoje? Que dia é hoje?

**Maria Bonita:** Os coiteiros falaram que é 27 de Santana<sup>11</sup> de 1938, vamos deixar de conversa. Chegamos no abrigo, agora vocês fecham a matraca.

**#2-** Quadro médio – Silhueta vista de cima dos personagens andando na caatinga.

**Texto off:** Não sabem eles que hoje é o dia anterior à morte de Lampião, Maria Bonita e mais nove cangaceiros.

**#3-** Quadro médio – Maria Bonita e Eloisa de perfil, Maria Bonita olha pra menina com sorriso malicioso e sorri enquanto responde.

**Eloisa:** Valei-me que nós estamos adiantados, nós somos de 2023.

**Maria Bonita:** Hahaha! Oia que mal inventado! Além de esquisitos não tem juízo!

---

<sup>11</sup> Mês de julho para os nordestinos. Assim denominado por ser o mês de Santa Ana.

## PÁGINA 20

**#1-** Quadro grande – Um grupo de homens sentados embaixo de uma árvore e deitados em redes, todos vestidos com gibão de couro, chapéu de couro e botas. Com armas ao redor e facas na cintura, em destaque está um homem alto, magro, com óculos sentado enquanto costura.

**#2-** Quadro pequeno – Close em Matheus surpreso ao ver os homens.

**Matheus:** Minha Nossa Senhora, aquele é Lampião? Ele está costurando?

**#3-** Quadro médio – Close em Maria Bonita e Sila que respondem Matheus.

**Maria Bonita:** Cabra macho também costura, faz o café de manhã e vai caçar e limpar. Lá pra meio dia vou levar ocês até Lampião, por enquanto deixa ele quieto porque ele não gosta de perturbação enquanto costura seu bernal.

**Sila:** Vai pra lá, Maria. Vai saber de Lampião, eu cuido dessas duas crias.

**#4-** Quadro pequeno – Matheus e Eloisa se olham com desespero.

**#5-** Quadro médio – Eloisa assustada pergunta a Sila.

**Eloisa:** Você vai nos machucar? Minha mãe vai chorar tanto se eu não chegar em casa.

**Sila:** (responde tristonha) Já tive uma cria e não pude criar, tem que entregar pra coiteiro no mato não pode ficar, criança chora e os macacos escutam. Maria foi a parteira, Lampião é padrinho do meu menino. A pior coisa do cangaço é ter filho e não poder criar.

## PÁGINA 21

#1- Quadro pequeno – Close em Matheus que pergunta a Sila.

**Matheus:** Lampião e Maria também tiveram filho? E quem são aqueles homens e aquelas mulheres?

#2- Quadro médio – Close em Sila colocando a mão acima dos olhos pra tentar ver os cangaceiros para responder Matheus.

**Sila:** Maria entregou sua menina pra um cabra de confiança também. Ahh tem gente demais ali, tô enxergando apenas, Criança, Quinta-Feira, Mergulhão, Luís Pedro, Elétrico, Caixa de Fósforo, Enedina, Cajarana, Moeda e Mangueira, Adília. Cá pra nós, o que muié faz de onde você veio?

#3- Quadro médio – Close em Eloisa respondendo a Sila.

**Eloisa:** Pode fazer qualquer coisa, professora, médica, jornalista, polícia, o que desejar, desde que estude muito e seja duas vezes melhor que o homem. Sempre temos que nos esforçar mais que eles e ficar mostrando o nosso valor. Apesar de continuarmos sofrendo com a falta de respeito com as mulheres.

#4- Quadro médio – Close em Sila que responde Eloisa.

**Sila:** Falta de respeito e apanhar aqui também tem de monte, mas agora vocês podem estudar e vestir roupa de macho, já é um lado. Aqui é cada um bem amarrado. Queria viver até lá pra ver as coisas tudo mudada, não ter nenhum cabra arrastando muié pro mato apulso, como fui arrastada com 13 anos pra essa vida desgraçada.

#5- Quadro grande – Eloisa, Matheus e Sila aparecem juntos.

**Eloisa:** Ainda estamos lutando por isso, ter respeito, ter direito a receber o mesmo que os homens quando trabalhamos, e poder viver sem medo de andar na rua e ser molestada. Vocês são símbolos de resistência, algumas tiveram a coragem de abandonar uma vida miserável para seguir o amor, como Maria do Lampião e Enedina, buscar independência em meio aos preconceitos da sociedade nordestina que ver a mulher como objeto e complemento dos homens.

## PÁGINA 22

#1- Quadro médio – Maria Bonita aparece de costas indo em direção a Eloisa, Matheus e Sila que estão conversando.

#2- Quadro médio – Visão lateral, Maria Bonita chega perguntando o que estão falando.

**Maria Bonita:** Qual é a prosa de ocês?

**Matheus:** Estamos falando da liberdade e ousadia de vocês, mulheres cangaceiras.

#3- Quadro médio – Close em Maria Bonita falando.

**Maria Bonita:** Aqui temos mais liberdade com base no respeito, mesmo diante da vida difícil de correr da volante, de dormir no chão batido e ter dias de passar até sede. As companheiras aqui são fortes, corajosas para encarar tudo e temos as aventuras pra contar. Cada dia é um pega pra capá diferente!

#4- Quadro pequeno – Eloisa fala empolgada querendo saber mais das cangaceiras.

**Eloisa:** Queria saber todas as aventuras de vocês! Toda mulher é corajosa, ser mulher é difícil e somente nós sabemos das batalhas travadas todos os dias.

#5- Quadro grande – Visão lateral mostrando as cangaceiras e as crianças.

**Maria Bonita:** Tú pequena, é esperta! Olhem só, Lampião não quer saber de vocês hoje, vai matar uns bodes que arrumou com uns coiteiros, pra assar pra gente comer no entardecer. Hoje é dia de descanso e forró!

**Sila:** Vou acobertar esses dois atrás de alguma pedra, fazer um coito pra eles.

## PÁGINA 23

**#1-** Quadro médio – Matheus e Eloisa de costas sentados no chão observando ao longe.

**#2-** Quadro médio – Cangaceiros em volta de uma fogueira assando carne em uma fogueira, fumaça sai da carne e o céu já escurecendo.

**#3-** Quadro médio – Sila e Maria Bonita oferecem um pedaço de carne e água a Matheus e Eloisa que estão sentados no chão.

**#4-** Quadro médio – Maria Bonita e Sila sentam perto de Matheus e Eloisa e conversam enquanto eles comem.

**Maria Bonita:** Sila, menina, estou tão cansada dessa vida, queria deixar tudo pra lá e ir embora. A volante não me mata.

**#5-** Quadro grande – Maria Bonita e Sila sentadas de costas vendo um brilho no mato.

**Sila:** Não tem jeito, Maria Déa, o Capitão não abandona o navio. Espia, acho que tem alguma lanterna ali no mato.

**Maria Bonita:** É nada, é só um vagalume.

**#6-** Quadro pequeno – Visão de costas, Eloisa e Matheus se olham com apreensão, e Eloisa fala baixinho.

**Eloisa:** Como vamos sair daqui?

**Matheus:** É só virar cangaceiro também. Hahaha! (rir de nervoso)

## PÁGINA 24

#1- Quadro pequeno – Sila falando no ouvido de Zé Sereno.

**Texto off:** Sila por estar com saudades do filho que teve que entregar, pede a Zé Sereno para dormir com os garotos.

#2- Quadro grande – Visão de cima mostrando Eloisa, Matheus e Sila os três abaixo da rocha deitados no chão batido.

**Texto off:** Madrugada do dia 28 de Julho de 1938.

#3- Quadro pequeno – Close em arma atirando.

**Onomatopeia:** BANG.

#4- Quadro médio – Eloisa acordando assustada.

**Texto off:** Agora em junho de 2022.

#5- Quadro médio – Matheus acorda assustado.

**Texto off:** 04:00h da madrugada.

#6- Quadro médio – Eloisa sentada na cama ligando para Matheus.

**Eloisa:** Matheus você não vai acreditar no sonho que eu tive.

#7- Quadro médio – Matheus com celular empolgado enquanto fala com Eloisa.

**Matheus:** Já sei, foi no sertão com a Maria Bonita e Sila. Hahaha!

28 de julho de 1938, dia do massacre de Angico que dizimou parte do bando a de Lampião.

## PÁGINA 25

**#1-** Quadro pequeno – Matheus e Eloisa na sala de aula sentados conversando, visão de costas de um cochichando para o outro.

**Texto off:** No outro dia na Escola...

**Matheus:** Eloisa de Deus, que diachos de sonho foi aquele. Vamos contar isso para a turma e fazer o debate com a professora Maria.

**#2-** Quadro grande – Ainda sentados eles comentam sobre suas aventuras.

**Eloisa:** Vamos, Matheus! Nunca vivi algo tão real, ainda sinto o olhar zombeteiro de Maria Bonita e a paciência de Sila. Vamos contar que conhecemos Sila e Maria Bonita! Matheus, não sabiam elas que apenas uma sairia viva das aventuras que tiveram no Cangaço, apenas Sila sobreviveu mais uma noite depois daquele dia.

**Matheus:** Verdade, Elô. Apenas Sila pode contar a versão dela da história do Cangaço.

**#3-** Quadro pequeno – Eloisa e Matheus de pé falando com a professora.

**#4-** Quadro grande – Profª Maria de pé com Matheus e Eloisa na frente do quadro.

**Professora Maria:** Parabéns para os dois, vocês realizaram um lindo trabalho ao pesquisar sobre as duas e contar parte da vida delas para todos. Tenho certeza que essa história vai ficar na nossa mente sobre essas duas mulheres valentes!

**#4-** Quadro pequeno – Fala no ouvido de Eloisa.

**Matheus:** A verdade é que conhecemos elas! Não teve pesquisa nenhuma, foi uma viagem no tempo aquele sonho.

**#5-** Quadro pequeno – Close em Eloisa que fala com o leitor.

**Eloisa:** Só com um sonho assim você deixa de pensar que mulher era apenas para acompanhar os homens, tivemos medo de Sila que dirá se fosse a brava Dadá.

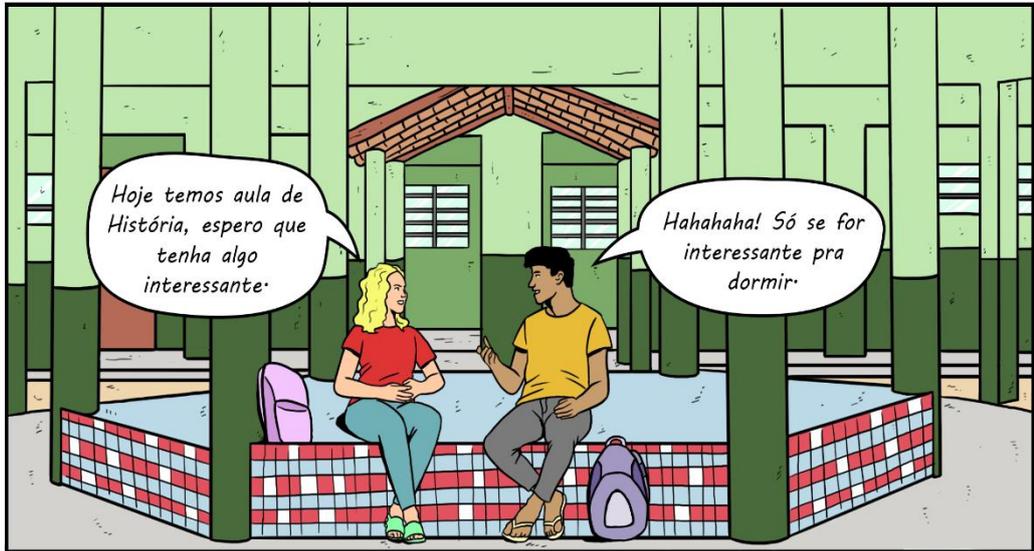
**#6-** Quadro médio – Matheus e Eloisa na frente falando.

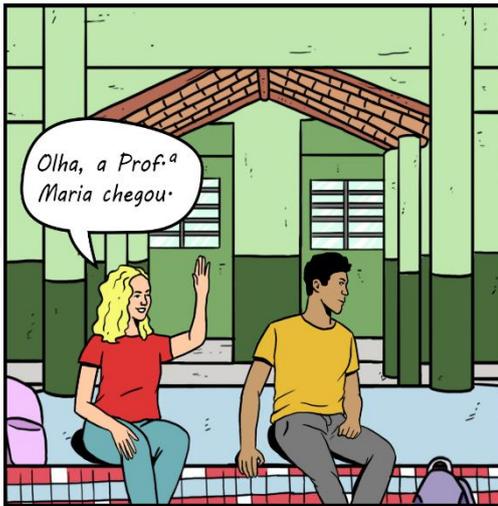
**Texto off:** Em sala de aula eles tentaram passar tudo aquilo que conseguiram viver em seus sonhos, como eram aquelas mulheres e como tinham que ser fortes para sobreviver naqueles tempos.

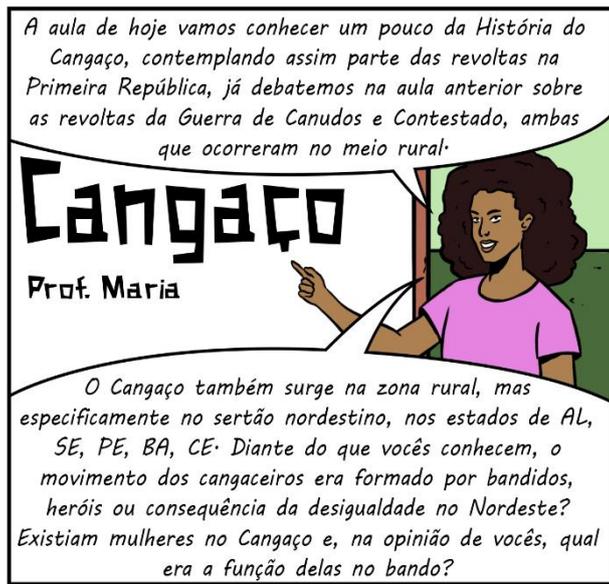
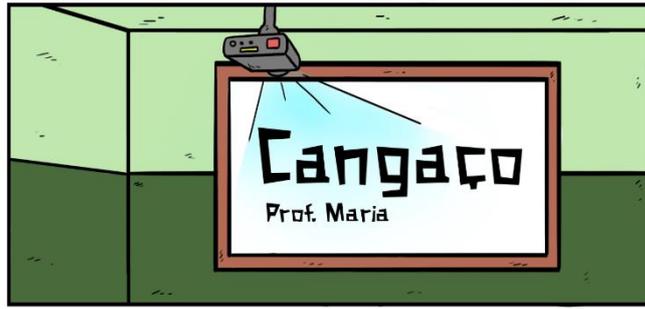
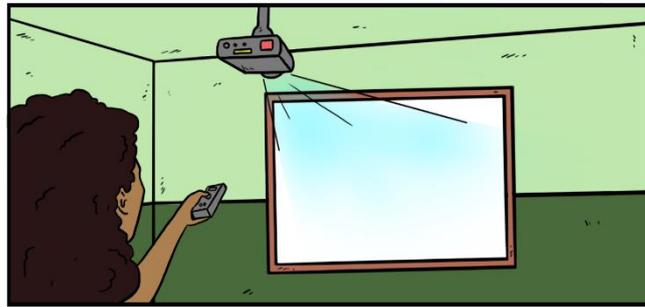
**FIM.**

Matheus e Eloisa em: as aventuras no Sertão de Maria Bonita e Sila.









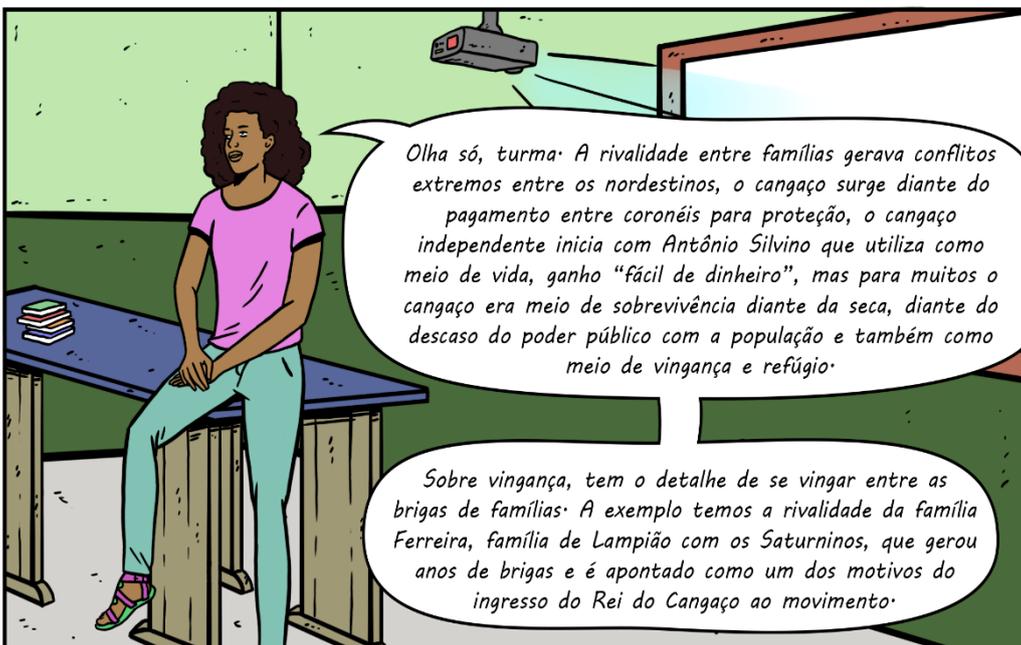


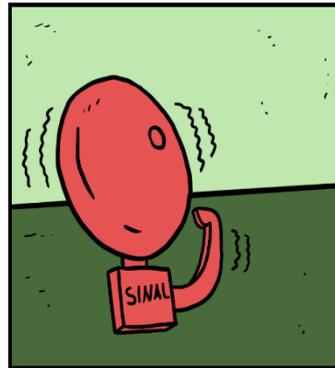


Os cangaceiros chamavam a polícia especializada em procurá-los de macacos, pois pulavam feito macacos das balas.

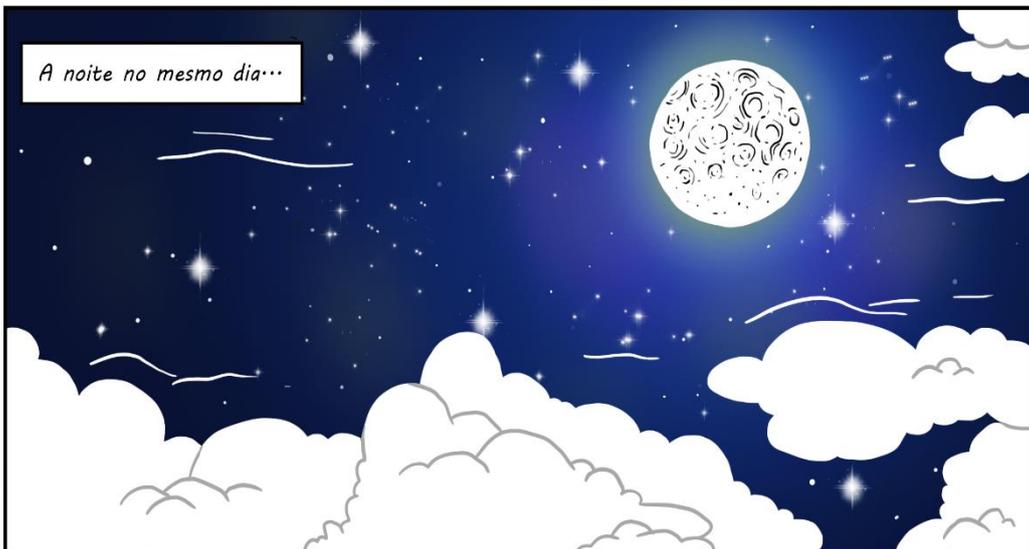
1 NEGREIROS, Adriana. Maria Bonita: sexo, violência e mulheres no Cangaço. 2018. p. 233. "Ele não se sensibilizou, arrancou-lhe a cabeça, ainda com vida".

2 MELO, Frederico Pernambucano de. Apagando o Lampião.

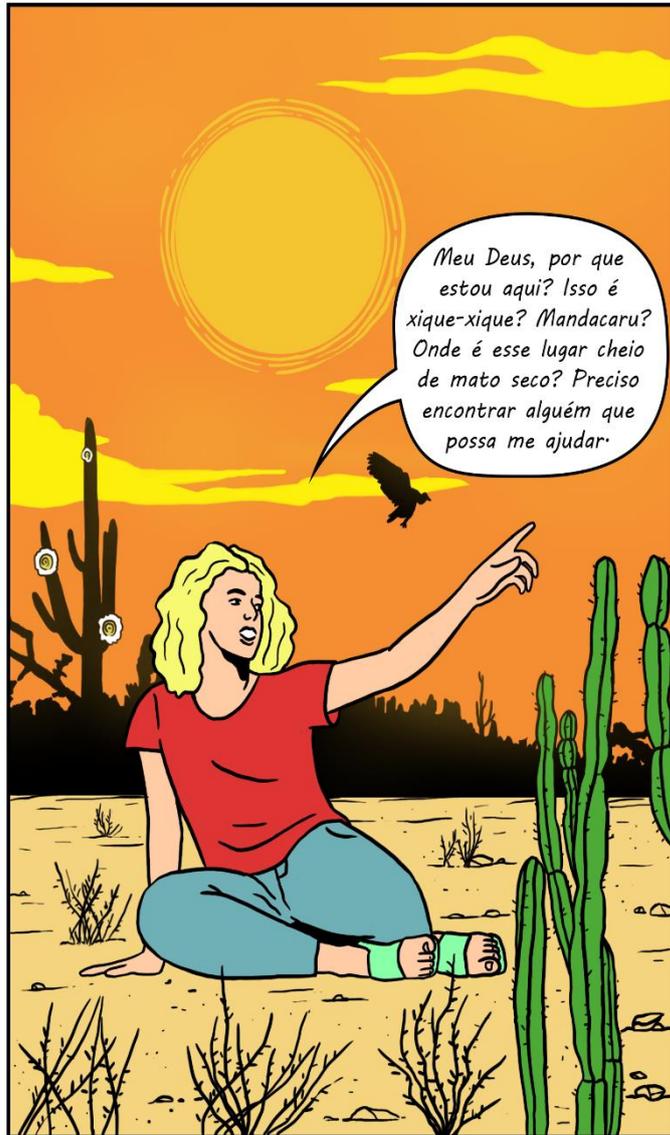




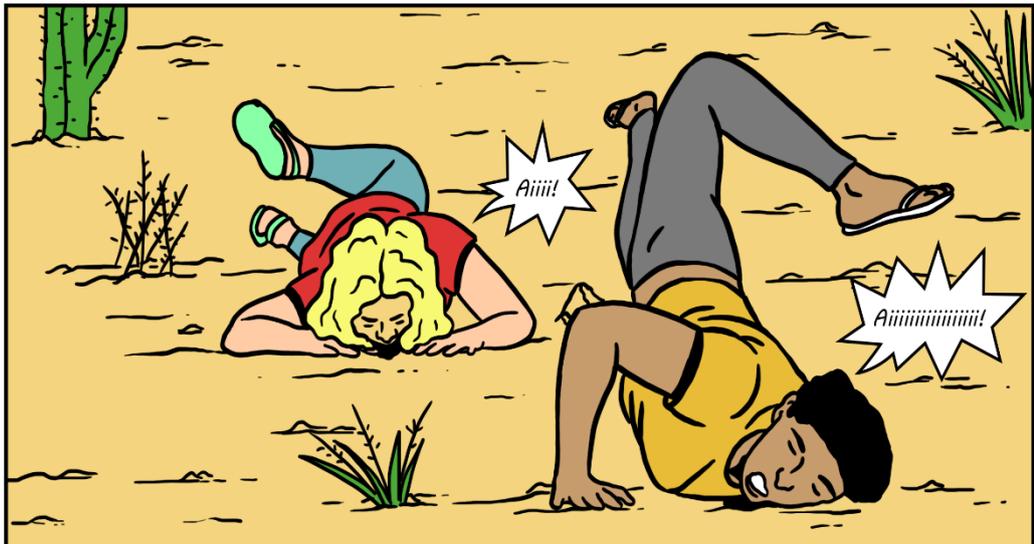




Caatinga, no século XX, proximidade da gruta do Angico - Município de Poço Redondo/SE.



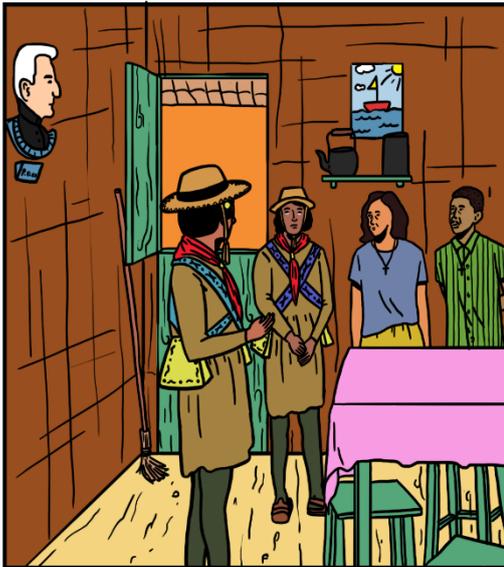












O que será que estão conversando na cozinha?

Bom, elas pediram pra esperar.



Elas estão vindo!



Passa na minha frente, bora com a gente e Lampião vê teu destino.

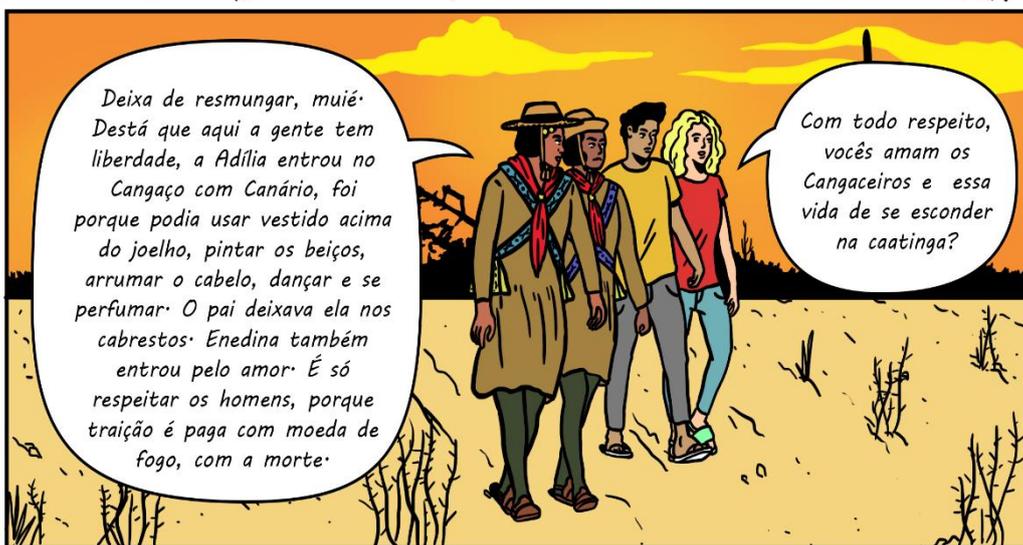
Lampião? Espera, quem são vocês? Nós somos só moradores de uma cidade pequena e linda, Limoeiro de Anadia, nas Alagoas.

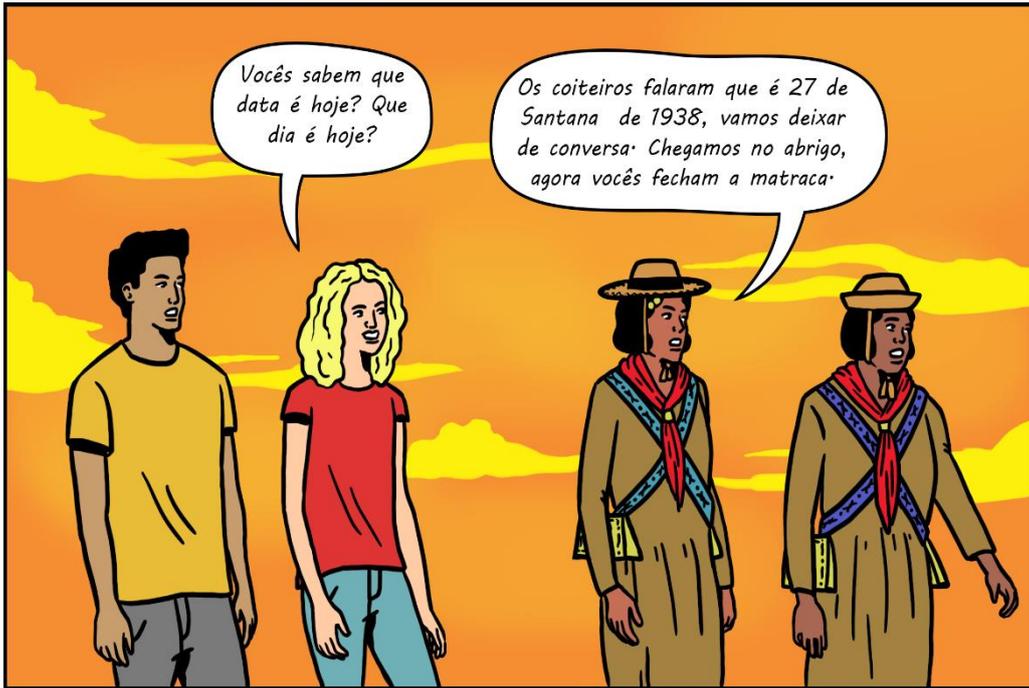


Deixa de conversa, sabem quem sou eu. Maria Déa de Lampião e vocês dois são espião que vão ficar é sem mão.

Deixa de brutalidade, Maria. Vamos prosear com os caboclos. Como se chama? Eu sou Sila muié de Zé Sereno. Nós vamos levar vocês para o abrigo e lá os cabras decidem o que fazer.





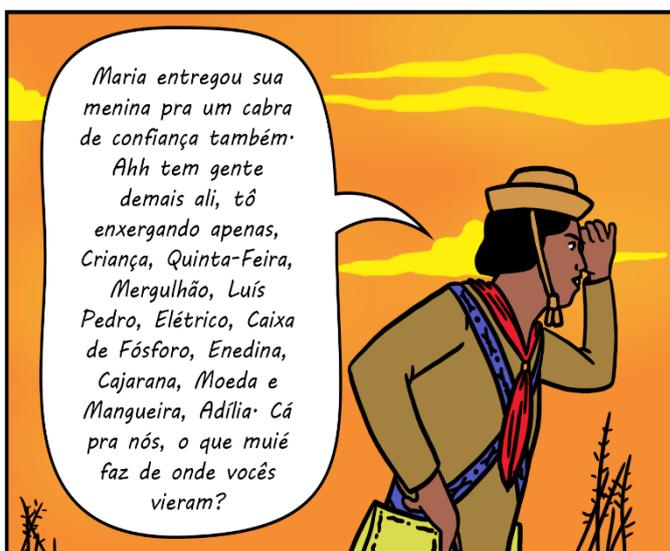


Santana era o mês de julho para os nordestinos. Assim denominado por ser o mês de Santa Ana.





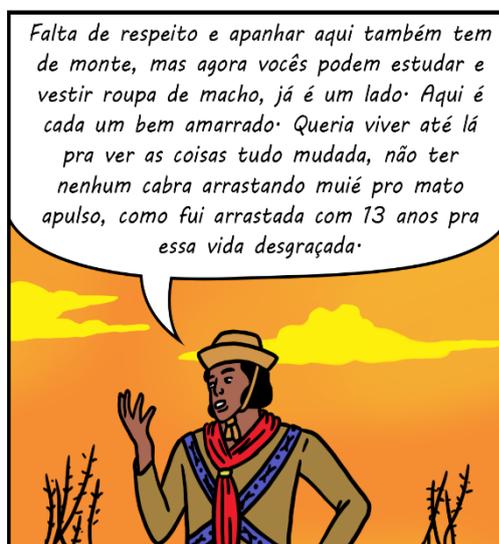
Lampião e Maria também tiveram filho? E Quem são aqueles homens e aquelas mulheres?



Maria entregou sua menina pra um cabra de confiança também. Ahh tem gente demais ali, tô enxergando apenas, Criança, Quinta-Feira, Mergulhão, Luís Pedro, Elétrico, Caixa de Fósforo, Enedina, Cajarana, Moeda e Mangueira, Adília. Cá pra nós, o que muié faz de onde vocês vieram?



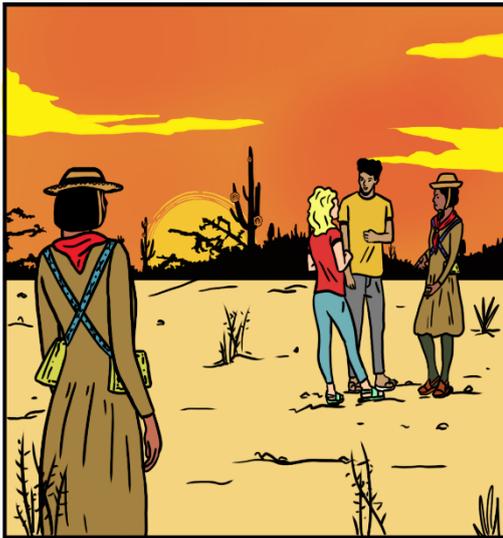
Pode fazer qualquer coisa, professora, médica, jornalista, polícia, o que desejar, desde que estude muito e seja duas vezes melhor que o homem. Sempre temos que nos esforçar mais que eles e ficar mostrando o nosso valor, apesar de continuarmos sofrendo com a falta de respeito com as mulheres.



Falta de respeito e apanhar aqui também tem de monte, mas agora vocês podem estudar e vestir roupa de macho, já é um lado. Aqui é cada um bem amarrado. Queria viver até lá pra ver as coisas tudo mudada, não ter nenhum cabra arrastando muié pro mato apulso, como fui arrastada com 13 anos pra essa vida desgraçada.



Ainda estamos lutando por isso, ter respeito, ter direito a receber o mesmo que os homens quando trabalhamos, e poder viver sem medo de andar na rua e ser molestada. Vocês são símbolos de resistência, algumas tiveram a coragem de abandonar uma vida miserável para seguir o amor, como Maria do Lampião e Enedina, buscar independência em meio aos preconceitos da sociedade nordestina que vê a mulher como objeto e complemento dos homens.







28 de julho de 1938, dia do massacre de Angico que dizimou parte do bando a de Lampião.

